

FREIDA McFADDEN



**NÃO
PERTURBE**

ALGUNS REFÚGIOS
SÃO OS LUGARES MAIS PERIGOSOS.





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

**NÃO
PERTURBE**



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

FREIDA McFADDEN

**NÃO
PERTURBE**

Traduzido por Roberta Clapp



Título original: *Do Not Disturb*

Copyright © 2021 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente em inglês em 2021 por Hollywood Upstairs Press.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

produção editorial: Ana Sarah Maciel

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Mariana Bard e Sheila Louzada

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Gastao

imagem de capa: kokopopsdave | iStock

foto da autora: © Mira Whiting

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429n

McFadden, Freida

Não perturbe [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo :
Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: Do not disturb

Formato: epub

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-306-0192-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título.

26-104083.0

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha família

SUMA

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS

[TRINTA E TRÊS](#)

[TRINTA E QUATRO](#)

[TRINTA E CINCO](#)

[TRINTA E SEIS](#)

[TRINTA E SETE](#)

[TRINTA E OITO](#)

[TRINTA E NOVE](#)

[QUARENTA](#)

[QUARENTA E UM](#)

[QUARENTA E DOIS](#)

[EPÍLOGO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[SOBRE A ARQUEIRO](#)

UM
QUINN

Estou lavando o sangue das minhas mãos na pia da cozinha quando a campainha toca.

Fico paralisada, as mãos cheias de espuma rosa; a água quente faz meus dedos arderem e formigarem. Tem alguém na porta. Alguém na varanda da frente, aguardando pacientemente que eu atenda. O momento não poderia ser pior.

Será que é alguma entrega? Pode ser que a pessoa largue o pacote lá e vá embora. Ou deixe um bilhete. *Lamentamos não ter encontrado você em casa! Voltaremos amanhã!*

Logo depois, escuto três batidas fortes na porta.

– Já vai! – grito com a voz estrangulada, mesmo sabendo que é improvável que me ouçam.

Esfrego furiosamente os dedos, depois as unhas, onde o sangue parece ter se acumulado nos cantinhos. Quem diria que é tão difícil limpar sangue das mãos?

– Só um minuto!

Fecho a água quente e examino as mãos, virando-as de um lado para o outro. Será que estão bem limpas? Espero que sim. Seco-as em um pano de prato verde-claro, que fica com uma mancha vermelha. Droga, não saiu tudo. Vou ter que lavar de novo.

Assim que me livrar de quem está na porta.

Meus saltos fazem barulho no piso de linóleo da cozinha, depois o som diminui quando piso no carpete felpudo da sala de estar. Derek e eu passamos horas analisando amostras antes de decidirmos pelo material cor de carvão que agora cobre por completo o cômodo amplo. É agradável ao toque dos pés descalços, e fico feliz de ter insistido em uma cor mais escura em vez de um tom

claro que deixaria evidente cada sujeira. Nosso carpete esconde poeira e detritos com facilidade.

Pelo visto, manchas de sangue também.

Ao me apressar em direção à porta, vejo luzes pelas janelas. Vermelhas e azuis, piscando, sincronizadas. Só pode significar uma coisa.

É a polícia.

Ah, meu Deus. Não, não, não, não...

Levo uma fração de segundo para me recompor. *Segura a onda, Quinn*. Respiro fundo, tentando fazer minhas mãos pararem de tremer. Não funciona. Então vou em frente e abro a porta mesmo assim.

Eu estava certa. É um policial. E não qualquer um, mas Scotty Dwyer, embora agora ele seja conhecido como Scott, ou agente Dwyer. Há um milhão de anos, quando estávamos no ensino médio, Scott e eu namoramos. Lembro que eu o achava estranhamente bonito, com o cabelo castanho-avermelhado sempre arrepiado e o rosto sardento. Mas a escola acabou, eu fui para a faculdade e ele foi trabalhar na mercearia do pai. Nem me lembro de ter terminado com Scott, mas as ligações de longa distância foram ficando cada vez menos frequentes, até que um dia, no primeiro ano de faculdade, percebi que não estávamos mais juntos.

Agora, Scotty é policial, de uniforme, distintivo e tudo. Era magro feito um palito, mas hoje vejo que o uniforme azul-escuro lhe cai muito bem. As sardas praticamente desapareceram e ele deu um jeito no cabelo, embora ainda tenha uma beleza juvenil.

Esse é o problema de voltar para a cidade onde cresci. As pessoas com quem esbarro são o cara que eu namorava na época da escola, o garoto que me viu vomitando no vestiário ou a menina que não me convidou para uma festa de aniversário. É exaustivo.

Mas às vezes pode funcionar a meu favor.

– Oi, Quinn.

Scott sorri para mim, mas seu rosto está sério. Não é uma visita comum (não que eu esperasse uma, já que mal nos falamos nos últimos dez anos).

– Tudo bem por aí? – pergunta ele.

Limpo as mãos na saia-lápis cinza, constrangida.

– Aham. Claro. Por quê?

– Bem...

Os olhos castanho-claros de Scott passam por mim, examinando a sala de estar. O sofá de couro macio, a poltrona e o pufe combinando, a televisão de tela

plana com som *surround*, as fotos da viagem recente a uma estação de esqui em Vale.

– Recebemos uma ligação. Um vizinho disse ter ouvido gritos vindos da sua casa.

– Gritos? – Abro o que na minha cabeça é um sorriso cem por cento verdadeiro. – Que estranho! Tem certeza de que vinham daqui?

Ele fixa os olhos nos meus.

– Bem, foi o que disseram.

Finjo pensar no assunto. Por fim, estalo os dedos.

– Ah! Sabe o que deve ter sido? Eu estava vendo um filme na TV, aí fui pra cozinha e coloquei o volume no máximo. Provavelmente era o filme, deve ter sido isso que ouviram.

Ele assente, reflexivo. Todo mundo diz que Scott é um ótimo policial: gentil, mas diligente. Fecho as mãos com força, esperando para ver se ele cai na minha história. Olho para baixo mais uma vez, em direção às minhas mãos trêmulas, com medo de que acabem me entregando. E é aí que percebo.

Um ponto vermelho na saia cinza.

Meu Deus, como deixei isso passar? Como pude atender à porta com uma gota de sangue na saia? Desvio depressa o olhar, tentando não chamar atenção para a mancha. Se ele vir, vai insistir em entrar. E, se isso acontecer, estou perdida.

– Que filme? – pergunta ele, por fim.

– Ah, *Pânico*. Sabe, com a Neve Campbell e a Courteney Cox?

Ele dá um pigarro.

– Aquele de terror, da máscara de fantasma, né?

– Isso. Então, é lógico que tinha... gritos. – Sorrio em tom de desculpas. – Lamento muito que alguém tenha ficado preocupado. Mas, como você pode ver, não tem nada de errado por aqui.

– Aham...

Não consigo respirar e mantenho os olhos fixos à frente. Envio uma mensagem silenciosa a Scott: *Não olha para baixo. Por favor, não olha para baixo.*

Scott inclina a cabeça de lado.

– Você tá sozinha?

Brinco com o cabelo, tentando parecer casual e sedutora. Tranquila, despreocupada. *Não tem nada de errado por aqui, senhor policial.*

– Sim. Só tem euzinha aqui. O Derek ainda tá no trabalho.

Não olha para baixo. Por favor...

Por fim, ele assente.

– Está bem. Desculpe incomodar. Só queria ter certeza de que estava tudo certo.

– Imagina! – Dou uma risada, torcendo para que não soe tão estranha para ele quanto soa aos meus ouvidos. – Que bom que você veio. Fico mais segura sabendo que você tá por aí me protegendo.

As maçãs do rosto de Scott adquirem um tom levemente rosa. Quando estávamos na escola e ele ficava envergonhado, o rosto inteiro parecia um tomate.

– Estou só fazendo o meu trabalho.

– Agradeço muito. E, da próxima vez, prometo não aumentar demais o volume. Principalmente quando estiver vendo filme de terror!

Ele balança o dedo na minha direção.

– É melhor, mesmo.

– E a gente deveria se ver um dia desses – acrescento. – Eu e o Derek vamos adorar receber você pra jantar.

– Ótima ideia, Quinn.

Scott não quer jantar comigo e com Derek. Mas tudo bem, não foi um convite sincero.

Ele desce os degraus da varanda e segue pela entrada da garagem até a viatura estacionada com as luzes piscando. Nunca tive a intenção de terminar com Scotty Dwyer, mas agora, pela primeira vez, fico imaginando como teria sido minha vida se tivesse me casado com um agente da lei bom e honrado, em vez de ter escolhido Derek. Com certeza, não estaria aqui com a saia e as solas dos sapatos manchadas de sangue.

Fecho a porta, mas fico olhando Scott pela janela. Observo enquanto ele dá a partida e não desvio o olhar até que o carro desapareça de vista.

Ele foi embora. Graças a Deus.

Agora que está longe, dou uma olhada na saia. A gota de sangue tem cerca de meio centímetro de diâmetro. Nunca tentei remover sangue da roupa antes, mas tenho um mau pressentimento de que minha saia de trabalho preferida está arruinada. E esse é o menor dos meus problemas.

Volto para a cozinha, examinando o tapete em busca de pegadas de sangue. A cozinha continua igual a alguns minutos atrás, quando saí de lá. A torneira da pia está pingando como sempre. A mancha vermelha no pano de prato verde ainda está ali. Os três pratos que deixei no escorredor ainda estão enfileirados. Preso à

geladeira, o lembrete que escrevi para mim mesma me informa que tenho que comprar mais papel-toalha.

E meu marido continua em uma poça de sangue no chão, morto.

DOIS

Quero deixar uma coisa bem clara. Fui eu que o matei.

Não vou alegar que foi o mordomo ou algo do tipo. Fui eu. Eu matei meu marido. Tudo que posso dizer em minha defesa é que tive um bom motivo.

Olho para Derek, caído no chão da cozinha, o sangue formando um círculo irregular sob seu corpo. A faca está ao lado dele, também coberta de sangue e com minhas impressões digitais. Por um momento, penso em limpar o cabo, mas com que objetivo? Esta é a minha casa. Ninguém tem um motivo tão bom para matar Derek quanto eu. Deixei pegadas ensanguentadas por todo o carpete. Ah, e um policial acabou de me ver aqui dentro aproximadamente na hora em que Derek morreu.

Então acho que, no fim das contas, algumas impressões digitais não são motivo de preocupação.

Eu me abaixo ao lado dele, sujando ainda mais a saia, mas acho que podemos concluir que a essa altura a saia já era. Os olhos castanhos estão entreabertos encarando o nada e os traços perfeitamente esculpidos, congelados. Os músculos do rosto estão relaxados pela primeira vez desde que o conheci. Derek estava sempre tenso, mesmo dormindo. Ele rangia os dentes tão alto que chegava a me acordar. Talvez na morte tenha alcançado o relaxamento total que o aplicativo de meditação nunca conseguiu lhe proporcionar. Talvez tenha finalmente alcançado um estado sublime de plenitude.

Seria terrível dizer que torço para que ele *não tenha* alcançado a plenitude? Seria terrível dizer que torço para que neste momento ele esteja queimando no fogo do inferno?

Bem, essa é a verdade.

E agora tenho que decidir o que fazer. A meu ver, tenho duas opções:

1. Ficar aqui e confessar
2. Fugir

A primeira é tentadora. Já estou aqui. A inércia é algo poderoso. E talvez eu possa dar a volta por cima. Afinal de contas, um vizinho me ouviu gritando. Será que alguém acreditaria se eu dissesse a verdade? Que se Derek não estivesse morto, eu estaria? Era ele ou eu. Simples assim.

Toco meu pescoço. Ainda está sensível no ponto em que os dedos dele apertaram. Vou ficar com hematomas. Ele nunca deixou nenhum hematoma antes (pelo menos não em lugares visíveis). Ainda consigo ouvir a voz dele sussurrando perto do meu rosto: *Por que você chegou tão cedo? Com quem planejava se encontrar aqui?*

Era ele ou eu. Talvez um júri se solidarizasse comigo.

Mas parece improvável. Derek era muito querido por todos em nossa comunidade e também *muito bem relacionado*. Era dono de uma empresa conhecida por todo mundo na Nova Inglaterra. E, mais importante ainda, a *família* dele é bem relacionada. Eles já fizeram doações para todos os políticos estaduais em exercício atualmente, incluindo o promotor de justiça. E nunca gostaram de mim. Se descobrirem o que fiz, não vão descansar enquanto eu não estiver apodrecendo numa cela pelo resto da vida. Vão gastar cada centavo que têm para me fazer pagar por isso.

Então só resta uma opção: *fugir*.

Não quero abandonar minha casa. Nem meu emprego no banco. Meus pais já morreram, mas minha irmã mais velha, Claudia, mora a apenas vinte minutos daqui e ficaria arrasada se eu desaparecesse da face da Terra. Mas ela entenderia. Ela sabe sobre Derek. Sabe como ele é.

É sexta-feira à tarde. Se a sorte estiver do meu lado, ninguém vai descobrir nada até segunda-feira, quando nós dois não aparecermos no trabalho. É claro que isso desconsidera a possibilidade de Dwyer nos fazer outra visita. Ou de minha irmã aparecer para dar um oi. Ou, o que é mais provável, de a mãe de Derek aparecer *sem motivo algum*, a não ser para enumerar tudo que faz de mim uma esposa insatisfatória. (Para ser justa, desta vez ela estaria totalmente certa.)

Eu me levanto do chão e olho para o corpo do meu marido. Se alguém entrar nesta casa, estou perdida. Vão ver Derek na mesma hora, e a caçada vai começar.

A mãe dele tem a chave, porque gosta de entrar quando quer. As chances de eu conseguir uma vantagem de três dias são pequenas, mas talvez de um dia seja possível.

É claro que, se as coisas tivessem sido diferentes e fosse eu no chão neste momento, Derek poderia facilmente me levantar, me jogar no porta-malas e me atirar em uma vala próxima. Depois, voltar para casa e limpar as evidências. Mas não consigo fazer isso. Derek pesa uns bons 35 quilos a mais do que eu. Não existe a menor possibilidade de eu levantar o corpo. Ele morreu no chão da cozinha e é onde vai ficar. Tentar fazer qualquer coisa em relação a isso seria perder um tempo precioso.

Não; se eu for fugir, preciso fazer isso agora mesmo. Mas, primeiro, tenho que me trocar.

Subo correndo até o quarto. Arrumei a cama hoje de manhã, do jeito que Derek gosta, com a colcha marfim com toque acetinado cuidadosamente estendida sobre a cama e os travesseiros empilhados e afofados. Minha mãe sempre me obrigava a fazer a cama quando eu era criança, mas perdi o hábito depois que me tornei adulta. Isso até me casar e perceber que era uma exigência de Derek. E não bastava apenas arrumar a cama: era preciso fazer isso de uma maneira muito particular, de acordo com as especificações dele.

Eu me lembro de um dia, alguns meses atrás, quando Derek entrou no quarto e descobriu que eu havia estendido a colcha *por cima* dos travesseiros e não *por baixo*. Ele semicerrou os olhos, e senti o estômago revirar.

Então é assim que você deixa nossa casa pela manhã?, disse ele. *Como se fosse um chiqueiro?*

O resto da casa estava impecável. Eu mesma tinha limpado cada centímetro, porque Derek não queria contratar uma empregada. Ele detestava a ideia de ter uma estranha em casa e insistia que aquilo era responsabilidade minha. Então, além de dar conta do meu trabalho em tempo integral, eu fazia toda a comida, a limpeza e as compras.

Afasto a lembrança de Derek gritando comigo naquele dia. Olho para a colcha na cama, tomada por um desejo repentino e irreprimível de bagunçar tudo, só para irritá-lo.

Mas não. Não há tempo para isso. Já causei todo o mal que podia ao matá-lo.

Embora o tempo seja curto e precioso, gasto dez minutos para tirar toda a roupa e tomar uma ducha quente. Há muito sangue na cozinha, mais sangue do que imaginava ser possível alguém ter no corpo. Não posso correr o risco de ter uma única gota em mim. Aonde quer que eu vá, tenho que parecer doce e

inocente. Mãos ensanguentadas e bochechas salpicadas de vermelho não são uma opção.

Abro o chuveiro na temperatura mais quente que aguento. Escaldante. Deixo a água jorrar em mim, imune à dor. Toda vez que fecho os olhos, vejo Derek vindo na minha direção.

É a última vez que você me faz de trouxa, Quinn.

Os dedos dele se fechando em torno do meu pescoço, apertando minha traqueia. Eu tateando com a mão direita até alcançar o faqueiro em cima da bancada da cozinha...

Engulo em seco e, com os dedos trêmulos, coloco a temperatura da água no máximo. Minhas terminações nervosas gritam, mas aceito de bom grado.

Quando saio do banho, minha pele está toda vermelha. Eu me enrolo com uma toalha e me olho no espelho acima da pia. Como era de esperar, minha aparência está péssima. Os olhos estão encovados. O cabelo loiro está grudado na cabeça, caindo sobre os ombros em mechas sem vida. Mesmo molhado, consigo ver as raízes escuras crescendo, algo que ele comentou ontem à noite. *Está na hora de ir ao cabeleireiro, Quinn.* Quando conheci Derek, meu cabelo era castanho e batia na altura dos ombros, mas ele o preferia loiro e bem comprido. Mesmo depois de anos loira, nunca me senti eu mesma.

Bem, isso eu posso mudar agora.

Não posso fazer nada em relação à cor (pelo menos por enquanto), mas não precisa mais ser tão comprido. Pego a tesoura do armário. Antes de pensar demais, corto o cabelo na altura do queixo. Não gasto tempo demais garantindo que fique uniforme, até porque minhas mãos não param de tremer, o que não ajuda nem um pouco. Todo o processo leva cerca de um minuto. Jogo todo o cabelo cortado no vaso sanitário para que ninguém saiba o que fiz.

Pronto. Estou bem diferente com o cabelo curto assim. Não é o suficiente, mas é um começo.

Faço uma mala o mais rápido que consigo: pego algumas camisas, sutiãs, calcinhas e calças. Levo todas as minhas joias, imaginando que posso vendê-las se precisar. Também abro a caixa de sapatos no fundo do armário, onde guardo dinheiro sempre que posso e o meu passaporte. De alguma maneira, sabia que precisaria desse dinheiro em um dia como hoje. Não é muito, mas vai me sustentar por algumas semanas. Também posso sacar em um caixa eletrônico ou outro, mas preciso tomar cuidado com isso. Cada vez que sacar algum dinheiro, vou acabar deixando um rastro que a polícia vai poder seguir.

Fico me sentindo mal só de pensar nisso. Esta é a minha vida a partir de agora:

me esconder da polícia.

Nunca mais vou ver minha casa. Nunca mais vou ver minha irmã.

Mas é isso ou passar o resto da vida na cadeia.

Depois de fazer a mala, paro por um segundo no topo da escada, o estômago embrulhado. Passei muito tempo lá em cima. Desperdicei minutos demais. E se Scott voltou para checar como eu estava? E se não acreditou que eu estivesse vendo *Pânico*?

E se o primeiro andar da minha casa estiver cheio de policiais, esperando para me levar algemada?

Meus tênis tocam os degraus. Desço devagar, atenta para ver se há alguém à minha espera. Meu coração bate acelerado. Não deveria ter ficado tanto tempo lá em cima. Deveria ter pegado o que desse e saído correndo.

Mas a sala está silenciosa. Exatamente como a deixei.

Graças a Deus.

Não vou cometer o mesmo erro de novo. Não me dou ao trabalho de olhar ao redor e ver se peguei tudo. Tudo que tenho é dispensável. Além do mais, o que eu levaria? Uma foto minha e de Derek em uma das nossas viagens? De jeito nenhum. Quero esquecer o rosto perfeito, bonito e presunçoso dele.

Então, em vez disso, vou direto para a garagem. Meu Toyota Corolla azul está lá, esperando por mim. Temos uma garagem para dois carros, e o Porsche de Derek está bem ao lado do meu Corolla. Ele nunca entendeu por que eu não queria ter um carro chique e caro como o dele. Por que queria continuar com o mesmo Corolla velho que dirigia quando era solteira?

Ele não entendia. Esse carro é *meu*. Eu mesma paguei por ele, ao contrário dessa casa e dos móveis ridículos e extravagantes. É a última coisa que tenho que ainda me representa.

Entro no Corolla e ligo o motor. E fujo.

TRÊS

Não faço ideia de para onde estou indo.

Não planejei nada disso. Não acordei hoje de manhã e disse a mim mesma: “Opa, hoje vou matar meu marido!” Eu teria pelo menos enchido o tanque de gasolina antes.

Também teria escolhido um dia com uma previsão do tempo melhor. Dezembro tem estado atipicamente quente este ano, mas é óbvio que logo hoje seria o dia em que seríamos abençoados com uma chuva congelante. Essa adorável combinação de chuva e neve cobre lentamente as estradas e obscurece o para-brisa à medida que dirijo o mais rápido a que me atrevo. E, enquanto isso, o sol está se pondo, diminuindo cada vez mais a visibilidade.

É como se Derek já estivesse me assombrando do além.

Mas tenho que continuar. Preciso me afastar o máximo possível da casa onde matei meu marido. Porque não tenho muito tempo.

Vou para o norte. Preciso sair do país. E estou muito mais perto do Canadá do que do México. Torço para que não examinem meu passaporte com muita atenção na fronteira e simplesmente me deixem passar.

Estou dirigindo há menos de vinte minutos quando meu celular toca. O visor do carro exibe o nome Claudia Delaney.

É minha irmã.

Hesito, sem saber se devo atender. Não é que eu não tenha amigos e colegas de trabalho de quem gosto, mas a única pessoa de quem vou sentir falta é Claudia. Ela é quatro anos mais velha que eu e sempre cuidou de mim, em especial depois que nossos pais morreram, quando eu tinha apenas 14 anos. Ao descobrir o que

aconteceu, ela vai ficar muito preocupada.

Preciso falar com ela uma última vez. Preciso dizer que estou bem.

Aperto o botão para atender à chamada.

– Oi, Claudia! – exclamo, com uma voz tão ridiculamente alegre que tenho certeza de que ela vai notar na mesma hora que tem algo errado.

– Oi, Quinn – diz ela. – Cadê você? Tá livre?

Quase dou uma risada pela ironia da pergunta.

– No momento, não. Ainda estou... no trabalho.

– A que horas você sai? Quer jantar?

– Não, eu... – Aperto o volante com força. – Vou ter que trabalhar até tarde hoje.

– De novo? – Ela solta uma bufada. – Eles te exploram demais nesse banco.

– Pois é – murmuro.

Claudia estala a língua.

– Olha só, que tal eu dar uma passada na sua casa hoje à noite? Levo uma garrafa de vinho e podemos ver alguma coisa na Netflix.

– Não!

O semáforo fica vermelho, e tenho que pisar fundo no freio para não bater no carro à minha frente. Era só o que me faltava agora.

– Quer dizer... Estou com dor de cabeça e... não é um bom dia. Não tô muito a fim de socializar.

Há um longo silêncio do outro lado da linha.

– Quinn, tá tudo bem?

– Tá! – Minha voz falha ao responder, e dou um pigarro. – Tá tudo ótimo, Claudia. Mesmo.

– Tem certeza?

Aperto o volante com mais força, imaginando o rosto redondo da minha irmã, os lábios em forma de coração e o cabelo escuro na altura do queixo. Gostaria de poder dizer a verdade para ela. Quero mais do que tudo contar para Claudia o que aconteceu e o que fiz. Se tem alguém no mundo que entenderia, é ela.

Mas, se eu contar a verdade, ela vai tentar me convencer a voltar. Ela não quer me perder, então vai me dizer para voltar para casa. E isso é a coisa errada a se fazer. Ela não sabe o alcance das conexões que a família de Derek tem. E, mesmo não gostando dele, ela não entende de fato o quanto ele é uma pessoa ruim. Sempre tive medo de contar todos os detalhes, porque acho que ela o espancaria até a morte com um rolo de macarrão (ela é extremamente protetora comigo). E,

para falar a verdade, eu mesma não entendia quão ruim ele era até hoje.

– Estou bem – digo. – Juro.

– Jura grandão com direito a cereja e tudo?

É algo que sempre dizíamos quando éramos crianças, porque a sorveteria da esquina tinha um sorvete grandão com cereja no topo, e era o nosso favorito.

– Sim. Juro grandão com cereja e tudo.

– Tá bem. – Ouço o mau humor na voz dela. – Mas você me deve um jantar. Eu e o Rob vamos sair amanhã à noite... Que tal domingo?

Engulo em seco. Não posso concordar. Porque, quando eu não aparecer no domingo, ela vai até minha casa. Não quero que seja ela a encontrar o corpo de Derek. Não posso fazer isso com Claudia.

– Que tal segunda?

– Combinado. Nos vemos no Donatello às sete. Não se atrasa!

– Pode deixar.

Hesito, querendo desesperadamente dizer “eu te amo”. Claudia é minha única família, e pode ser que eu nunca mais fale com ela. Quero dizer que a amo, mas, se fizer isso, ela com certeza vai saber que há algo errado. Não é assim que costumamos encerrar nossas conversas. Então, em vez disso, digo apenas:

– Tchau, Claudia.

– Tchau! E não esquece: vê se não me deixa esperando!

Encerramos a ligação e fico inerte por um momento, olhando para a chuva congelante que bate no vidro.

– Eu te amo, Claudia – digo para o para-brisa.

E começo a chorar.

• • •

Ironicamente, na primeira vez que vi Derek, não me senti atraída por ele.

É estranho porque... bem, ele é muito bonito. *Era*, melhor dizendo. Ele entrou em nosso pequeno banco em New Hampshire, iluminando o espaço inteiro com seus cabelos brilhantes cor de avelã, olhos de um castanho intenso e traços perfeitamente esculpidos. O terno Armani lhe caía tão bem que era como se tivesse sido feito sob medida. Todos os meus bens somados, incluindo o meu *carro*, valiam menos do que aquele terno.

Melody, sentada à mesa ao lado da minha, me deu uma cotovelada forte e lambeu os lábios. Secretamente torci para que Derek se sentasse à mesa dela. Mas não. Ele escolheu a minha.

Derek me explicou a situação. A família dele era dona de uma empresa bastante grande com sede em Boston e desejava expandir para o resto da Nova Inglaterra. Quando ele disse o nome da empresa, fiquei boquiaberta. Meu primeiro instinto foi pensar que nosso banco era pequeno demais e que ele era um peixe grande demais. Mas ele esperava o atendimento personalizado que nosso pequeno banco podia oferecer.

Ou seja, ele esperava que nos esforçássemos ao máximo para ajudá-lo.

O vice-presidente do banco foi falar com ele. Quando descobriu que era eu quem estava cuidando da situação de Derek, me lançou um olhar expressivo. *Seja bem gentil com esse daí, Quinn.*

Assim, quando terminei de abrir a conta para Derek e ele me convidou para tomar um drinque depois do trabalho, eu aceitei. Afinal, precisava ser *gentil*.

Estava solteira na época. E Derek foi extremamente gentil e charmoso quando saímos para beber. Não confiava cem por cento nele, afinal como confiar em alguém com tanto dinheiro e *aquela* aparência? Tem que ser muito sem noção para não ter uma dose saudável de ceticismo. Mas, ao longo da noite, ele me conquistou. Quando me convidou para jantar no sábado, aceitei.

Apenas seis meses depois, ele me pediu em casamento. E seis meses depois disso, nos casamos. O ano inteiro foi como andar nas nuvens. Derek era o homem mais maravilhoso que eu já havia conhecido.

Foi só após nos tornarmos marido e mulher que tudo mudou.

Derek estava em busca de um novo banco, mas, olhando para trás agora, o que ele realmente procurava era uma esposa. Olhou para a minha cara e decidiu que eu era a pessoa certa. Ainda não sei o que em mim o atraiu. Ou talvez tenha sido pura falta de sorte. Quem sabe, se ele tivesse se sentado à mesa de Melody, seria ela agora acelerando em direção à fronteira.

Gostaria que tivesse sido diferente. Que Derek tivesse sido o homem que prometeu ser. Ou, melhor ainda, queria ter dado ouvidos a Claudia e ficado longe dele.

Mas é tarde demais. Não tenho escolha a não ser jogar com as cartas que me foram dadas.

QUATRO

O tanque de gasolina está quase vazio. Há doze pontos no medidor e estou no último. Não sei quanto tempo um ponto vai durar e não quero descobrir. Preciso abastecer agora.

Faz meia hora que estou na rodovia e procuro placas que indiquem a próxima parada. Estou atrás de placas pequenas, locais onde quase ninguém para, onde é menos provável que eu seja vista. Não que ache que haja alguém atrás de mim, mas não tenho certeza de que não há.

Quando vejo uma plaquinha indicando o posto de gasolina Rocco, saio da rodovia. Ao entrar no posto com duas bombas, fico aliviada ao ver que é exatamente o que estava procurando. Um pequeno posto de gasolina sem frentistas, com uma lojinha anexa e um velhinho no balcão. Há apenas mais um carro no posto: uma caminhonete cinza que parece já ter visto dias melhores.

Estaciono na única bomba restante e removo a tampa do tanque de combustível. Fecho o zíper do casaco preto, coloco o capuz e saio em direção ao frio. Gotas da chuva congelante atingem meu rosto de imediato, mas mal sinto. Não sinto praticamente mais nada.

É a última vez que você me faz de trouxa, Quinn.

Consigo ouvir tão alto as últimas palavras dele que é como se estivesse falando no meu ouvido. Não consigo parar de imaginar Derek vindo na minha direção. A raiva em seu rosto. Ele estava convencido de que eu o estava traindo, mesmo sem jamais ter olhado para outro homem. Morria de medo até mesmo de *falar* com outro homem. Certa vez, Derek foi ao banco me ver e me “flagrou” conversando com um cliente bonito (ele ficou furioso naquela noite). O fato de

Derek ter sido meu cliente não ajudava em nada. Desde então, eu tentava encaminhar todos os clientes homens que não fossem idosos para um colega de trabalho.

Mas agora estou segura. Ele não pode me fazer mal. Nunca mais.

Insiro o cartão de crédito, seleciono “gasolina comum” e encho o tanque. Vai ser a última vez que vou usar o cartão. Há um caixa eletrônico na loja do posto, e vou sacar todo o dinheiro que puder. E então pronto. Vou sumir do mapa.

Depois de encher o tanque, dou uma olhada na loja. O senhorzinho ainda está atrás do balcão e o dono da caminhonete perambula pela loja. Reviro o bolso e pego o celular. Fico de olho na loja enquanto coloco o aparelho na caçamba da caminhonete, debaixo de uma lona azul. Não sei se é possível alguém me rastrear pelo celular, mas, se isso acontecer, vão me rastrear até onde esse cara estiver indo. Talvez isso me dê algum tempo.

A primeira coisa que vejo ao entrar na loja é o aparelho de TV atrás do balcão. O velhinho assiste para se entreter. Está sintonizado no noticiário local.

– Tempinho horrível, né? – diz ele.

Há uma gota de baba no canto da boca dele.

Eu abro um sorriso discreto.

– Pois é...

Fico ali parada por um momento, tentando decidir se devo tirar o capuz ou não. O capuz esconde meu cabelo e parte do rosto. Em compensação, não quero que ele se lembre de mim como a lunática que anda por aí coberta por um capuz felpudo dentro da loja. Após um segundo de deliberação, decido mantê-lo.

Há alguns sanduíches expostos em uma área refrigerada, mas não sei se devo comer salada de ovo comprada em posto de gasolina. Essa salada de ovo pode ser mais velha do que eu. Em vez disso, prefiro pegar alguns pacotes de mix de castanhas e barrinhas de cereais. Então vejo um pacote de salgadinhos de queijo. Amo salgadinhos de queijo. Acho que faz dois anos que não como. Derek vivia de olho no que eu comia.

Enchendo a cara de comida de novo, Quinn? Você tá ficando gorda.

Durante um jantar com alguns amigos dele, Derek ficou furioso quando pedi uma mousse de chocolate de sobremesa. Ao chegarmos em casa, ele me levou até a balança. Então isso virou um hábito. Ele anotava o meu peso toda semana em um caderninho. Quando eu subia na balança, prendia a respiração, sabendo que, se meu peso tivesse aumentado um quilo sequer, ele ficaria louco.

Devolvo o mix de castanhas e as barras de cereais. Em vez disso, pego os salgadinhos de queijo e um pacote de Oreo. Dane-se você, Derek. Você já está

morto mesmo.

Antes de pagar as compras, vou ao caixa eletrônico. Meus dedos tremem ao digitar a senha. O limite máximo de saque é de apenas 200 dólares. Não é o suficiente, mas não tenho outra opção. Droga.

Enquanto saco o dinheiro, sinto que alguém está me olhando. Viro para trás: é um cara de cerca de 25 anos, quase 30 centímetros mais alto do que eu, com braços e pernas que parecem troncos de árvores. Provavelmente é o dono da caminhonete. Ele me lança um sorriso, e eu aceno com a cabeça o mais imperceptivelmente que consigo.

Vou até a geladeira e pego duas garrafas de água, mas ainda sinto os olhos dele nas minhas costas. Derek sempre acusava os homens de ficarem me secando, mas, neste momento, estou usando um casaco grande e acolchoado, além de estar de capuz. Por que ele está me olhando?

Não preciso disso agora. Preciso sair da loja e voltar para a estrada.

Um pouco atrapalhada, levo a água, os salgadinhos de queijo e o Oreo até o caixa. O grandalhão me segue, as botas fazendo barulho ao deixar pegadas molhadas no chão. Desta vez, não me viro.

Largo as compras no balcão e pego algumas barras de Twix, só por precaução. Vou pagar com o cartão de crédito pela última vez. Já o usei na bomba de gasolina, então por que não?

– Só isso? – pergunta o senhorzinho atrás do balcão.

Faço que sim com a cabeça. O olhar do homem atrás de mim está me perfurando. Preciso dar o fora daqui.

Enquanto o velhinho registra as compras, dou uma olhada na televisão. Ainda está sintonizada no noticiário. O noticiário local. Mal consigo respirar enquanto espero para ouvir as notícias. Estão falando de algum problema envolvendo o sistema de aquecimento das escolas. Isso é bom. Não estariam falando sobre um bando de aquecedores se tivessem encontrado um cadáver.

Mas é apenas questão de tempo. Vão encontrá-lo.

– Aqui está. – O homem desliza uma sacola de papel com as compras pelo balcão na minha direção. Ele lê o nome no cartão de crédito. – Tenha um bom dia, Quinn.

Estremeço ao ouvir meu nome. Mas tudo bem. Estou voltando para a estrada e, quando a polícia me rastrear até aqui, já terei ido embora há muito tempo.

Acontece que, quando me dirijo para a porta, o homem da caminhonete vai na mesma direção. Ele está me seguindo.

Procuro a chave no bolso. A única coisa que posso fazer é chegar no carro o

mais rápido possível. O velhinho ainda está me observando, então é improvável que o cara me ataque.

Quando saio, uma rajada de vento frio atinge meu rosto. Deve ter esfriado pelo menos uns 5 graus enquanto eu estava na loja. A chuva ainda não se transformou em neve, mas isso logo vai acontecer. Quanto tempo mais vou conseguir ficar na estrada?

A pior parte é que ouço o sujeito atrás de mim.

Acelero o passo. Não sei o que ele quer, mas não pode ser nada de bom. Há cerca de 6 metros entre mim e o carro. Só preciso percorrer esses 6 metros. Aperto o botão do chaveiro e as luzes do carro piscam. Estou quase lá.

Mas sinto a mão forte no meu ombro.

CINCO

– Quinn?

Ele sabe meu nome.

Esse desconhecido aleatório em um posto de gasolina está me chamando pelo nome.

Claro, o cara da loja leu o nome no cartão, então ele pode ter ouvido. Mas, quando me viro para confrontá-lo, vejo em seu rosto que me reconhece.

– Quinn, né? – repete ele.

– Hum... – Olho para a sacola de compras e depois volto a encará-lo. Apesar do tamanho, não há nada de ameaçador em sua expressão. – Sim...

Ele sorri para mim.

– Sou Bill Walsh. *Billy*. Você foi minha babá.

Meu queixo cai. Era a última coisa que eu esperava ouvir.

– Ah.

Ele esfrega as mãos.

– Se lembra de mim?

Cuidei de muitas crianças quando era adolescente. O nome Billy Walsh soa vagamente familiar, mas imagino que esse homem corpulento esteja bem diferente de quando era criança.

– Claro – minto.

Os olhos dele se iluminam.

– Você era minha babá favorita. Sempre me deixava comer quantos biscoitos eu quisesse.

Não sei se é assim que quero ser lembrada, mas poderia ser pior. Só que é

preocupante que, mesmo com o cabelo de uma cor diferente da que tinha quando era mais jovem, cortado na altura do queixo e praticamente todo escondido por um capuz, ele *ainda* tenha me reconhecido. Pelo visto, não estou passando tão batido quanto esperava.

– Além disso... – Os olhos dele brilham. – Eu tinha uma *megaqueda* por você. Aposto que você sabia.

Está frio e chovendo, e tudo que eu quero é voltar para a estrada.

– Não, não sabia.

– Ah.

Ele coça a nuca. Não está usando capuz como eu, nem mesmo uma touca. Será que não está com frio?

– Enfim, quem sabe a gente possa se ver em algum momento? Pra colocar o papo em dia.

Minhas bochechas estão queimando. Não acredito nisso. Parei em um posto de gasolina no meio do nada e, de repente, estou conversando com um garoto de quem fui babá quinze anos atrás e que agora, inexplicavelmente, está me chamando para sair.

– Na verdade – digo –, estou me mudando para Vermont. – Dou de ombros. – Mas foi bom te ver, Billy.

Ele fica triste.

– Ah. Mas talvez você possa me passar o seu número e...

– Desculpa – digo.

Sem esperar por uma resposta, eu me viro e sigo até o carro. Não me arrisco a olhar para trás até chegar à porta do lado do motorista. Ele ainda está ali parado, me observando.

Droga, queria muito não ter jogado meu celular na caminhonete dele. Estava torcendo para que ele fosse um cara aleatório, indo na direção oposta à que eu queria ir. Queria que aquele celular levasse a polícia a um beco sem saída. Mas, se ele estiver indo para a direção de onde venho, vão levar apenas cinco minutos para descobrir que meu celular está na caçamba da caminhonete dele.

Pior ainda, ele vai poder dar à polícia uma descrição atualizada de mim. Pode dizer que cortei o cabelo. Mais um motivo para eu comprar uma tinta o mais rápido possível. E talvez precise cortar um pouco mais. Sempre quis fazer um corte pixie. Quase dou risada ao imaginar a cara de Derek se eu tivesse voltado para casa com um visual desses. Mas não teria sido engraçado naquela época. Nem um pouco.

Quando pego a estrada, Billy Walsh ainda está me encarando. Não, ele

definitivamente não vai me esquecer. Cometi um grande erro ao parar aqui.

Talvez eu devesse voltar. Ainda não é tarde demais. Posso ir para casa e confessar à polícia o que fiz. É melhor confessar do que eles descobrirem por conta própria. Melhor do que tentar fugir durante o que pode se transformar em uma nevasca.

Mas não dou meia-volta.

• • •

Por volta das cinco e meia, o sol já baixou bastante. Duas horas depois de começar a dirigir, está um breu. Mal consigo ver a estrada à minha frente, mesmo com os limpadores de para-brisa funcionando a toda. Meu carro é o único na estrada, então ligo o farol alto. Se eu me envolver em uma batida, vou estar ferrada.

Não sei o que fazer. Esperava continuar dirigindo por pelo menos sete ou oito horas sem parar, mas o Corolla não vai aguentar muito mais. Gostaria de ter comprado um carro maior, mas nunca imaginei que precisaria fugir de uma cena de crime.

Suspeito que a coisa certa a fazer seja sair da estrada. Encontrar um lugar tranquilo e dormir no carro. Tenho meus salgadinhos de queijo e meus biscoitos Oreo, que não são exatamente nutritivos, mas vão me ajudar a passar a noite. Mas onde posso parar?

Se Claudia estivesse aqui, ela me diria o que fazer.

Sinto uma dor profunda no peito quando penso na minha irmã. Não consigo acreditar que nunca mais vou vê-la. Ela é a única razão pela qual estou cogitando voltar. Ela sempre sabe o que fazer. Depois que nossos pais morreram, ela me abraçou no velório e disse: “Não se preocupa, Quinn. Eu vou cuidar de você.”

E cuidou. Largou a faculdade e conseguiu minha guarda. Tínhamos poucos parentes, e, se ela não tivesse intervindo, eu precisaria ter ido morar com familiares distantes que nunca tinha visto. Ou teria que viver em um orfanato. Devo tudo a Claudia.

Costumávamos conversar muito sobre Derek. Eu contava a ela versões cuidadosamente editadas de algumas coisas que ele falava para mim. Tomava cuidado para não contar dos hematomas que ele deixava quando me agarrava pelo braço ou quando puxava meu cabelo. Mas mesmo com a versão suavizada, ela ficava furiosa. Dizia que eu deveria deixá-lo. Mas ela não entendia. Derek não era apenas rico, ele era *poderoso*. Se eu o deixasse, ele garantiria que eu nunca

mais trabalhasse no setor bancário. Ele me disse que eu passaria o resto da vida sem dinheiro e infeliz. Ainda assim, em alguns dias isso parecia melhor do que continuar com ele.

E, claro, depois de uma de nossas grandes brigas, Derek sempre se esforçava para se desculpar. Flores, joias caras, às vezes um jantar em um bom restaurante. Passava semanas sendo gentil, até que eu esquecesse a briga e me lembrasse do homem por quem tinha me apaixonado. Então eu ficava.

Quando eu era mais nova, antes de conhecer Derek, ouvia histórias de mulheres presas em relacionamentos abusivos. Nunca entendi por que elas ficavam. Achava que eram burras ou fracas. Aquilo nunca fez sentido para mim até aquela se tornar a minha vida.

Por trás do som do motor, do vento e da chuva lá fora, ouço outro ruído. Demoro um segundo para perceber o que é. Mas, quando me dou conta, sinto o estômago revirar.

É uma sirene.

SEIS

Vejo uma viatura de polícia no meu retrovisor, com as luzes piscando. Não há nenhum outro carro na estrada. O policial quer que eu pare.

Ah, não. Será que já encontraram o corpo?

Talvez Scott Dwyer não tenha acreditado na minha história como eu imaginei. Talvez, mais ou menos uma hora depois, ele tenha voltado à minha casa. Será que viu pelas janelas que estava tudo escuro? E depois? Será que arrombou a porta para ver o que havia dentro? Parece meio extremo.

Talvez ele tenha descoberto a chave que sempre deixamos debaixo do vaso de plantas ao lado da porta dos fundos. Scott é inteligente. Ele verificaria os lugares óbvios.

Minhas mãos apertam o volante com força. Queria muito que Scott tivesse insistido em dar uma olhada. Teria descoberto o corpo, e eu poderia ter contado tudo que aconteceu. Scott era tão gentil comigo quando éramos mais jovens... Ele teria acreditado em mim. Saberá que não sou uma assassina.

Mas agora a situação é pior. Eu fugi. Quanto mais me afasto do corpo de Derek, mais culpada pareço.

É inviável uma perseguição em alta velocidade neste momento. Paro no acostamento com o máximo de cuidado possível. A viatura para atrás de mim. Fico ali sentada por alguns segundos, o coração batendo tão forte que dói. Vou acabar infartando. Quase torço para que isso aconteça. Seria mais fácil do que lidar com o que vai acontecer a seguir.

O policial demora um tempão para sair da viatura. Estava torcendo para que fosse Scott, mas não. É alguém que não conheço. Um homem grande, de cabeça

raspada, usando um uniforme escuro, que se aproxima do meu carro segurando um guarda-chuva na mão direita. Por algum motivo, o guarda-chuva o faz parecer um pouco menos assustador.

Até que ele bate com força no vidro do meu carro.

Baixo o vidro. Imediatamente, gotas de chuva gelada atingem meu rosto. Faço o possível para sorrir, mesmo estando prestes a fazer xixi nas calças.

– Olá, senhor – digo. – Hum, está tudo bem?

Na penumbra, mal consigo distinguir o contorno do rosto dele.

– Se estivesse tudo bem, eu não teria te parado, não é? Carteira de motorista, senhorita.

Minhas mãos tremem ao pegar a bolsa. Não consigo abrir a carteira e tirar o documento logo de primeira. Quase o deixo cair ao tentar entregá-lo a ele.

– Quinn Alexander. – Ele lê meu nome no documento e em seguida ergue o olhar, comparando a foto com meu rosto. – Está um pouco longe de casa, né?

Dou de ombros.

– Estou indo... visitar uns amigos.

– Sei. O tempo não está nada bom pra viajar de carro.

– Pois é. – Engulo em seco. – Olha, é impossível que eu estivesse correndo. Estava bem abaixo do limite de velocidade.

Ele fica em silêncio por um segundo.

– Não foi por isso que mandei você encostar.

– Ah... – Faço um esforço para pensar em algo que possa ter feito de errado. Quer dizer, além de ter assassinado um homem algumas horas atrás. – Eu... não estou entendendo.

O policial aponta para a traseira do meu carro.

– Você está com uma lanterna queimada. Do lado esquerdo.

Então é isso? Graças a Deus.

– Ah, é?

– Sim. – Ele franze a testa para mim. – Quando está escuro assim, uma lanterna queimada pode te matar. Um carro pode estar atrás de você e ver apenas uma luz, e talvez pensar que você é uma motocicleta ou sabe-se lá o quê. Já vi alguns acidentes horríveis acontecerem por causa de lanternas queimadas. Não vou multar você, mas conserte isso o mais rápido possível. Para sua própria segurança.

– Ah... – Assinto, com uma cara séria. – Vou resolver isso assim que puder.

– Você já está chegando na casa dos seus amigos?

– Já. Estou quase lá.

Ele me devolve a carteira de motorista.

– Você precisa sair da estrada... logo. Com essa tempestade e a lanterna queimada... é uma tragédia anunciada.

– Claro. Entendido.

– Da próxima vez que eu te vir, não quero que seja dentro de um saco preto.

Não consigo deixar de pensar em Derek. Será que já o encontraram? Não, não é possível. Se tivessem encontrado, esse policial não me deixaria ir embora.

Quase não consigo acreditar quando o policial volta para a viatura. Ele não me prendeu. Ainda estou livre. Mas por quanto tempo?

Retorno para a estrada, ciente de que na primeira oportunidade vou ter que mudar de rumo e seguir em uma direção completamente diferente. Quando começarem a me procurar, o policial vai se lembrar de mim. Vai se lembrar da direção para onde eu estava indo.

Por enquanto, porém, tenho um problema maior. Se continuar dirigindo com a lanterna queimada, vou ser parada novamente. Da próxima vez, talvez não tenha tanta sorte. Preciso sair da estrada. Só por esta noite, e pela manhã posso voltar a dirigir. Ninguém vai notar uma lanterna traseira queimada durante o dia.

E é aí que vejo a placa na beira da estrada. É tão pequena que quase não a percebo. E é perfeito.

Hotel Baxter. É onde vou passar a noite, e amanhã bem cedinho pego a estrada outra vez.

SETE

Se eu estivesse em busca de um lugar tranquilo e isolado para passar a noite, não encontraria nada mais tranquilo e isolado do que o Hotel Baxter. Saio da rodovia, e uma placa quase invisível me leva até lá. Tenho que dirigir por um caminho pifamente asfaltado, até ver, em frente a uma casa velha de dois andares com um alpendre aos pedaços, a placa desgastada pelo tempo. O telhado parece deformado, quase afundado, como se fosse desabar a qualquer momento. Uma luz fraca brilha em uma das janelas do andar de cima – se não fosse por isso, daria para achar que o local está abandonado.

Mesmo sendo isolado, fico tensa de estacionar meu carro à vista de qualquer pessoa. Afinal de contas, aquele policial me parou a apenas vinte minutos daqui.

Ao lado do hotel há outra pequena construção. Uma placa pendurada indica RESTAURANTE ROSALIE, com a tinta descascada. Mas o estabelecimento está claramente fechado. Está escuro lá dentro, e todas as janelas e portas estão bloqueadas com tábuas. Dou a volta no lugar e estaciono atrás dele, deixando o carro escondido por uma grande lixeira verde.

Pronto. Deve ser suficiente para passar a noite.

Pego a mala no carro e caminho sob chuva e granizo até o hotel. Meus tênis afundam em uma poça e, depois de mais ou menos trinta segundos, estou encharcada. Fico arrependida de não ter estacionado mais perto, mas não conseguiria dormir se meu carro estivesse à vista.

A porta da frente do Hotel Baxter é feita de madeira podre, escurecida pela umidade. Há também uma porta de tela com dobradiças frouxas que bate no meu ombro, e dou um safanão nela para tirá-la do caminho. A maçaneta está

gelada e emperra quando tento girá-la, porém, depois de um segundo, ela cede e consigo entrar.

Dentro do hotel não está muito mais quente do que lá fora, mas pelo menos está seco. Bem, quase. Tem uma goteira no teto, e uma pequena poça se forma ao meu lado. Há um balcão de madeira todo lascado no fundo, mas não tem ninguém atrás dele. Uma única lâmpada pendurada no teto pisca enquanto fico ali parada.

– Olá? – chamo.

Nenhuma resposta.

Dou alguns passos à frente. Só consigo ouvir a água pingando do teto. O hotel parece vazio, mas as luzes estão acesas. E vi aquela luz acesa no andar de cima também.

– Olá? – repito, desta vez mais alto.

Ainda nenhuma resposta. Este lugar está me deixando inquieta. Queria encontrar algo fora da rota, mas este hotel é um pouco mais isolado do que esperava. No entanto, a ideia de ter que atravessar a chuva congelante de volta até o carro não é muito atraente.

– Tô aqui! Não vai embora! Tô indo!

Viro a cabeça ao ouvir a voz atrás de mim. Alguns segundos depois, um homem sai de um cômodo nos fundos, carregando um esfregão e um balde. Ele sorri para mim, revelando um incisivo esquerdo ligeiramente torto.

– Olá – diz ele. – Desculpa. Estava lá nos fundos.

– Sem problema.

Tento retribuir o sorriso dele, mas estou cansada demais para fazer qualquer esforço.

Ele troca o cabo do esfregão de mão.

– Então, você precisa de ajuda com o seu carro ou...?

– Ah... não, eu... – Olho para a bolsa que larguei no chão ao meu lado. – Estou procurando um quarto pra passar a noite.

Ele olha para mim surpreso, como se aquilo nunca tivesse lhe ocorrido.

– Você quer um *quarto*?

Franzo a testa.

– Desculpa, achei que aqui fosse um hotel...

– É, sim.

Ele coça a cabeça, confuso, o cabelo da cor de areia molhada. Deve ter uns 30 e poucos anos e é bonito, mas não do mesmo jeito que Derek era. Derek era bonito como o protagonista de um filme, já esse cara está mais para coadjuvante. Mas

ele parece simpático. Inofensivo. Como se fosse incapaz de fazer mal a uma mosca.

– Normalmente, não recebemos muitos... Mas, sim, temos um quarto disponível. Sem problema.

– Obrigada – digo.

– Você poderia... – Ele aponta para a poça d'água no chão. – Quero enxugar isso antes que o piso acabe estragando. Ou estragando *mais*. – Ele balança a cabeça. – Sempre que chove, começa a dar goteira.

Meus olhos se desviam para a mancha escura no teto, onde as gotas se acumulam.

– Mas tem outro andar em cima desse, né?

Ele dá um sorriso enviesado.

– Pois é. É um mistério.

Ele leva o balde até a poça e mergulha o esfregão na água acumulada no piso. A poça diminui.

– Você é o dono deste lugar? – pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Sou. Eu e minha esposa.

Enquanto passa o esfregão no piso, noto o brilho de uma aliança na mão esquerda dele. Olho para minha mão esquerda e vejo a aliança simples de ouro ainda no anelar. De repente, sinto como se ela estivesse queimando minha pele. Quero arrancá-la e atirá-la do outro lado do cômodo.

– A propósito, me chamo Nick.

– Oi, Nick – respondo, mas não digo meu nome.

Ele não parece incomodado com isso.

Nick dá uma última passada com o esfregão no piso e, em seguida, encosta-o na parede. Também coloca o balde no lugar onde a água está pingando. Suponho que essa seja sua solução improvisada.

Depois de resolver esse problema, ele vai para trás do balcão de madeira. Apoia os cotovelos no balcão e olha para mim.

– Normalmente, cobramos 50 dólares por noite. Pode ser?

– Aceita dinheiro?

– Claro. – Ele revira alguma coisa debaixo do balcão. – Vai passar uma noite só ou mais?

– Só uma noite. – E talvez nem isso. – Sou a única pessoa hospedada aqui?

Ele hesita.

– Não. Temos outra hóspede. Mas ela meio que... está sempre aqui.

Ele não explica o que isso significa, o que por mim tudo bem. Só quero sentir que não sou a única pessoa neste hotel semideserto. Sim, o cara *parece* inofensivo, mas é assim que as histórias mais bizarras começam.

– E você e a sua esposa? Moram aqui?

– Não. Moramos naquela casa velha lá atrás. Mas vou passar um tempo aqui ainda, caso você precise de alguma coisa. Preciso consertar aquela goteira.

Ele finalmente encontra o que procurava debaixo do balcão. É uma folha de papel, tão velha que ficou dura e amarelada. Parece uma espécie de formulário para hóspedes. Ele sopra uma camada de poeira do papel.

– Pode preencher isso pra mim?

– Hum, claro.

Pego a caneta esferográfica no balcão, mas minha mão parece congelada. Não quero preencher isso. Vou ter que inventar todas as informações. Começando pelo meu nome.

Em algum momento, vou ter que gastar dinheiro para comprar uma identidade falsa. Mas, enquanto isso, preciso ter um nome falso para dar às pessoas. Mas *qual*? Deve ser algo comum, fácil de pronunciar. Nada memorável.

Mary? Jennifer? Carol? Minha melhor amiga na faculdade se chamava Kelly. É um nome inofensivo. Então escrevo o nome Kelly.

E agora preciso pensar em um sobrenome.

– Olha – diz Nick –, ninguém nunca levou tanto tempo pra escrever o próprio nome.

Minhas bochechas ficam vermelhas.

– Ah...

– Não se preocupa com o formulário. – Ele pega o pedaço de papel amarelado. – Você só vai ficar aqui esta noite. – Então olha para a única informação que lhe dei. – Tudo bem, Kelly?

– Tudo bem – respondo, aliviada.

Enfio a mão na bolsa e tiro 50 dólares para pagar pelo quarto. Ele pega o dinheiro e enfia a nota no bolso da calça jeans. Depois, pega um molho de chaves debaixo do balcão.

– Vou te mostrar o quarto – diz ele, e olha para a minha bagagem. – Deixa eu levar sua mala pra você.

Penso em protestar, mas quer saber? Estou exausta, e ele parece forte. É melhor deixar que carregue a mala.

Sigo Nick por uma escada até o segundo andar. Ela não tem iluminação e, a cada degrau, range como se fosse desabar. Eu me seguro no corrimão, para o

caso de a escada realmente desabar, e ele imediatamente se mexe sob meu peso. Parece que o hotel inteiro está prestes a desabar.

Nick percebe e me lança um sorriso de desculpas.

– Preciso apertar alguns parafusos. Foi mal.

– Imagina.

Todo o segundo andar parece iluminado por uma única lâmpada. Há três portas, duas à esquerda e uma à direita. Nick passa pelos quartos 201 e 202 e paramos no 203. Ele pega as chaves do bolso.

Enquanto abre a porta, percebo que a porta do quarto 202 está entreaberta. Eu me viro e sinto, mais do que vejo, alguém me observando lá de dentro. Inclino a cabeça, tentando ver melhor, mas então a porta se fecha com um estrondo.

– Tem... tem alguém hospedado no quarto 202? – pergunto.

Nick olha para o 202 e depois volta a encarar as chaves.

– Sim. É a Greta. Ela meio que... mora aqui. Não vai te perturbar.

Não consigo me livrar da sensação incômoda de que devo sair deste hotel agora mesmo. Pegar minha mala e voltar para a estrada, não importa o quanto esteja chovendo ou nevando. Este lugar é encrenca.

Mas isso é bobagem. Aqui está quente e seco. E tem uma cama de verdade em que posso dormir.

Nick abre a porta do quarto onde vou passar a noite. É mais ou menos o que eu esperava. Uma pequena cama de casal com uma colcha que parece dura e uma cômoda velha com uma pequena TV em cima. E há uma cadeira de madeira bamba no canto.

Nick arqueia as sobrancelhas enquanto observa meu rosto.

– Tá tudo bem?

– Perfeito – respondo.

Ele assente.

– A TV tem uma antena... Não é a cabo nem nada. Talvez tenha sinal, mas acho difícil com a tempestade. E tem um telefone... Mas ele só liga pros telefones do andar de baixo. A maioria das pessoas tem celular hoje em dia...

Penso no celular que joguei na caçamba da caminhonete. Mais do que qualquer outra coisa, queria muito ter um celular agora. Mas foi a coisa certa me livrar dele. Não quero que ninguém me localize aqui. Além disso, não sei se conseguiria resistir à tentação de ligar para Claudia.

– E tem um banheiro privativo – acrescenta ele, com um toque de orgulho. – Assim você pode... você não precisa sair do quarto nem nada. Tem chuveiro e tudo mais.

Sinto um calafrio.

– Não tomo banho em hotéis. Quando era criança, vi um filme em que uma mulher era assassinada enquanto tomava banho em um hotel. Me marcou pro resto da vida.

Ele sorri.

– Bem, se mudar de ideia, o chuveiro está ali. Prometo que você não vai ser assassinada.

Para ser sincera, fico tentada. Meu cabelo está molhado e me sinto gelada: um banho quente parece o paraíso neste momento.

Enquanto olho ao redor, meu estômago ronca baixinho. Tudo que comi desde o almoço foram os salgadinhos de queijo e alguns biscoitos enquanto dirigia. E devo dizer que estou enjoada de salgadinhos de queijo e Oreo.

– Tem algum jeito de comprar comida? – pergunto.

Nick morde o lábio.

– Hum... claro. Não temos serviço de quarto nem nada, mas posso preparar alguma coisa pra você na nossa cozinha. Tipo... um sanduíche de peru?

– Parece ótimo – respondo, com um suspiro.

Ele dá risada.

– Ah, não vai ser. Acredite. Minha esposa, Rosalie, era a cozinheira.

Fico paralisada por um momento. Ele acabou de se referir à esposa no passado? Que estranho. E o nome Rosalie me soa familiar.

Então lembro onde vi esse nome antes. No restaurante ao lado do hotel. O que está todo fechado com tábuas, onde estacionei o carro. Chamava-se Rosalie.

– Enfim – diz ele –, fica à vontade. Vou preparar o sanduíche de peru pra você. Se precisar de alguma coisa, é só discar 0 no telefone e ele vai tocar lá embaixo. Vou passar um tempo consertando algumas coisas.

– Obrigada – digo.

Ele me lança um sorriso encantador, e meus ombros relaxam. Minha primeira impressão estava certa. Nick é um cara legal. Estou segura aqui, pelo menos por esta noite, mas preciso dar o fora logo de manhã.

OITO

Depois que Nick sai, fico observando-o seguir pelo corredor e descer os degraus barulhentos. Quando viro a cabeça, a porta do quarto 202 está entreaberta novamente.

E, desta vez, há um único olho me encarando.

Ergo a mão em uma saudação hesitante, mas, antes mesmo de conseguir levantá-la por completo, a porta se fecha de novo. Então tá, né.

Sigo o exemplo da minha vizinha e fecho a porta. Tranco a fechadura e reparo no trinco acima dela. Hesito por um momento, mas acabo por trancá-lo também. Não que eu ache que alguém vá me matar no chuveiro, mas é melhor não arriscar.

Minha camisa e minha calça ficaram relativamente secas debaixo do casaco, mas as meias e os tênis estão encharcados. Felizmente, há um aquecedor no quarto, ao lado da janela, então coloco as meias e os tênis molhados em cima dele.

A janela dá para uma pequena casa de dois andares a poucos metros de distância, que parece precisar tanto de um conserto quanto o próprio hotel. É difícil enxergar com o gelo caindo, mas há uma luz acesa em uma das janelas do andar de cima. Vejo o contorno de uma mulher sentada à janela. Deve ser Rosalie, a esposa de Nick. Levanto a mão, desajeitada, para acenar para ela.

Ela não acena de volta. As pessoas não parecem muito amigáveis por aqui. Mas tudo bem.

Eu me afasto da janela e abro a mala. Levo menos de um minuto para me dar conta da terrível realidade. Esqueci de pegar *meias*. Trouxe minhas joias, mas

não trouxe meias. Se Claudia estivesse aqui, me encheria o saco sem dó. E eu mereceria, porque quem foge sem levar uns pares de meias?

Meu Deus, que saudade de Claudia! Ainda bem que o telefone não liga para números externos, porque ficaria tentada a ligar para ela. E seria uma péssima ideia, mesmo estando desesperada para ouvir sua voz uma última vez. Se ela estivesse comigo, saberia que deveria colocar meias na mala.

Se tivesse dado ouvidos a ela lá no começo, jamais teria me casado com Derek.

Ela me avisou. *Várias vezes*. Dizia que não achava Derek um cara legal. Mas ele era tão perfeito quando estava tentando me conquistar... Era impossível saber o monstro que era.

Só que até hoje eu não sabia quanto ele era terrível.

Alguns de nossos funcionários seniores tiveram que ir a uma conferência neste fim de semana, então saíram todos mais cedo. O banco fechou logo depois do almoço, e tivemos uma folga inesperada de meio dia. Estava animada de ter a tarde livre. Raramente ficava sozinha em casa, e achei que poderia tomar um banho demorado e depois assistir à televisão no volume que quisesse, sem Derek me pedindo, aos gritos, para baixar o som.

Mas, quando passei pela porta, Derek já estava em casa. Fiquei chocada ao vê-lo. E ele parecia mais chocado ainda ao me ver. No segundo em que entrei na sala, o rosto dele se contorceu de raiva.

O que você está fazendo aqui?, exigiu saber.

Na-nada, gaguejei. *Saí mais cedo do trabalho, só isso.*

Tem certeza de que é só por isso que está aqui? Ou veio se encontrar com algum cara?

Tentei explicar sobre a conferência. Sobre a folga inesperada. Abri um sorriso falso e tentei sugerir que fizéssemos algo juntos, como um casal. Talvez ir ao cinema ou às compras. Ou até mesmo para o quarto.

Mas Derek não deixou pra lá. Continuou insistindo que eu tinha voltado para casa porque iria me encontrar com outro homem. Aquele ciúme era irônico, pois eu tinha certeza de que ele havia me traído muitas vezes. Ele tinha inclusive um apartamento em Boston, que alegava ser para fins de negócios, já que a empresa ficava na cidade, mas tenho certeza de que era seu covil.

Tentei acalmá-lo, mas ficou óbvio que ele estava furioso. Nunca o vi daquele jeito. Mesmo quando ele cerrou os punhos, não achei que fosse me machucar, até sentir as mãos dele em volta do meu pescoço.

E essa foi a gota d'água. Ele já vinha me maltratando há tempo suficiente. Não permitiria que tirasse minha vida.

O que ainda não entendo é por que ele ficou tão irritado dessa vez. Quando cheguei em casa, ele estava sorrindo. Achei que estivesse tendo um bom dia. Achei que poderíamos ter uma tarde agradável juntos. Ele pareceu feliz em me ver, mas, um segundo depois, o sorriso desapareceu de seu rosto. Não entendo por quê...

Ah, meu Deus.

Finalmente faz sentido. Porque ele estava sorrindo quando ouviu que havia alguém na porta e, em seguida, ficou furioso. Ele estava feliz porque *não sabia que era eu*. Estava à espera de outra pessoa.

Outra mulher.

Eu me sento na cama, tremendo de frio por conta dos pés gelados. Faz todo o sentido. Derek chegou em casa mais cedo para se encontrar com outra mulher. E, quando me viu, ficou irritado porque eu havia arruinado seu encontro ao aparecer lá. Além disso, na mente distorcida dele, presumiu que qualquer pessoa que chegasse em casa mais cedo estava lá para fazer besteira, pois era isso que *ele* estava fazendo.

Estou me sentindo mal. Isso não é uma boa notícia. Só posso torcer para que, nos últimos minutos de vida, Derek tenha enviado uma mensagem para sua amante avisando que não fosse até lá. Porque, se ele não tiver feito isso...

A polícia já deve ter encontrado o corpo.

E, se o corpo foi encontrado, significa que já estão atrás de mim. E deixei uma maravilhosa trilha de migalhas. O posto de gasolina. O policial que me mandou encostar por conta da lanterna quebrada. E cá estou eu, um alvo fácil em um hotel a apenas vinte minutos de onde fui vista pela última vez.

Em compensação, há uma nevasca se formando lá fora. Isso vai dificultar a busca por mim. Além disso, a nevasca vai fazer com que seja impossível sair daqui. Ao menos esta noite.

Pego o controle remoto na mesinha de cabeceira e ligo a televisão. Imediatamente, a tela é tomada por chuvisco. Não me lembro da última vez que lidei com uma antena de TV. Tenho apenas vagas lembranças dos meus pais mexendo em uma antena quando eu mal tinha abandonado as fraldas. Nem sabia que ainda fabricavam antenas de TV. Mas, pensando bem, essa televisão parece extremamente velha, como se tivesse sido comprada por uma pechincha em alguma loja de antiguidades. Tudo neste hotel parece ter sido fabricado várias décadas atrás.

Eu me levanto da cama e estremeço quando meus pés descalços tocam o chão gelado. Caminho até a televisão e tento ajustar a antena. Depois de um minuto,

consigo uma imagem nítida, mas, se solto a antena, ela desaparece. Ou seja, acho que preciso ficar aqui em pé se quiser assistir alguma coisa.

Mas não quero. Só quero ver o jornal.

Há uma mulher loira e bonita na tela anunciando as principais notícias da noite. A maior parte delas tem a ver com a nevasca. Presto atenção, esperando ouvir alguma coisa sobre o assassinato de um homem de 34 anos chamado Derek Alexander.

Nada. Talvez eu esteja a salvo. Pelo menos por enquanto.

Estremeço outra vez. Meus pés parecem blocos de gelo. Como fui me esquecer de trazer meias? Quem seria tão burro assim? Se bem que eu não estava exatamente pensando com clareza...

Após um momento de reflexão, solto a antena e o chuvisco volta à tela. Mas tudo bem. Pego o telefone e disco 0.

Toca umas cinco vezes, até que ouço a voz de Nick do outro lado da linha.

– Kelly? Tá tudo bem?

Meu primeiro pensamento é: *Quem é Kelly?* Logo me lembro.

– Hum... – Eu me sinto um pouco boba por perguntar isto. – Estava aqui pensando... Você tem alguma meia sobrando?

Ele ri.

– Bem, não. Não aqui. Posso perguntar pra minha esposa se... – Ele faz uma pausa. – Escuta. Você deveria pedir pra Greta. No quarto 202. Ela vai ter uma meia pra te emprestar.

– Greta? – Levando em consideração que ela bateu a porta na minha cara quando eu estava prestes a cumprimentá-la, fico relutante em bater na porta dela e pedir uma meia. – Ela não parece muito amigável.

– Não, ela é só... Ela é legal. Mesmo. É uma senhora idosa. Inofensiva.

– Sei lá... – Meus olhos se voltam para o aquecedor, onde minhas meias ainda parecem encharcadas. Na verdade, parecem ainda *mais* molhadas do que quando as coloquei ali. – Acho que eu poderia perguntar...

– Ela vai ficar feliz de te emprestar as meias. Ela é um pouco excêntrica, mas é só solitária. Prometo que ela é legal. Mora aqui há anos.

Não fico muito animada com a ideia, mas tenho a impressão de que Nick não vai arrumar um par de meias para mim. Então, se quiser pés quentes e secos, essa é minha única opção.

– Tá bem.

– E daqui a uns minutos vou estar aí com o sanduíche de peru. Desculpa... Eu me... enrolei um pouco.

Depois que desligamos, fico olhando para a porta do quarto. Nick disse que a mulher do 202 é uma senhora inofensiva, mas havia algo naquele olho que me fitava pela fresta da porta. Aquilo me assustou. E, se a polícia acabar aparecendo aqui à minha procura, não preciso de outra testemunha com quem possam falar.

Em contrapartida, meus pés estão congelando.

Que se dane. Destranco e abro a porta e atravesso o corredor descalça até o quarto 202. Hesito por meio segundo, depois bato na porta.

Após uns bons dez segundos, ouço uma voz do outro lado.

– Quem é?

– Hum, olá. – Roo a unha do polegar, um mau hábito que tinha quando criança e que parece ter ressurgido. – Estou hospedada no quarto 203. Do outro lado do corredor. E... gostaria de saber se a senhora poderia me ajudar com uma coisa.

Há um longo silêncio. Por um momento, me pergunto se ela simplesmente se afastou da porta. Mas então ouço o barulho da fechadura sendo girada e, um segundo depois, a porta se abre.

Pela primeira vez consigo vê-la com nitidez. É mais velha do que eu pensava. O cabelo é fino e comprido, branco como a neve que cai lá fora. Cada milímetro de seu rosto está marcado por rugas. Os olhos azuis lacrimejantes me encaram.

– Do que você precisa? – pergunta ela, com uma voz rouca.

Parece ter sido fumante. Ou talvez ainda fume, mas não sinto cheiro de cigarro vindo do quarto dela. Sorrio em sinal de desculpas.

– Na verdade, de meias. Esqueci de colocar na mala pra viagem.

Ela olha para meus pés descalços. Em seguida, volta a encarar meu rosto.

– Você quer pegar um par de meias emprestado?

– Quero. – Aperto as mãos. – Lavo elas de manhã, quando as minhas estiverem secas.

– É importante trazer meias quando se faz uma viagem.

– Claro. Eu sei. Só esqueci.

Ela reflete por um momento. Por fim, afasta-se da porta e a abre o suficiente para me deixar entrar.

O quarto 202 é muito diferente do meu. É mais ou menos do mesmo tamanho, talvez um pouco maior, mas parece mais habitado. Nick me contou que ela mora nesse quarto há anos, e acredito. Em vez da colcha rígida que tem no meu quarto, as mantas dela são de lã e têm estampas exóticas multicoloridas. Ela tem várias luminárias que dão ao quarto um brilho amarelo. E a parede é revestida de espelhos, então consigo me ver, não importa para qual direção olhe.

Não estou com uma boa aparência.

– Meu nome é Greta – diz a mulher.

Ela tem um sotaque muito sutil que não consigo identificar. Do Leste Europeu, acho.

– O meu é Kelly – falo.

Ela funga.

– Se não vai me dizer seu nome verdadeiro, pode deixar pra lá.

Abro a boca para protestar, mas logo fecho. Ela tem razão. Não é meu nome verdadeiro.

Enquanto espero Greta vasculhar a gaveta da cômoda, olho para um baralho que está em cima da cômoda. Levo um segundo para perceber que não são cartas comuns, mas de tarô. Ao lado delas, há uma esfera que brilha à luz amarela do quarto.

Greta percebe que notei os objetos e comenta:

– Fui vidente em um parque de diversões por trinta anos.

Esboço um sorriso.

– Então a senhora consegue prever o futuro?

Ela faz uma pausa por um momento e me lança um olhar. Os olhos azuis lacrimejantes percorrem minha figura desgrenhada.

– De algumas pessoas, sim.

Na verdade, não acredito nessas coisas, mas não digo isso. Ela parece estar se divertindo tentando me assustar. Contanto que eu consiga as meias, por mim tudo bem.

– Eu tenho uma meia-calça – diz ela, por fim, pegando um par bege e amassado da gaveta. – Tem que ser meias comuns mesmo?

– Bem, não é que *tenha que ser*. – Eu me remexo no lugar, inquieta. – Mas se a senhora tiver...

Greta levanta um dedo. Abre o armário junto à parede e pega um baú preto grande que provavelmente pesa mais do que ela. Mexe na fechadura para abri-lo. Fico culpada por estar dando tanto trabalho a ela por conta de um par de meias.

– A senhora mora aqui há muito tempo? – pergunto, educadamente.

– Há muitos anos – confirma ela. – Desde que me aposentei. – Ela ergue a cabeça. – Você está no quarto 203.

– Isso mesmo. Acho que o 201 está vazio.

A fechadura do baú se abre com um clique.

– O Nick sempre deixa o 201 vazio.

– Por causa do vazamento, né?

– Não – responde ela. – Não é por causa disso.

– Então... por quê?

– Porque... – Greta pega uma bola de meias do baú e se levanta, apoiando-se na parede. – Porque, alguns anos atrás, uma mulher foi morta lá dentro.

Ela diz isso com absoluta naturalidade, como se fosse algo que todo mundo deveria saber. Que alguém foi morto ali não muito tempo atrás.

Mais uma vez, desejo desesperadamente ter meu celular. Poderia descobrir em um segundo o que aconteceu no Hotel Baxter. Tenho a sensação de que Greta sabe todos os detalhes.

– O que houve? – pergunto.

Ela segura a bola de meias na mão, observando meu rosto com seus olhos perspicazes.

– Era uma jovem bonita, como você. Mais ou menos da sua idade. Loira também. O nome dela era Christina Marsh. Veio passar uns dias aqui, mas então percebi que fazia um tempo que ela não saía do quarto. – Ela olha para trás do meu ombro, ao longe. – Mas não era só isso. Havia algo errado. Eu tinha certeza. Então pedi ao Nick para ver se estava tudo bem com ela. E aí...

Eu a encaro, sem querer ouvir o resto da história, mas incapaz de evitar.

– Ela estava na cama, morta a facadas – diz ela. – Nick a encontrou lá. A polícia disse que estava morta havia mais ou menos um dia.

Cubro a boca com a mão.

– Que horror. Descobriram quem fez isso?

Ela balança a cabeça lentamente.

– Nunca descobriram, mas suspeitaram do Nick. Não havia sinais de arrombamento, então era lógico que quem a matou tinha acesso ao quarto.

– Ah.

Eu me lembro da minha primeira impressão de Nick e de ter achado que ele era o tipo de pessoa que não faria mal a uma mosca. Mas nossas impressões nem sempre estão corretas.

– A senhora acha que ele...?

Greta fica em silêncio por um instante. Ela me encara com os olhos lacrimejantes e injetados de sangue.

– Não – responde ela. – Nick jamais faria algo do tipo. A polícia entendeu errado. Falei isso pra eles.

Dou um suspiro e meus ombros desabam. Não sei o que teria feito se Greta me dissesse acreditar que Nick é um assassino. Mas é claro que ela não iria pensar uma coisa dessas. Por que moraria aqui se achasse que o proprietário é

um assassino?

– Mas havia outro motivo para eles acharem que o Nick tinha matado ela – acrescenta Greta.

Ergo as sobrancelhas.

– Qual?

Ela lambe os lábios com a língua levemente amarelada.

– Não gosto de sair espalhando fofoca por aí.

Sério? Porque me parece que ela gosta muito. Mas não posso dizer isso.

Ela me entrega as meias, e eu as pego. O tecido é áspero, como se não fossem usadas há décadas. Mas vão servir.

– Obrigada.

Ela assente.

– Toma cuidado.

Não sei o que ela quer dizer com isso. Não está errada: estou em perigo. Mas ela não sabe por quê.

Ao me virar, me deparo com mais um espelho. Por que ela tem tantos espelhos no quarto? É difícil olhar para mim mesma agora. Meu cabelo loiro está sem vida e sem brilho, e tão curto que nem me reconheço. Meus olhos estão encovados e as bochechas, escuras. Se há algo assustador neste lugar, sou eu.

– Adoro espelhos – comenta Greta. – Os espelhos são a barreira entre o consciente e o inconsciente. Todos têm uma concepção interna de si mesmos, mas os espelhos são a realidade. O que você vê agora é a verdade que todo mundo vê.

– Aham – murmuro.

– Se ficar aqui – diz ela –, vou fazer uma leitura pra você amanhã. Talvez você ache esclarecedor.

– Não se preocupe. Não vou ficar.

– O futuro pode te surpreender.

Se não estivesse me sentindo tão desconfortável, talvez tivesse revirado os olhos. Essa mulher não consegue ver o futuro. Ela nem tem meias na gaveta. É óbvio que está tentando me assustar. Aposto que ninguém morreu no quarto 201. Ela provavelmente inventou tudo isso para me deixar assustada.

Bem, não vai funcionar.

– Obrigada pelas meias – digo. – Vou deixar aqui na porta amanhã de manhã.

– Fique com elas – responde a senhora. – É bom ter um par extra.

É um gesto simpático, mas, assim que sair daqui, vou comprar meias em uma farmácia ou algo do tipo. E tinta de cabelo.

Saio do quarto dela segurando as meias. Não consigo prever o futuro, mas acho que nunca mais vou ver essa mulher.

NOVE

As meias são péssimas.

Acho que eu não deveria ficar surpresa, levando em conta a aparência do quarto daquela mulher. São tão rígidas e desconfortáveis quanto imaginei, mas a pior parte é a estampa. A princípio, achei que fossem apenas losangos e formas ovais, mas, depois de um segundo, percebo o que realmente são. Olhos.

A meia tem estampa de olhos.

Assim que visto as meias cheias de olhos, ouço alguém bater na porta. Quase a abro, mas então me lembro da história que Greta contou a respeito da mulher assassinada no quarto.

– Pois não?

– É o Nick. Trouxe o sanduíche.

Assim que ele diz isso, meu estômago ronca. Havia praticamente me esquecido de como estava com fome. Abro a porta e vejo Nick com um prato branco na mão.

– Obrigada!

Puxo o prato da mão dele e, sem nem mesmo colocá-lo na mesa, pego metade do sanduíche e começo a enfiar na boca. *Hum...*

Ele ri da minha ansiedade.

– Bom?

– Sim, muito bom. Desculpa a falta de educação.

– Imagina. – Ele sorri. – Fico feliz que tenha gostado. Era só isso que a gente tinha na geladeira.

Enfio mais um pedaço na boca.

– Quanto te devo?

Ele balança a cabeça.

– Não se preocupe. As refeições estão incluídas.

– Ah. Ok, então.

Por um lado, fico um pouco mal com isso, levando em consideração que ele não tem muitos hóspedes e o lugar parece estar caindo aos pedaços, então não deve estar nadando em dinheiro. Por outro lado, também não estou podendo jogar dinheiro fora.

– Obrigada mais uma vez.

Ele olha para os meus pés.

– Estou vendo que conseguiu as meias. A Greta te deu?

– Pois é, ela me deu. Ela é, hum, muito interessante...

Nick joga a cabeça para trás e dá risada.

– É, ela é mesmo, né? Ela se ofereceu pra ler seu futuro?

Também rio.

– Sim, se ofereceu.

– É o lance dela. Ela era tipo essas videntes de parque. É tudo uma grande encenação.

Faço uma pausa antes de dar mais uma mordida no sanduíche.

– Ela já leu seu futuro?

Ele bufa.

– Já. Falou a mesma coisa de sempre. Você vai morrer jovem. Um infortúnio terrível. Como eu falei, uma grande encenação, é isso que ela faz. Queria que ela tivesse me dito que o cano iria estourar. Isso, sim, teria sido útil.

Engulo um pedaço de pão e peru.

– Morreu mesmo uma mulher no quarto 201?

O sorriso desaparece do rosto de Nick. Fica óbvio que essa informação é verdadeira.

– Ela te contou isso?

Assinto. Ele esfrega a nuca.

– O que ela te falou?

Observo o rosto dele. Os olhos castanho-claros. A barba por fazer no queixo.

– Ela disse que esfaquearam uma jovem até a morte no quarto. E que você a encontrou.

Ele tosse.

– Hum, sim. Isso tudo é verdade.

Um arrepio percorre minhas costas e chega até os dedos dos pés, embora eu já

esteja de meias.

– Deve ter sido horrível.

– Pois é. – Ele olha para baixo. – Foi, sim. Nunca vi nada parecido antes. Não quero ver de novo. Às vezes ainda tenho pesadelos.

– Que horror – murmuro. – E nunca descobriram quem a matou?

Ele ergue o olhar. Mas não está olhando para mim. Está olhando para a janela atrás de mim.

– Não. Nunca descobriram.

– Ah – murmuro.

– Enfim. – O sorriso dele parece forçado. – Se não for precisar de mais nada, vou voltar pra minha casa. A Rosalie... ela não gosta de ficar sozinha quando tem tempestade. Posso consertar o cano de manhã.

– Claro.

Penso na silhueta na janela da casa do outro lado da rua. A mulher que não retribuiu o aceno.

– A sua esposa vai estar aqui pela manhã?

– Não. Ela não vem mais ao hotel. Ela está... doente. Tenho cuidado dela.

– Nossa, sinto muito. Deve ser difícil.

Ele dá de ombros.

– É minha esposa. Na saúde e na doença, né? – Ele dá uma olhada na aliança na minha mão esquerda. – Você sabe do que eu tô falando.

Respiro fundo. Não posso dizer a ele que acabei de esfaquear o homem que me deu essa aliança.

– Sim. Claro.

– Boa noite, Kelly. Até amanhã.

Seguro o prato com o sanduíche pela metade enquanto vejo Nick se afastar pelo corredor. Ele parecia estar de ótimo humor até eu mencionar o assassinato no quarto 201. É óbvio que o assunto ainda mexe com ele.

Mas havia outro motivo para eles acharem que o Nick tinha matado ela.

Tudo que Greta me contou naquele quarto é verdade. Portanto, fico me perguntando o que ela quis dizer com isso.

Enfim, não importa. Não vou passar muito mais tempo neste hotel. Logo de manhã vou voltar para a estrada. Assim que a neve parar.

Viro a placa de NÃO PERTURBE, fecho a porta e tranco. Vou até a janela e observo os flocos caindo do céu. Quem me dera poder dar uma olhada no aplicativo de meteorologia para ver quanto tempo vai durar. Devia ter olhado antes de me livrar do celular. Mas tenho uma pá na mala do carro: vou sair daqui, de um jeito

ou de outro.

Olho para o outro lado da rua, para a pequena casa vizinha. Está em péssimo estado, mas há algo de majestoso nos janelões arqueados, na chaminé de tijolos e no cone que se projeta do último andar, quase como se fosse um castelo. Com um pouco de esmero, poderia ficar realmente bonita. Precisa ser reformada, isso é óbvio. Nick disse que a esposa estava doente. Eu me pergunto se tinham planos de reformá-la e desistiram.

Sei como é quando planos dão errado.

A luz ainda está acesa na janela do andar de cima. A silhueta de Rosalie Baxter me encara de volta. Desta vez, não levanto a mão. Na verdade, fecho as cortinas, deixando apenas uma pequena fresta entre elas.

É quando vejo algo se mexer atrás da silhueta de Rosalie. Deve ser Nick, que chegou em casa. Espio pela pequena fresta entre as cortinas, observando-os. Ele se abaixa ao lado dela, conversando com a mulher. Estende a mão e toca o rosto dela. Fico esperando que se incline para beijá-la, mas ele não faz isso.

Vejo que ele se levanta. De repente, começa a andar de um lado para o outro no cômodo. Parece chateado, mas obviamente não tenho como ouvir a conversa.

Então ele para de andar. Ergue a cabeça e olha pela janela.

Recuo. Será que ele consegue me ver? Não, é impossível. Seja como for, eu não deveria estar bisbilhotando. O que quer que ele esteja fazendo com a esposa na própria casa é assunto particular. Não é da minha conta.

Volto a me concentrar na televisão. Estou morrendo de curiosidade para saber se há alguma notícia de Derek. Não tenho como sair daqui esta noite, mas, se ainda não encontraram o corpo, tenho algum tempo para respirar. Queria muito estar com meu celular para pesquisar, mas isso me tornaria um alvo fácil.

Ligo a televisão, mas a tela está tomada por chuva. Mexo na antena, girando-a em todas as direções, deixando-a mais comprida, depois mais curta. É inútil: não há sinal. Provavelmente tem a ver com a tempestade.

Bem, se a tempestade está tão forte assim, talvez isso signifique que não há ninguém por aí atrás de mim.

Estremeço só de imaginar Scott Dwyer encontrando o cadáver do meu marido. Ainda não consegui entender muito bem por que ele não insistiu em entrar na casa para dar uma olhada. Não é esse o protocolo? Se alguém ouve gritos, não é preciso investigar?

Mas ele vai acabar encontrando o corpo em algum momento. Queria que fosse outra pessoa a fazer isso. Não quero que Scott saiba o caos que minha vida se tornou na última década.

Um soluço me escapa quando penso nos tempos de escola, na época em que conheci Scott. Os dias eram mais simples. É claro que minha vida estava longe de ser perfeita naquela altura. A dor pela morte repentina dos meus pais ainda era recente. Na maior parte dos dias, eu ia direto para casa depois da escola e ficava estudando. Antes da morte dos meus pais, participava de atividades extracurriculares, mas depois não consegui mais. Sobretudo porque eles estavam indo assistir a uma das minhas peças quando o acidente aconteceu.

Passei a maior parte do ensino médio muito na minha. Viviam com a cara enfiada nos livros, e a maioria dos outros alunos me considerava antissocial, até mesmo esnobe. Enfim, eles não me perturbavam.

Mas Scott fazia um esforço. Conversava comigo durante a aula e começou a me acompanhar até a aula seguinte. Fazia piadas até que eu desse um sorriso, o que não era tarefa fácil, pois eu não sorria com facilidade. Então um dia, enquanto conversávamos sobre como estava quente demais para a época, notei que o ombro dele roçava no meu enquanto caminhávamos. Ele também percebeu e sorriu para mim. Sempre que ele me olhava, era com uma expressão de afeto irrestrito. Como se me achasse a garota mais legal e maravilhosa que já tinha visto.

Então, quando chegamos à minha aula de estudos sociais (ele tinha uma aula exatamente no mesmo horário, do outro lado da escola, e com certeza chegava atrasado todos os dias por minha causa), ele passou a mão pelo cabelo, o suficiente para deixá-lo arrepiado. Seu sorriso transparecia um nervosismo adorável.

Está tão quente lá fora... O que acha de irmos ao Frosty tomar um sorvete depois da aula?

Levei uma fração de segundo para perceber o que estava acontecendo. Scott estava me convidando para sair. E percebi o quanto queria aquilo.

Ótima ideia.

Eu não o valorizei. Era jovem demais e não sabia como eram os outros meninos. Achava que todos contornariam o Ford surrado para abrir a porta para mim. Que me levariam para casa todos os dias depois da aula, mesmo que isso significasse que teriam que voltar correndo para o treino de natação na escola. Que me beijariam com delicadeza e doçura e respeitosamente pediriam permissão antes de tentar qualquer coisa que não tivéssemos feito antes.

Ao contrário de Derek, que sempre tinha uma ideia de perfeição inalcançável, Scott parecia entusiasmado apenas de estar comigo.

Ele era gentil, sim. Mas também um pouco chato. Um pouco gentil demais. E

eu estava indo para a faculdade, ao passo que ele ficaria na nossa cidade natal, trabalhando na loja do pai. Parecia muito um namorico de escola, e nunca achei que ficaríamos juntos quando eu fosse para a faculdade. E não ficamos.

Então, quando voltei para a cidade depois da faculdade, esbarrei com ele na mercearia e descobri que havia virado policial. E também que tinha ficado muito bonito. E, pela maneira como me olhou, percebi que ainda sentia por mim a mesma coisa dos tempos de escola.

Quem sabe a gente toma um drinque mais tarde?, sugeriu ele.

Mas eu tinha acabado de começar a trabalhar no banco e estava ocupada demais tentando causar uma boa impressão. Então eu o dispensei, achando que poderíamos fazer isso em outra ocasião... que nunca chegou. E então, é claro, Derek apareceu na minha vida.

Imagino Scott entrando na cozinha da minha antiga casa, aquela que provavelmente nunca mais vou ver. Eu o imagino olhando para o corpo de Derek, os olhos cheios de repulsa. Da próxima vez que vir Scott, ele não vai me lançar aquele olhar de afeto.

Ele nunca mais vai me olhar daquele jeito.

Meu Deus, eu estraguei tudo.

Tento tirar Scott Dwyer da cabeça. Preciso dormir. Tenho um longo dia de viagem pela frente e, como não há mais nada que eu possa fazer no momento, preciso descansar o máximo possível.

Mas tenho a desagradável impressão de que vai ser difícil dormir.

DEZ

Tive a pior noite de sono da minha vida.

Não fiquei acordada. Teria sido melhor assim, mas peguei no sono e acordei várias vezes, com pesadelos horríveis. Só que não eram bem pesadelos. Eram lembranças.

Nosso primeiro encontro foi em um restaurante francês. Era muito mais chique do que eu estava acostumada. Não tínhamos muito dinheiro na infância e, claro, as coisas ficaram muito mais difíceis depois que nossos pais morreram e ficamos só eu e Claudia. Não estava acostumada a ser mimada daquele jeito.

Abri o cardápio e imediatamente me senti intimidada. Estava todo em francês, e tive a sensação de que, mesmo que falasse a língua, não saberia do que se tratava metade dos pratos. Timidamente, perguntei a Derek o que era bom, e ele me disse que pediria para nós dois. Ele nem me perguntou o que eu gostava de comer, mas sua confiança era contagiante. Era muito diferente de todos os outros homens com quem eu já tinha saído.

Derek pediu um vinho tinto especial, requintado. Cheirou a rolha e tudo. O garçom serviu minha taça, e Derek observou ansiosamente enquanto eu tomava um gole. *O que acha, Quinn?*

Fiquei lá sentada, sem saber como distinguir o vinho sofisticado do que eu comprava por 10 dólares na lojinha da esquina. *Tem um toque frutado*, falei por fim. (Não tinha. O sabor era *exatamente* igual ao do vinho de 10 dólares.)

Derek abriu um enorme sorriso para mim, e senti como se tivesse gabaritado uma prova. Ele era tão bonito e cheio de charme e carisma... Parecia ser *melhor* do que eu. Claudia ficaria brava se eu falasse isso, mas eu não conseguia deixar de

me sentir daquele jeito.

Ele pediu um prato chamado *coq au vin*, que, segundo ele, era frango cozido em vinho tinto. Também experimentei *foie gras*, que aparentemente é fígado de pato. Achei o sabor horrível, mas, nos últimos anos, passei a apreciar.

Então, quando estávamos terminando o mais divino suflê de chocolate, Derek se inclinou e me beijou.

Na vida real, foi um beijo adorável que levou a um segundo encontro, depois a um terceiro e, muito rapidamente, a um pedido de casamento que não tive como recusar. No meu sonho tudo era exatamente igual, porém, depois que ele me beijava, havia uma mancha vermelha se espalhando pela camisa social branca.

Quinn, dizia ele, ofegante.

Eu olhava para baixo e via uma faca de cozinha na minha mão direita. Estava coberta com o sangue do meu marido. Eu a deixava cair no chão, mas era tarde demais.

Sua desgraçada, Derek conseguia dizer conforme a cor desaparecia de seu rosto. *Chama... uma ambulância...*

Mas não chamei ambulância nenhuma. Fiquei apenas parada, vendo a vida dele se esvair.

Deixei meu marido morrer no chão da cozinha.

Esse é meu outro segredo. Dei uma facada no abdômen de Derek para impedir que ele me estrangulasse, mas houve um momento em que eu poderia ter salvado a vida dele. Se tivesse corrido direto para o telefone e ligado para a emergência, talvez ele estivesse vivo agora. Acontece que não fiz isso. Sim, eu o matei em legítima defesa, mas queria que ele morresse.

Não só isso: também esperei para ter certeza de que estava morto. Fiquei observando enquanto ele sangrava até a morte. Enquanto gritava por socorro. Ele me implorou para que eu chamasse uma ambulância, até enfim perder a consciência. E, mesmo depois que ele desmaiou, continuei esperando. Esperei até que seu peito parasse de subir e descer. Esperei até não sentir mais o pulso dele.

Acordo assustada na cama de casal desconfortável do quarto do hotel. Por um momento, fico completamente desorientada. Não faço ideia de onde estou. Mas então tudo volta à minha mente. Onde estou. O que fiz.

Eu me sento na cama, o coração acelerado.

Preciso sair daqui.

Olho para o relógio de pulso: são quase nove horas. Não sei como consegui dormir até tão tarde, já que mal peguei no sono. Mas não posso perder nem um segundo para voltar à estrada. Não tenho tempo para tentar ligar a televisão para

ver as notícias. Vou ouvir no rádio do carro.

Vou ao banheiro fazer xixi e jogar uma água no rosto. Quando vejo meu reflexo no espelho, dou um passo para trás. Estou com uma aparência horrível. Meu cabelo está seco, mas parece que foi cortado com... bem, com uma tesoura qualquer dentro de um banheiro. Os fios estão opacos e há bolsas escuras sob meus olhos. Parece que envelheci dez anos da noite para o dia.

Mas o pior de tudo é que ainda pareço comigo mesma. Sim, uma versão desgrenhada de mim, mas claramente ainda sou Quinn Alexander. Se alguém visse uma fotografia minha, me reconheceria, mesmo com o cabelo cortado assim.

Não sei o que fazer para mudar minha aparência. No curto prazo, preciso comprar uma tintura para o cabelo. Algo escuro, mas não preto, porque chamaria a atenção. E posso tentar ganhar peso, embora não consiga imaginar como faria isso sem dinheiro para comer.

Enfim, vou resolver isso mais tarde. Neste momento, preciso sair daqui.

Enquanto visto a calça jeans, ouço alguém bater na porta. Meu coração acelera no peito. Será que é a polícia? Vieram atrás de mim? Mas então ouço a voz de Nick.

– Kelly?

– Peraí!

Pego as meias no aquecedor. Estão bem rígidas, mas quentes e secas. Eu as calço e passo a mão pelo cabelo mal cortado.

– Já vou! – acrescento.

Abro a porta. Nick está com um prato de comida nas mãos. Parecem ovos mexidos e algumas fatias de bacon crocante. Meu estômago ronca só de ver.

– Desculpa incomodar... – Ele encara o aviso pendurado na maçaneta da minha porta. – Mas preparei um café da manhã pra você. Achei que estaria com fome.

Ele acertou. Ao ver o prato de comida, meu estômago ronca dolorosamente. Os ovos estão marrons, mas não dou a mínima. Poderia devorá-los numa só garfada.

– Obrigada, mas vou pegar a estrada em breve.

As sobrancelhas de Nick se erguem até a linha do cabelo.

– Pegar a estrada?

– É... – Olho pela janela. – Parou de nevar, né?

– Parou, mas... – Ele franze a testa. – Estamos soterrados. Não consigo um trator limpa-neve antes do fim da tarde. Não sei onde você estacionou, mas, a

menos que tenha uma caminhonete imensa, não vejo como poderia sair daqui.

Meu estômago revira.

– Tá falando sério?

– Sinto muito. Posso tentar ligar de novo pro pessoal do limpa-neve. Mas nevou muito aqui ontem à noite...

Não, não, não... Isso não pode estar acontecendo. Eu preciso sair daqui agora mesmo.

– Talvez eu consiga desenterrar o meu carro.

– É...

Agarro o prato branco, perdendo subitamente o apetite.

– Você pode me ajudar?

– Te ajudar?

– A desenterrar o carro. – Estou segurando o prato com tanta força que sinto que ele pode quebrar nas minhas mãos. – Preciso ir embora hoje. Por favor.

– É... – Nick olha para algo atrás de mim, pela janela, na direção da neve branca ofuscante que cobre absolutamente tudo. – Acho que a gente pode tentar, mas tem muita neve lá fora. Onde você estacionou, afinal? Não foi no estacionamento aqui fora.

– Estacionei perto do restaurante. Aquele que tá fechado com tábuas.

– Tá. – Ele dá de ombros. – A gente pode tentar. – Ele olha para os meus pés. – Você tem botas?

É claro que não tenho botas. Eu não tinha nem meias.

– Não. Mas tudo bem.

Ele esfrega a barba por fazer no queixo.

– Vou pegar um par emprestado da Rosalie. Vocês parecem calçar o mesmo tamanho.

Algo sobre pegar um par de botas emprestado da esposa doente dele me deixa levemente desconfortável.

– Não precisa.

– Precisa, sim. Tem *muita* neve lá fora. Você vai perder um dedo do pé se não estiver usando botas decentes.

Ele tem razão.

– Se você tem certeza de que não tem problema...

Ele meneia a cabeça na direção do prato de comida.

– Por que você não toma seu café e depois nos encontramos lá embaixo pra eu te entregar as botas?

Aceito a proposta, mas a expressão dele não me deixa muito otimista. E se eu

não conseguir sair daqui? Sou uma presa fácil neste momento.

Depois que ele sai, meto os ovos na boca enquanto tento sintonizar a televisão. A comida está horrível. Os ovos estão secos e sem gosto e o bacon está queimado. Ele se saiu melhor com o sanduíche de peru. Para ser honesta, é difícil estragar um sanduíche de peru.

Sintonizo no noticiário local, mas não há menção a nenhum assassinato. Mais uma vez, a maioria das notícias é sobre a nevasca. Não sei se é porque a história não chegou ao noticiário ou se ninguém encontrou o corpo de Derek ainda.

Parece quase impossível que ainda não o tenham achado. Que ele esteja simplesmente caído no chão da cozinha, morto, e ninguém saiba. Quanto tempo leva para um corpo se decompor? Será que isso já está acontecendo? Com esse frio, acho que não.

É quase impossível pensar em Derek dessa forma. Ele era tão forte, grande e cheio de vida... Um cara fora do comum. Para ele estar morto...

Ele *está* morto, não está? Não está?

Esse pensamento não havia me ocorrido. Fiquei lá parada, esperando para ter certeza de que ele estava morto. Ele sangrou no chão da cozinha todinho. Com certeza está morto. Não estava respirando.

Ele *está* morto.

Mas...

Não sou médica. *Parecia* que ele não estava respirando. Eu não sentia mais a pulsação. Ele estava completamente imóvel. E tinha *muito* sangue. Era impossível que ainda estivesse vivo.

Antes de sair de casa, não fui verificar outra vez. Não tive coragem. Presumi que ele ainda estivesse largado no chão da cozinha, como o deixei. É como aquela sensação que a gente tem quando sai de casa de manhã e não tem certeza se apagou as luzes ou trancou a porta. Só que um milhão de vezes pior.

E se a razão pela qual ninguém está me procurando é porque Derek não morreu de fato?

Acho que vou vomitar os ovos que acabei de comer. Alguns minutos atrás, tinha certeza de uma coisa: Derek estava morto. Eu estava certa disso. Mas agora não tenho mais tanta certeza assim. E se ele se levantou, tratou o ferimento e neste momento está por aí atrás de mim?

De qualquer maneira, preciso dar o fora daqui.

Olho para a minha mão esquerda, onde a aliança ainda está, me provocando. Seja como for, quero tirar essa coisa ridícula do meu dedo. Arranco a aliança com força. A pele está um pouco mais clara onde ela ficava. A primeira coisa que

vou fazer é me livrar dessa marca.

Abro a gaveta da cômoda ao lado da cama. A única coisa dentro dela é uma Bíblia. Coloco a aliança na gaveta e a fecho com força.

Pego a chave do quarto e tranco a porta ao sair. Penso em levar minha bolsa comigo, mas decido deixá-la para trás. Posso passar pela entrada do hotel e jogá-la fora quando for embora.

– Já está indo?

Eu me viro: Greta está atrás de mim. Usa uma camisola comprida azul-clara que chega até os tornozelos. Ao contrário de mim, não parece se incomodar de ficar descalça.

– Aham – respondo. – Preciso ir.

– Tem muita neve lá fora.

– Pois é – digo, irritada. – Nick vai me ajudar a desenterrar meu carro.

Greta olha para os meus pés. Tudo que estou calçando agora são as meias.

– Interessante a sua escolha de calçado.

Cerro os dentes.

– Nick disse que vai me emprestar um par de botas da esposa dele.

Os lábios de Greta se curvam para cima.

– Cuidado com o que você pega emprestado da esposa daquele homem.

Algo na expressão dela me deixa extremamente desconfortável.

– Ele disse que não tinha problema. Foi ideia dele.

– Claro que foi. – Ela zomba. – Só estou avisando. Rosalie não vai gostar de emprestar um par de botas para que o marido possa ajudar uma hóspede jovem e bonita. – Ela semicerra os olhos. – Ela está sempre de olho nele.

Penso na silhueta na janela da casa em frente ao hotel. Por um momento, o ar me falta.

– Não tem motivo pra ciúme. Acredite.

– Diga isso a Christina Marsh.

Minha garganta fica seca. Do que ela está falando? Está insinuando que Rosalie Baxter teve algo a ver com a morte da tal mulher no quarto 201?

Não. Isso é loucura. Nick disse que a esposa está doente. Ela está doente. Não anda por aí matando ninguém.

Bem, ele não falou qual doença ela tem. E se for alguma doença mental?

Não. Isso é ridículo. Daqui a uma hora, já não vou estar mais aqui. Não preciso pensar na esposa maluca de Nick. E Greta está apenas tentando me assustar. Nick disse que ela costuma ser melodramática.

– Vai ficar tudo bem. Foi... um prazer te conhecer.

Na verdade, não foi.

A expressão no rosto da velha é indecifrável.

– Prazer em te conhecer também... *Kelly*.

Com essas palavras, Greta bate a porta na minha cara. Ouço as fechaduras serem trancadas, apesar de sermos as únicas pessoas aqui. Além de Nick, é claro. Fico imaginando por que ela sente necessidade de todas essas fechaduras.

Ao seguir o corredor, passo pelo quarto 201. Foi lá que aconteceu. Foi lá que uma mulher foi assassinada dois anos atrás.

Imagino como deve ter sido encontrá-la. Nick deve ter aberto a porta com a chave mestra e a encontrado em cima da colcha, o tecido todo manchado com o sangue dela. Com certeza, ele teve que jogar a colcha fora. Agora sei como é difícil remover sangue.

Sinto um calafrio. Não preciso mais pensar nisso. Depois de hoje, nunca mais vou ver o Hotel Baxter.

Conforme prometido, Nick está me esperando no térreo. Está vestindo um casaco preto pesado e um gorro também preto. Quando sorri para mim, emana um ar adorável. Derek era inegavelmente bonito, mas sempre preferi caras como Nick. Uma beleza mais cotidiana.

– Trouxe pra você! – Ele ergue um par de botas de neve pretas peluciadas. – Vão te manter aquecida.

– Obrigada. – Estendo a mão para pegar as botas, mas hesito. – Tem certeza de que não tem problema me emprestar?

– Tenho, claro. Ela não usa mais mesmo. Acho até que você pode ficar com elas.

Não existe a menor chance de eu ficar com as botas da esposa dele. Mas vou usá-las até conseguir liberar meu carro.

Quando saio do hotel e vejo aquela neve toda, chego a me sentir mal. Nick não estava exagerando. Parece ter muito mais do que meio metro de neve. Em algumas áreas, parece chegar a três metros. E estou dirigindo um Corolla, não uma caminhonete. Como vou conseguir sair daqui?

– Uau – murmuro. – Não tinha me dado conta de que a situação era tão ruim. Ele assente.

– Qual é o seu carro?

– Um Corolla.

Ele arregala os olhos.

– Bem, vai ser um desafio.

Apesar disso, Nick ainda parece disposto a me ajudar. As botas de Rosalie

afundam na neve profunda conforme caminhamos lentamente até o local onde estacionei. Quando explico que temos que dar a volta no estabelecimento para chegar ao local, Nick parece um pouco surpreso, mas não questiona por que eu faria algo assim. Ele tem uma pá, e eu tenho outra no porta-malas do carro. Mas, a cada passo, vou me dando conta de que vai ser impossível. Vamos precisar cavar uma extensão equivalente a um campo de futebol para me tirar daqui.

Quando chegamos à lateral do restaurante, Nick força a vista diante da imensidão branca.

– Cadê o carro? Não tô vendo.

Também não o vejo. Merda, onde foi parar o meu carro?

Mas então vejo o grande monte de neve atrás da lixeira e noto um pequeno pedaço do retrovisor lateral azul. É o meu carro. Só está enterrado. Estava torcendo para que o restaurante o tivesse protegido um pouco da neve, mas, levando em consideração a minha sorte nos últimos tempos, isso faz mais sentido mesmo.

– Tá bem ali – digo.

Nick meneia a cabeça e seguimos em direção à imensa pilha de neve que soterrou meu carro durante a noite. Quando chegamos lá, ele precisa se apoiar no capô.

– Nossa, é muita neve – comenta.

– Obrigada por me ajudar.

– De nada – responde ele. – Bem... vamos lá.

Ele me ajuda a liberar o porta-malas para que eu possa abri-lo e pegar minha pá e o raspador de gelo (ferramenta essencial para qualquer inverno na Nova Inglaterra). Em seguida, nós dois começamos a trabalhar.

É um trabalho lento. Tem *muita* neve em cima do carro. E ao redor. E ao redor da área ao redor do carro.

Estou bastante desanimada, mas Nick não reclama. Simplesmente continua removendo a neve.

– Obrigada pela ajuda – repito. – Sério. De verdade.

Ele sorri.

– Imagina. Fico feliz em ajudar.

– Tenho certeza de que a maioria dos proprietários de hotéis não ajuda os hóspedes a remover neve.

Ele ri.

– Bem, oferecemos um serviço completo. – Ele dá uma piscadela para mim. – E se precisar ficar mais tempo, fique à vontade. Podemos, sei lá, negociar um

desconto ou algo assim.

Ele percebeu que estou com pouco dinheiro. Mas não é por falta de dinheiro que não fico aqui. Além do mais, considerando que o hotel está caindo aos pedaços, Nick não tem condições de oferecer descontos a ninguém.

– Obrigada – murmuro.

– E a comida não vai ser grande coisa – prossegue ele, alegremente –, mas pelo menos tem bastante. Tipo aquela piada dos clientes que reclamam que a comida do restaurante é péssima, sabe? E depois ainda falam: “E vem tão pouco!” – Quando não dou nem um sorriso, ele acrescenta: – Tipo, por que você iria querer que viesse muito se a comida é péssima, sabe?

Meneio a cabeça, concordando.

– Aham...

Ele dá um pigarro.

– Desculpa, só tô tentando te animar. Mas acho que não contei a piada direito. Esboço um leve sorriso, só para agradá-lo. Mas não me animo nadinha.

– Não se preocupa com isso. Qualquer comida que você me arranjar tá ótimo.

– Como eu disse, minha esposa era a cozinheira. – Mais uma vez, ele fala dela no passado. – É difícil pra ela agora.

Apesar do frio intenso, minha testa está suando. Remover neve é um trabalho árduo. E, para piorar, tenho certeza de que amanhã todos os meus músculos vão estar doloridos.

– Então... esse restaurante era dela?

Nick olha para trás, para a construção fechada com tábuas.

– Era, sim. Sempre foi o sonho dela. Ter o próprio restaurante. E, por um tempo, estava indo muito bem. Muito bem *mesmo*, levando em conta que é só uma paradinha à beira da estrada.

– O que aconteceu? – pergunto, sem pensar.

Ele parece surpreso com a pergunta. Talvez eu não devesse ter perguntado, mas faz mais de uma hora que estamos removendo neve juntos. Criamos um laço através do trabalho manual.

– Bem, ela ficou doente. – Ele hesita por um instante. – Ela tem esclerose múltipla. Um subtipo progressivo, e só vem piorando ao longo dos últimos cinco anos. Não consegue nem andar mais, e eu tenho cuidado dela.

– Ah, não – murmuro. – Que terrível. Sinto muito.

Mas no fundo estou aliviada por ele não ter confessado que a esposa tem esquizofrenia paranoide. Pelo contrário, está tão debilitada que nem consegue sair de casa. Não parece haver motivo para ter medo dela, mesmo que seja do

tipo ciumenta.

– Eu queria que ela continuasse administrando o restaurante – diz ele. – Falei que poderíamos pagar pra reformar a cozinha pra que ela pudesse trabalhar em uma cadeira de rodas. Mas ela nunca quis. Fica teimando em fazer as coisas do jeito que sempre fez, e aí, se não consegue...

– As pessoas podem ser bem teimosas.

Ele concorda com a cabeça.

– Eu entendo que é difícil para ela. Não tô dizendo que teria aceitado bem se fosse comigo. Só que, se ela quisesse, poderia ainda fazer tudo que costumava fazer. Mas não quer mais fazer *nada*. Fica em casa o dia todo, mesmo que esteja enlouquecendo lá dentro. Isso está *me* deixando louco.

Lanço um olhar compreensivo, pensando em Derek.

– Todos nós ficamos um pouco loucos às vezes.

– Pois é, mas... – Ele pausa a pá por um momento e olha para longe, para a casinha dele. – É muita coisa. Pra mim. É difícil.

– Eu entendo. – Mordo o lábio. – Você já pensou que talvez ela estivesse melhor em... outro lugar?

Há um lampejo repentino de raiva em seus olhos castanhos suaves.

– Outro *lugar*? Tipo, uma *casa de repouso*, é isso que você quer dizer?

– Bem...

– Ela é minha *esposa*. – Sua mão enluvada se fecha. – Ela só tem 35 anos. Não vou enfiar ela numa *casa de repouso*. Tá de sacanagem? Que tipo de pessoa você acha que eu sou?

Dou um passo para trás, segurando a pá com mais força.

– Desculpa. Não foi minha intenção. Eu só estava...

Nem percebi que preendi a respiração, só relaxei quando os ombros de Nick cederam.

– Não, *eu* que peço desculpas. Eu não deveria ter gritado com você. Você não teve má intenção. Eu não deveria ter reclamado. A culpa é minha.

Fico chocada com a rapidez com que ele se acalma. Se fosse Derek, teria sido apenas o começo de horas de gritaria e dias de tortura mental. Quando uma vez ousei dizer que o cozido da mãe dele estava salgado demais, ele trocou as fechaduras da porta para que eu não pudesse entrar no dia seguinte. (E, acredite, o tal cozido era sal puro.)

– Tudo bem. Você provavelmente não tem muitas oportunidades de conversar com outras pessoas por aqui.

– Não mesmo. – Ele dá um sorriso de canto de boca. – Enfim, obrigado por

me ouvir. Somos relativamente felizes aqui. Quer dizer, as coisas poderiam estar melhores. Mas poderiam estar piores também, certo?

– Claro.

Você poderia estar fugindo depois de matar seu marido. Ou talvez você não o tivesse matado e ele estivesse atrás de você. Então, sim, as coisas poderiam estar piores.

– Opa – diz ele. – Acho que é meu celular tocando.

– Não estou ouvindo nada.

– Está no modo silencioso. Sinto ele vibrando. – Ele tira a luva direita, revelando dedos rosados. Revira o bolso e pega o celular. – Oi, Rosie. O que houve?

Vejo sua expressão mudar conforme a esposa fala com ele. Ele se vira e dá alguns passos para longe do carro. A voz está mais baixa desta vez, mas ainda consigo entender o que ele diz.

– Estou só ajudando ela a desenterrar o carro – murmura. – Está atolado na... – Ele abaixa a cabeça. – Não... Rosie, fala sério, isso não é... – Ele solta um longo suspiro. – O que você quer que eu faça? Eu tenho que ajudar.

Sinto um calafrio. Greta estava certa: parece que eu o coloquei em apuros com a esposa.

Ele baixa ainda mais a voz, e agora tenho dificuldade para ouvi-lo. Por fim, desliga o celular. Por um momento, parece irritado, mas depois se recompõe.

– Desculpa se te causei problema – digo.

Ele dá um tapinha no ar.

– Tudo bem. Quer tentar ligar o carro? Ver se o motor pega?

Olho desconfiada para o meu Corolla. Tiramos toda a neve do carro, mas ainda estamos basicamente em um mar de neve. Como vou conseguir sair daqui? Mas estou disposta a tentar. Não preciso ir muito longe.

Eu me sento ao volante. Achei que estaria um pouco mais quente dentro do carro, mas, por alguma razão, está ainda mais frio. Rezo uma Ave-Maria, coloco a chave na ignição e fico aliviada quando o motor dá a partida. Estava com medo de que a bateria tivesse descarregado durante a noite.

Mas então piso no acelerador.

O carro não se mexe.

Abro a janela.

– Não se mexe nem um centímetro.

Nick assente, pensativo.

– Tá bem, coloca em ponto morto outra vez. Deixa eu cavar um pouco mais as

rodas. Aí a gente tenta de novo.

Espero pacientemente enquanto ele desenterra as rodas. Depois de alguns minutos, ele faz um sinal para que eu tente ligar o carro de novo.

Desta vez, as rodas avançam. Comemoro por dentro durante uns dois segundos, mas logo atolo novamente. As rodas estão girando, mas não vou a lugar nenhum. Piso mais fundo no acelerador, porém em vão.

– Droga! – grito.

– Sinto muito, Kelly. Acho que não vai dar pra cavar uma trilha daqui até a estrada principal. É muito longe.

– Eu sei – murmuro.

– Mas os limpa-neves vão chegar hoje à tarde. Vou garantir que eles removam a neve ao redor do restaurante pra que você possa sair. Prometo.

Não há nada que eu possa fazer. Estamos presos até o limpa-neve chegar. E só Deus sabe quando isso vai acontecer. Ele diz que vai ser à tarde, mas a que horas? Quantas horas vou ficar plantada aqui, presa em um quarto de hotel?

E é aí que meus olhos se enchem de lágrimas.

– Kelly? – Nick se inclina ao lado da janela. – Você tá bem?

Faço o possível para enxugar as lágrimas, mas ele percebe.

– Estou bem. É só que... preciso estar em outro lugar.

– Queria muito poder te levar. Mas meu Ford se sairia ainda pior do que o seu carro...

Fico piscando, incapaz de conter as lágrimas. Enfim, não adiantaria nada se Nick me levasse a algum lugar. Não posso deixar meu carro para trás. Preciso dele, ao menos para poder trocar por outro.

– Tudo bem.

Nick fica em silêncio por um momento, parado do lado de fora do carro. Revira o bolso, e acho que vai pegar o celular, mas então tira um chumaço de lenços de papel, que me entrega.

– Estão limpos. Juro.

Aceito os lenços, enxugo os olhos e faço um esforço para me controlar. Não posso me permitir perder o controle. Não é nada de mais. Com as estradas fechadas por conta da neve, com sorte a polícia também não vai me procurar com tanto afinco. Tenho algumas horas. Talvez o limpa-neve chegue mais cedo.

Saio do carro e voltamos juntos para o hotel. O balde ainda está em frente ao balcão principal. Acho que ele acabou não conseguindo consertar o tal vazamento no quarto 201.

Agora percebo que a água que pinga do teto não parece límpida como água

normalmente é. Tem uma tonalidade acastanhada. Quase avermelhada. Será que é ferrugem? Faz sentido que os canos daqui estejam enferrujados.

– Vou chamar um encanador – diz Nick quando me vê olhando para a goteira. – Tentei consertar hoje de manhã e... bem, não tive muita sorte. Acho que preciso de um profissional.

Olho para a água acumulada no balde. Parece mesmo vermelha. Que coisa mais esquisita.

– Vou pro meu quarto. Me deitar um pouco. Fiquei cansada depois de todo esse esforço com a pá.

– Claro. – Ele vai para trás do balcão e se senta. – Vou colocar a papelada em dia, mas avisa se quiser que eu prepare o almoço pra você.

Quase faço uma piada sobre vir muita comida, mas acabo não falando nada. Não estou com disposição para fazer piadas no momento. Também não estou com disposição para comer.

– Vou deixar as botas secando no aquecedor e depois trago pra você – digo.

Ele dá de ombros.

– Pode ficar. Como eu disse, a Rosalie não consegue mais andar. Não precisa delas.

Ergo as sobrancelhas.

– Então ela não liga que você me dê as botas?

Ele abre a boca, mas não fala nada de imediato.

– É. Você tem razão. Acho que é melhor devolver.

Fico culpada pelas pegadas molhadas que deixo na escada ao subir de volta para o quarto. Talvez seja o peso das botas, mas os degraus rangem ainda mais desta vez. Não ficaria surpresa se simplesmente desabassem, transformando-se em uma enorme pilha de escombros.

Ao voltar para o meu quarto, passo pelo 201. Não sei por quê, mas sempre que passo por esse quarto sinto um arrepio. A porta está fechada e há uma placa de NÃO PERTURBE pendurada na maçaneta, embora o quarto esteja vazio. Encosto o ouvido na porta. Está silencioso lá dentro.

Estendo a mão e passo os dedos pela porta. Por impulso, coloco a mão na maçaneta.

E tento girá-la.

ONZE

– Ele deixa trancada.

Quase dou um pulo ao ouvir a voz de Greta. Não sei há quanto tempo ela está me observando da pequena fresta entre a porta e o batente. Tiro a mão da maçaneta.

– Desculpa – murmuro.

Ela arqueia uma das sobrancelhas brancas.

– Não peça desculpa pra *mim*. Os donos deste hotel são Nick e Rosalie Baxter. Não me importo com o que você faz.

Seco a mão na calça jeans.

– Eu só estava...

– Curiosa?

– Acho que sim. – Não quero comentar o estranho vazamento vindo do teto bem embaixo do quarto 201. – Era só isso.

Greta fica olhando com espanto para mim.

– Você deveria vir ficar comigo. Estava me preparando para almoçar.

É quando percebo um cheiro bastante agradável vindo do quarto de Greta. Um minuto atrás, eu não tinha apetite nenhum, mas o cheiro de algo realmente apetitoso me lembra que é hora do almoço. E o que quer que Greta tenha preparado é muito melhor do que outro sanduíche de peru. Ou ovos passados.

– Tem certeza? – pergunto.

– Eu não te convidaria se não quisesse a sua presença.

É verdade.

Deixo o casaco e as botas no meu quarto e vou para o 202 almoçar com Greta.

É claro que, assim que entro, lembro por que fiquei com medo da última vez que estive aqui. Se tivesse me lembrado de todos os espelhos, talvez recusasse o convite.

Ela tem uma mesinha em frente à cama. Eu me sento na beira do colchão e observo enquanto ela coloca o que parece ser um ensopado marrom-escuro em cima de um ninho de macarrão.

– Isso é goulash? – pergunto.

– Não – responde ela. – É *pörkölt*.

– *Porkolt*?

Ela balança a cabeça com vigor.

– Não, *pörkölt* – corrige ela.

Como nunca vou conseguir pronunciar certo, apenas assinto. Ela serve uma quantidade enorme de ensopado no meu prato, suficiente para três pessoas, e coloca o prato na minha frente, com um garfo ligeiramente torto.

– É muita comida – comento.

– Sim. Você está muito magra. Coma tudo.

Se eu tentasse comer tudo isso, provavelmente vomitaria logo em seguida. Mas não vou discutir. Mergulho o garfo na comida e espeto um pedaço de carne. Levo-o à boca e dou uma mordida cautelosa.

– É bom!

– Por que está tão surpresa?

– É que... – Pego mais um pedaço. Talvez eu consiga comer o prato inteiro. – Onde a senhora preparou isso? Não foi aqui neste quarto.

– Na cozinha. Nick me deixa usar a cozinha e me leva ao mercado uma vez por semana. Não gosto da comida dele, e ele não gosta de cozinhar.

Dou outra garfada. Isso está fantástico. Tem um sabor forte de ensopado e um toque de páprica. Se eu fizesse isso em casa, Derek iria...

Meu Deus, que ideia é essa? Não vou mais preparar nenhuma refeição para Derek. Nunca mais.

– Então, como era trabalhar em um parque de diversões? – pergunto.

– Um jeito de ganhar a vida.

Ela dá de ombros enquanto se senta ao meu lado com seu prato cheio de ensopado. Não sei como consegue comer tanto sendo tão pequena.

– Tenho um dom, então era minha obrigação dividir com os outros.

– Qual é o seu dom... exatamente?

Ela sorri de leve.

– Você não acredita.

Dou de ombros.

– É de família – continua Greta, e revira a comida no prato. – Todos nós temos a capacidade de ver além do que é visível a olho nu. Consigo ver o passado, o presente e o futuro.

Mastigo um pedaço de carne. Não faço ideia de que bicho é esse, mas é delicioso.

– Hum...

– Você deveria me deixar ler seu futuro.

– Melhor não.

– Por que não? Você não acredita mesmo. Faça só por diversão. Que tal?

Aponto para a cômoda onde vi as cartas de tarô.

– Então a senhora usa cartas de tarô, bola de cristal ou...?

Ela dá um tapinha no ar, desconsiderando a pergunta.

– Isso são só adornos para a encenação. – Ela dá um toquinho na têmpora. – O verdadeiro dom está aqui.

– A senhora leu o futuro do Nick? – pergunto.

Ela dá uma garfada no ensopado.

– Li.

– E aí?

Ela estala a língua.

– O que acontece durante uma sessão é privado. Mas vou te dizer uma coisa: ele não acreditou nas previsões. E isso foi ruim pra ele. E tem mais... – Ela se inclina para perto, o suficiente para que eu sinta o cheiro de vinho em seu hálito. – Se Christina Marsh tivesse ouvido minhas previsões, ainda estaria viva hoje.

Sinto como se um pedaço de carne tivesse ficado entalado na minha garganta.

– Acho que vou dispensar as previsões.

Ela dá de ombros.

– A escolha é sua. Mas, mesmo que não saiba seu destino, isso não impede que ele se concretize.

– Quando sabemos nosso destino, podemos impedir que aconteça? Ou devemos só parecer surpresos quando ele se concretiza?

– Em alguns casos, é possível mudar nosso destino – diz ela. – Mas é raro. A maioria das pessoas simplesmente permite que se concretize. Como a Christina.

Quero revirar os olhos, porque tudo isso é ridículo. Mas tem algo especial nessa mulher. Algo no quarto esquisito, nas meias com estampa de olhos e no ensopado de carne, que é a melhor coisa que já provei na vida. Se alguém pode

prever o futuro, é essa mulher.

E isso é mais um motivo para eu recusar.

DOZE

Passo quase duas horas no quarto de Greta. Ela me conta mais sobre o tempo em que trabalhava no parque (na verdade, ela é muito divertida). Ela me faz rir alto com a história de quando os funcionários do parque foram contra a regra do banho diário obrigatório e fizeram uma greve de banho que durou dois árduos meses.

– No fim – diz Greta –, eu precisava andar por aí com um pregador de roupa no nariz. Já tentou ler a palma da mão de alguém com um pregador de roupa no nariz?

– Não posso dizer que sim – respondo.

– Não recomendo.

– A senhora tinha seu próprio quarto lá?

Ela ajeita a camisola branca esvoaçante.

– Eu dividia o quarto com o Bernie. Meu marido.

– Ah. – Engulo em seco. – Eu não sabia que a senhora era...

Ela continua brincando com o tecido da camisola.

– Nós nos conhecemos no parque. Eu tinha só 19 anos quando o conheci. Não falava bem inglês. Ele me ensinou. Passamos mais de trinta anos juntos.

– Ele também era vidente?

Ela dá um sorriso distante.

– Ah, não. Ele não tinha o dom. Cuidava dos jogos e dos brinquedos, ou do que quer que precisassem. Não fomos abençoados com filhos, mas ele amava as crianças que iam ao parque. Adorava ver o sorriso na carinha delas. E aí...

– O quê?

– Uma manhã, ele não acordou. Os médicos disseram que foi o coração. – Um lado dos lábios dela se curva para cima, embora seus olhos estejam marejados. – O Bernie adorava cachorro-quente no palito e batata frita. Não era preciso ser vidente pra saber que isso acabaria matando ele. Mas sou grata pelos anos que passamos juntos.

Sinto uma pontada irracional de inveja. Dá para ver no rosto de Greta o quanto ela amava esse homem. Nunca senti isso por Derek. Não sei se algum dia vou sentir por algum homem. Pelo jeito, o amor verdadeiro me escapou. Talvez eu seja imune a ele.

A voz de Greta interrompe meus pensamentos.

– Não se preocupa. Você vai encontrar o amor. Prometo.

Inclino a cabeça de lado.

– É isso que vê no meu futuro?

– Não. Você é jovem e bonita. Algumas coisas são óbvias, só isso.

Certo, mas ela não sabe do meu passado. Não sabe do que estou fugindo. Se soubesse, talvez não fosse tão otimista em relação ao meu futuro.

Pensar no que deixei para trás faz o almoço delicioso de Greta se revirar no meu estômago. Eu não deveria estar sentada aqui de papo com uma velha. Preciso voltar para a estrada. Olho para o relógio.

– Preciso falar com o Nick. Talvez o limpa-neve tenha chegado.

– Não. Não chegou.

– Mas...

– Consigo ouvir o limpa-neve da janela. Acredite em mim, ainda não chegou.

Limpo as mãos na calça e me levanto.

– Enfim, é melhor eu ir. Mas... obrigada pelo almoço. Quer que eu leve os pratos pra cozinha?

– Não, não precisa. Nick vem buscar mais tarde. – Ela arqueia as sobrancelhas. – Tem certeza de que não vai me deixar ler seu futuro?

Hesito. Antes, minha resposta seria um não categórico, mas agora conheço Greta. Gosto dela. E ela parece realmente querer fazer isso. Então por que não? É melhor do que ficar andando de um lado para o outro no quarto enquanto espero o limpa-neve chegar.

– Tá bem. Vamos lá.

Greta sorri para mim.

– Você não vai se arrepender.

Vamos ver.

Ela estende a mão para diminuir a intensidade da lâmpada amarela ao lado da

cama. O quarto adquire uma iluminação suave. Estou sentada ao lado dela na cama, e ela pega minhas mãos. Sua pele é extremamente delicada, como papel de seda.

- Relaxe a mente – instrui ela.
- Como faço pra relaxar a mente?
- Livre-se de todos os pensamentos. Esvazie a mente.
- É mais fácil falar do que fazer.
- Tá...

Ela fecha os olhos, mas mantenho os meus abertos. Ela inclina a cabeça para trás, e as pálpebras tremulam.

- Sim. Você é muito fácil de ler. Você é um livro aberto.

Ah. Que maravilha.

– Estou vendo que... – As pálpebras dela tremulam outra vez. – Há um homem no seu passado. Um homem muito bonito.

- Sim...

Ainda não estou impressionada. Há muitos homens bonitos por aí.

– Sim, sim... – Os dedos dela apertam os meus. – Você o amou um dia, mas não o ama mais. Ele está...

Minha respiração fica presa na garganta e, de repente, estou agarrada a cada palavra dela.

– Você tem medo desse homem. – Ela abre os olhos. – Você sente que ele quer te fazer mal.

Engulo em seco.

- Bem...

– Mas a questão é: ele vai fazer isso? O que o futuro reserva pra você e o homem bonito?

O aperto dos dedos dela nos meus fica incômodo. Quero puxar as mãos, mas não me atrevo a interromper o feitiço. De repente, ela solta minhas mãos e se afasta de mim, como se eu estivesse pegando fogo. Greta arregala os olhos.

- Você precisa ir embora!
- Quê? – Eu a encaro, desconfortável. – Do que a senhora tá falando?
- Ela vai um pouco para trás, como se estivesse com medo de mim.
- Vai embora agora. Você... você... *Perigo*.

Fico de pé, as pernas tremendo.

- Eu estou em perigo?
- Desculpa. – Ela recua novamente até encostar na parede. Em um dos espelhos, na verdade. – Você precisa ir agora, Quinn. Vai embora! Sai já daqui!

– Mas...

– Vai! – grita. – Você precisa ir! Sai daqui!

As veias do pescoço dela estão saltadas e os olhos, esbugalhados. Não consigo nem entender o que está acontecendo. Por que ela está surtando desse jeito? Foi ideia *dela* ler o meu futuro!

Tenho medo de que ela comece a atirar coisas em mim, então saio obedientemente do quarto.

Por um momento, fico parada no corredor, atordoada. Aquilo foi sério mesmo? Ou era tudo encenação, como Nick disse? Não sei dizer.

Então algo me ocorre.

Ela me chamou de Quinn. Ela sabia meu nome.

Tudo bem, agora estou oficialmente assustada. Tenho certeza de que nunca disse meu nome para ela. Falei que me chamava Kelly, e ela percebeu que era um nome falso, mas nunca a corrigi. Então, como ela sabe que meu nome é Quinn?

Fecho os olhos e ainda consigo ver o rosto de Greta em pânico. As veias salientes no pescoço e nas têmporas. Ela gritando para mim: *Vai embora! Sai já daqui!*

O que ela acha que vai acontecer se eu ficar? O que viu de tão terrível no meu futuro?

Isso é ridículo. Ela precisa me falar a verdade. Isso não é justo.

Bato na porta dela. Depois bato uma segunda vez. E uma terceira. Tá, ela obviamente não vai atender.

Tenho uma sensação horrível no estômago. Não sei o que ela viu no meu futuro nem se tudo aquilo era real, mas concordo com ela em relação a uma coisa: preciso sair deste lugar. *Agora*. Vou ficar sentada no carro até o limpa-neve chegar, se for preciso.

Volto para o quarto e jogo tudo dentro da mala. Não levo muito tempo. Infelizmente, deixo as botas para trás. Vou ter que me virar com meu tênis.

Ao dar uma última olhada no quarto, espio pela janela em direção à casa do outro lado da rua. O sol ainda está alto, por isso é difícil enxergar, mas consigo distinguir vagamente a sombra de uma mulher sentada junto à janela do segundo andar.

Rosalie.

Por que será que ela está no segundo andar? Se não consegue andar, por que não ficar no primeiro? Por que se trancar no andar de cima?

Balanço a cabeça. Não tem por que ficar pensando nisso. A esposa de Nick não é problema meu. E tenho certeza de que ela vai ficar feliz quando eu for

embora.

Desço as escadas o mais rápido que consigo. É difícil com a bagagem volumosa, mas preciso sair daqui. Tenho a terrível sensação de que não disponho de muito tempo.

Nick está na recepção quando desço. Ele suspira ao me ver com a mala.

– O que você tá fazendo, Kelly?

– Eu... eu tenho que ir.

Ele franze a testa.

– Mas o limpa-neve ainda não chegou. Falei que ligaria pra você quando eles chegassem.

– Não posso mais esperar. – Coloco a bolsa no ombro. – Preciso sair daqui. Vou esperar no carro até eles chegarem.

– Mas tá muito frio lá fora. O que você vai fazer? Deixar o aquecimento ligado por duas horas? Seu carro vai ficar sem bateria.

Ele tem razão. Mas não posso ficar aqui.

– Talvez eles cheguem mais cedo.

– Não, não vão. Eles me ligaram e disseram que estão atrasados. Talvez levem horas pra chegar.

Faço força para não começar a chorar.

– Bem, não posso ficar aqui.

– Por que não?

– Porque... – Deixo a bolsa pesada cair no chão. – A Greta me disse que... Ela leu o meu futuro e disse que estou em perigo.

Nick me encara por um momento. Então começa a rir.

– Tá falando sério? Desculpa, mas... sério? Não é por isso que você tá indo embora, é?

– É... – Cravo a unha na palma da mão. – Foi assustador. Ela parecia saber coisas sobre mim. E ela mesma pareceu assustada. Pareceu... real.

– Bem, não era. Acredita em mim.

– Mas...

– Não era real. – Ele diz isso com tanta convicção que é difícil não acreditar nele. – Ela é uma artista. É isso que ela faz há muitos anos. Ela não é vidente. Fala sério, Kelly. Isso é loucura.

– Pareceu real – insisto.

Ele dá de ombros.

– É porque ela é boa nisso. Sabe o que ela faz? Se chama leitura fria. Ela me explicou uma vez. Ela observa enquanto você fala e procura por sinais sutis na

sua expressão facial e linguagem corporal que indiquem que ela está no caminho certo. Ela passou trinta anos ganhando a vida fazendo isso. É *muito* boa no que faz.

– Eu... não sei.

– Pois é, mas *eu* sei, e tô te falando. É isso que ela faz.

Olho para a bagagem ao lado do meu tênis. Quero acreditar que foi tudo uma encenação. Não quero ficar sentada dentro do carro gelado esperando o limpa-neve chegar.

– É muito fácil – insiste Nick. – Até *eu* conseguiria fazer isso. Olha só. – Ele fecha os olhos castanhos e massageia as têmporas com a ponta dos dedos. – Estou olhando para o seu passado. Estou vendo... um homem. Um homem muito atraente. Seu marido.

Eu o encaro.

– Foi isso mesmo que ela falou.

O canto esquerdo dos lábios dele se curva para cima.

– Claro. Bem, você entrou aqui usando uma aliança. E, obviamente, você acha seu marido atraente. Então...

– Sim, mas...

Ele massageia as têmporas outra vez.

– E agora estou vendo uma briga horrível entre vocês. Algo terrível. E agora... agora você está fugindo...

Dou um passo para trás.

– Como você...?

Ele dá de ombros.

– Você não tá mais usando a aliança. E, bem, você *obviamente* tá fugindo de alguma coisa. Nunca vi ninguém tão apavorada assim. – Ele me olha nos olhos. – Você é muito fácil de ler... *Kelly*. Não preciso ser vidente.

Respiro fundo, me apoiando no balcão para recuperar o equilíbrio. Talvez ele esteja certo. Talvez eu esteja exagerando em relação a algo que era obviamente uma encenação. Talvez tenha dito meu nome para Greta sem perceber. Com certeza é algo que eu poderia ter feito inconscientemente.

– Tudo bem. Eu... acho que vou esperar o limpa-neve.

Ele assente.

– É uma boa ideia. *Prometo* que vou ligar assim que eles chegarem.

– Tá bem, obrigada. – Respiro fundo novamente. – Agradeço a gentileza.

– Vai ficar tudo bem.

Ele estende a mão e a coloca sobre a minha. Seus dedos são um pouco ásperos

e calejados, ao contrário da pele macia de Derek. Por um momento, sinto um arrepio. Mas ele logo tira a mão.

– Vai lá pra cima. Já, já você sai daqui.

Pego a mala e subo as escadas com dificuldade. Apesar das garantias dele, algo me diz que estou cometendo um erro terrível ao ficar.

TREZE

Quando volto para o quarto, não há muito o que fazer. Como dormi mal, me deito na cama e fecho os olhos. Talvez consiga dormir um pouco, para poder dirigir a noite toda. Depois de ficar tanto tempo no mesmo lugar, preciso me distanciar da minha casa. Rápido.

Passo algumas horas dormindo e acordando. Toda vez que entro em um sono profundo, a imagem de Derek com a mancha vermelha se espalhando pelo abdômen surge na minha mente. Então fico completamente desperta.

Isso vai me assombrar pelo resto da vida.

Queria estar com meu celular. Ainda que não fosse para fazer uma ligação, pelo menos para entrar na internet. A gente não percebe o quanto depende do celular para se divertir até ficar sem ele. Queria pelo menos ter trazido um livro.

Abro a primeira gaveta da cômoda. A Bíblia é, aparentemente, o único livro neste quarto. E não é exatamente uma leitura fácil. Quando éramos mais jovens, nossos pais nos obrigavam a ir à igreja todos os domingos. Claudia e eu odiávamos. Passávamos o tempo todo cochichando, até nossos pais nos mandarem ficar quietas.

Talvez me dê algum conforto. Quem sabe?

Abro a Bíblia. Espero ver as primeiras palavras já conhecidas: “No princípio, Deus criou os céus e a terra.”

Em vez disso, toda a primeira página está coberta com caneta vermelha. Alguém escreveu nas páginas: “Sai daqui agora, vagabunda!”

Fico olhando para as palavras, com uma sensação de formigamento na nuca. Viro a página, e ali estão de novo. As mesmas palavras, escritas repetidamente.

“Sai daqui, sai daqui, sai daqui, sai daqui...”

Fecho a Bíblia com as mãos trêmulas. Bem, lá se vai o conforto das palavras divinas.

Será que essas palavras são dirigidas a mim? Será que alguém me viu ao lado do carro com Nick e quis mandar um recado? Ergo a cabeça e olho para a casa ao lado. O sol já se pôs, e vejo a mesma luz na janela do último andar. E a silhueta de uma mulher me encarando.

Rosalie.

Mas não pode ter sido ela. Nick me disse que ela não consegue *andar*. Ela não pode ter vindo até aqui, subido as escadas, destrancado a porta do quarto, rabiscado a Bíblia e depois voltado para casa. É impossível.

Enfim, preciso me acalmar. O limpa-neve deve chegar logo, e então vou embora daqui. E nunca mais vou voltar. Enquanto isso, só me resta ver um pouco de TV. Pode ser que ajude.

Ligo a televisão. Ao contrário de ontem, a imagem está nítida. Há outra apresentadora loira e bonita na tela, falando dos danos causados pela tempestade. Tempestade besta. Se não fosse por ela, eu já estaria muito longe daqui. Mas estou rezando para ter tempo. Afinal, ainda é sábado. É bem possível que ninguém dê falta de Derek até segunda-feira.

– Outras notícias – diz a apresentadora. – O corpo de Derek Alexander, de 34 anos, foi encontrado ontem à noite em sua residência...

Sinto um frio na barriga. *O quê?*

A apresentadora loira continua falando, mas só consigo me concentrar em pequenos trechos do que ela está dizendo. Então, um segundo depois, o policial Scott Dwyer surge na tela. A cara dele não está muito boa; ele parece não ter dormido muito mais do que eu. Os olhos castanhos levemente injetados de Scott fazem contato com a lente da câmera enquanto ele recita os detalhes do caso com uma voz monótona.

A morte aparentemente foi causada por facadas... Não houve entrada forçada... Estamos tentando localizar a esposa, Quinn Alexander, para interrogatório...

Ele foi encontrado. Encontraram Derek morto e agora estão atrás de mim. E, de acordo com o noticiário, ele foi encontrado ontem à noite. Provavelmente, a única razão pela qual a polícia ainda não chegou aqui é a tempestade. Ou talvez eu tenha tido sorte e eles não viram a placa do Hotel Baxter.

O que significa que não tenho muito tempo.

Que se dane o limpa-neve. Preciso dar o fora daqui. Vou esperar no carro para

partir assim que estiver tudo liberado. No mínimo, não posso ficar mais neste hotel.

Pego a bagagem, que felizmente já está pronta. Calço os tênis e saio do quarto, depois tranco a porta. Caminho até a escada, mas, antes de começar a descer, ouço vozes no andar de baixo.

Meu Deus. É a polícia.

CATORZE

Fico paralisada.

Não sei o que fazer. Quero voltar para o quarto e trancar a porta, mas tenho medo de me mexer. Sabia que a polícia viria me procurar, mas não achei que fosse ser tão rápido. Ou, pelo menos, estava *torcendo* para que não fosse tão rápido.

– Este hotel é seu, Sr. Baxter? – pergunta uma voz masculina grave.

Não reconheço a voz, mas não é de Scott. Se fosse Scott, talvez eu fosse até lá. Claro que ele me prenderia de qualquer maneira, mas seria gentil. Não apertaria muito as algemas.

– Sim, o hotel é meu. – É a voz de Nick. – Sou o dono. Eu e minha esposa.

– Mais alguém trabalha aqui?

– Não. Só eu.

– Entendo. Sr. Baxter, estamos procurando uma mulher chamada Quinn Alexander, que acreditamos ter se hospedado no seu estabelecimento nas últimas 24 horas. Reconhece a mulher nesta foto?

Prendo a respiração. Há um longo silêncio no andar de baixo. Ah, meu Deus... O que vou fazer? Será que consigo pular pela janela? Será que iria me machucar muito?

A culpa é minha. Eu deveria ter ido embora enquanto tive a chance. Mas para onde poderia ir? Os limpa-neves ainda não chegaram. Seria presa fácil no carro, tanto quanto sou aqui. Embora fosse possível que eles não vissem o carro atrás do restaurante.

Já era. A polícia vai me levar. Vou passar o resto da vida na cadeia.

– Não – responde Nick. – Não reconheço, desculpe.

Sinto um nó na garganta.

Ouçõ novamente a voz do policial:

– Tem certeza? Ela pode ter mudado o cabelo. Pode estar mais curto do que na foto.

– Tenho, não a vi, não. Pra falar a verdade, não tivemos nenhum hóspede novo aqui nos últimos dias.

Meus ombros desabam. Não acredito: Nick está me acobertando. Está mentindo para a polícia por minha causa. Está arriscando tudo para me ajudar, mesmo sem saber quem eu sou.

– Tudo bem, então – diz o policial. – O senhor mencionou que sua esposa também trabalha aqui. Podemos falar com ela? Talvez ela tenha visto a Sra. Alexander.

– Infelizmente, minha esposa anda muito doente – diz Nick. – Faz uma semana que ela está de cama. Parece que é gripe. Acho que o senhor não vai querer chegar perto dela.

O policial dá uma risada.

– Acho que não. Tudo bem, então. O senhor avisa se ela aparecer?

– Ah, com certeza.

– Obrigado, Sr. Baxter. Agradecemos muito.

– Sinto muito por não poder ajudar mais. – Ele faz uma pausa. – Espero que encontrem ela.

– Ah, vamos encontrar, sim. É só uma questão de tempo.

Eu me encosto na parede, o coração acelerado. Não consigo acreditar no que acabou de acontecer. A polícia apareceu, tal como eu temia, mas, por algum motivo, não estou saindo daqui algemada. Nick me acobertou. O que não significa que eu esteja livre.

Espero até ouvir a porta do hotel bater e volto correndo para o quarto. Olho pela janela: está muito escuro lá fora no momento, mas consigo ver o policial entrando na viatura. Vejo-o dar a partida no carro e sair. E vejo outra coisa.

O limpa-neve. Liberando uma trilha rumo à liberdade. Deve ter sido por isso que a viatura conseguiu chegar. Em mais ou menos quinze minutos, pode ser que eu finalmente consiga ir embora.

Então ouço uma batida na porta.

– É o Nick.

Chego perto da porta e abro uma fresta. Nick está ali parado, torcendo as mãos. Sinto uma vontade incontrolável de dar um abraço nele.

– Posso entrar? – pergunta ele.

Dou um passo para trás e ele entra no quarto, fechando a porta logo depois. Sou atropelada pelo pensamento fugaz de que talvez aquilo não tenha sido totalmente altruísta da parte dele. Talvez ele tenha vindo me pedir dinheiro. *Quinhentos dólares, ou vou até a polícia.* Mas não acho isso de fato. Ele não parece ser desse tipo. Afinal, nem me cobrou pelas refeições que preparou.

– Você ouviu, né? – pergunta ele. – A polícia. Atrás de você.

Assinto devagar.

– Ouvi, sim... Obrigada. Não sei como vou poder retribuir.

Ele dá um sorriso de canto de boca.

– Aposto que o cara mereceu.

Olho para baixo.

– Mereceu. Juro que mereceu.

– É, eu... vi os hematomas no seu pescoço. Enfim, eu só...

– Eu vou ficar bem. Sério.

– Tá bem, então. – Ele olha pela janela. – O limpa-neve chegou um pouco antes da polícia. Então, daqui a uns quinze minutos, deve estar tudo pronto pra você ir.

Assinto novamente. Acho que não consigo falar, porque vou começar a chorar.

Nick torce as mãos.

– Não sei pra onde você tá indo. Acho melhor assim. Mas... você precisa de alguma coisa? Tem alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar?

Não chora. Não chora.

– Não... Obrigada.

Ele olha para as botas peluciadas que usei mais cedo. Parece que foi há um milhão de anos.

– Você deveria ficar com as botas. Mesmo.

Bem, isso foi o suficiente. Agora estou soluçando. Afundo na cama, os ombros tremendo enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Nick parece levemente em pânico, mas se senta ao meu lado e esfrega minhas costas.

– Ei – diz ele –, tá tudo bem. De verdade. Vai ficar tudo bem. Não vou contar pra ninguém. A Greta também não.

– Eu sei. – Enxugo os olhos com as costas da mão. – É que... é difícil deixar tudo pra trás. E você é tão... gentil comigo.

– Só estou tentando ajudar – diz ele suavemente.

– Eu sei, mas... – Respiro fundo, com dificuldade. – Quando se vive muito

tempo com alguém que está sempre pensando em como pode ser cruel com você...

Ele franze a testa.

– Sinto muito, Quinn.

Ele agora me chama pelo meu nome verdadeiro, que sabe depois de ter falado com a polícia. Sou atingida pela injustiça de toda a situação. Por que não me casei com um cara legal como Nick? Por que tive que jurar passar o resto da vida com um sociopata narcisista?

Encaro os olhos castanhos de Nick com meus olhos vermelhos e inchados. A gentileza e a preocupação dele me desconcertam. E, antes de me dar conta do que estou fazendo, me inclino para a frente e o beijo.

QUINZE

O beijo termina quase antes mesmo de começar. Uma fração de segundo depois que meus lábios tocam os dele, Nick se afasta como se eu o tivesse queimado. Ele está me encarando com os olhos arregalados.

– Meu Deus, Quinn! O que você tá fazendo?

Eu jamais deveria ter feito isso. Que erro terrível. Toda a gentileza e a preocupação desapareceram do rosto dele.

– Desculpa. É que...

– Eu sou *casado*. – Ao dizer essas palavras, ele olha pela janela, para a casa do outro lado da rua. Para aquela única luz acesa. – Eu amo a minha esposa, tá? Meu Deus, *o que deu em você?*

– Desculpa. Eu não tive a intenção...

– Você precisa ir embora. – Ele passa a mão pelo cabelo. – Precisa sair daqui. *Agora.*

– Olha só, as botas...

– Leva as botas – diz ele, entredentes. – Não estou nem aí pra essas botas, tá? Mas você tem que ir embora. Eu... eu te acobertei. Agora você tem que ir embora. – Ele recua até a porta. – Por favor.

– Sim, claro – respondo, tensa. – Estou indo. Assim que terminarem de remover a neve. Tá bem? Não quero causar problemas pra você.

– Tá bem. – Ele agarra a maçaneta. – Então não cause.

Com essas palavras, ele abre a porta com força e sai do quarto.

Não achava que fosse possível, mas me sinto ainda pior do que cinco minutos atrás. O que passou pela minha cabeça? O coitado estava apenas tentando me

ajudar, e eu me atirei nele. Como bem me lembrou, ele é casado. Todos esses anos culpei Derek por me trair, e olha só o que eu fiz quando tive oportunidade. Beije o marido de outra mulher.

E não apenas de outra mulher. Uma mulher doente. Que conta com ele para cuidar dela, que não pode revidar. Sou uma pessoa horrível. Mereço tudo que está acontecendo comigo.

Olho para trás, pela janela. A luz ainda está acesa na outra casa. Rosalie Baxter está sentada no lugar de sempre. Deve ter visto tudo. Não é de admirar que Nick tenha ficado tão apavorado.

Quero pedir desculpa a ela. Dizer que a culpa foi toda minha, não do marido dela. Ele só estava tentando ser um cara legal, eu que ultimamente não andava tendo muita experiência com caras legais.

Mas não tem como eu pedir desculpa. Não vou até lá para me abrir com a mulher. O melhor a fazer é seguir o conselho de Nick: ir embora.

Olho para a neve entre o hotel e a casa. Vejo Nick com seu casaco preto atravessando a trilha liberada. Está indo falar com ela. Provavelmente para se desculpar.

Meu Deus, me sinto péssima.

A única coisa que posso fazer agora é ficar aqui e esperar que a droga do limpa-neve faça o trabalho. Dá para ouvir o barulho da neve sendo removida. Se ao menos não tivesse nevado desse jeito... Eu estaria a centenas de quilômetros de distância agora, em um local remoto no Canadá. Em vez disso, estou presa aqui. A polícia vai procurar a placa do meu carro. A essa altura, eu já deveria tê-lo trocado por outro.

Engulo outro soluço. Não vou conseguir fugir. Estou muito perto de casa, a polícia vai me encontrar. Se não nas próximas horas, nos próximos dias. Não sei como conseguir uma identidade falsa e não sei como vou arrumar dinheiro se não tiver uma identidade. Tudo isso vai se voltar contra mim bem depressa.

Fugir foi a coisa errada a fazer. Eu não estava preparada e não levo jeito para isso. Minha melhor chance é voltar. Confessar.

Nick percebeu os hematomas no meu pescoço. Quando a polícia os vir, talvez acredite na minha história. E, se eu voltar, Claudia vai estar lá para me dar apoio.

É isso. Vou voltar para casa.

Não vou dizer à polícia onde passei a noite. Acabaria metendo Nick em confusão. Vou dizer que dormi no carro. Eles não vão se importar. Desde que me encontrem.

Achei que me sentiria mal com a ideia de enfrentar a polícia e talvez ir para a

cadeia, mas, por mais estranho que pareça, sinto como se um grande peso tivesse sido tirado dos meus ombros. Não quero fugir. Quero contar para todo mundo o que fiz e por quê. Derek mereceu. Ele era uma pessoa horrível. Um monstro. Se eu não o tivesse matado, ele teria me matado.

Olho pela janela: a área ao redor do hotel parece estar liberada. Posso ir embora agora, finalmente. Pego a bagagem e saio do quarto pela última vez. Ao trancar a fechadura, vejo a porta do 202 entreaberta. Greta está me espiando. Mas, assim que me viro, ela fecha a porta com força.

– Tchau, Greta – digo.

A escada range ameaçadoramente enquanto desço até o térreo. A alça da bolsa pressiona meu ombro. Penso em deixar a bagagem no saguão enquanto vou buscar o carro, mas Nick não está aqui e não quero deixar minhas coisas sem vigilância.

O teto ainda está com goteira, do mesmo jeito que estava quando cheguei. Por que a água parece tão vermelha? Continuo sem entender, mas não é da minha conta. Deixo a chave no balcão.

Empurro a porta para sair do hotel. O ar gelado atinge meu rosto, mas pelo menos não está nevando. Esqueci de fechar o zíper, e o vento entra pelas dobras do casaco aberto. As estradas já devem estar liberadas, principalmente quando eu pegar a rodovia. Devo chegar em casa em duas horas. E então vou me entregar.

Enquanto vasculho a bolsa em busca da chave do carro, ouço passos. Ergo os olhos e vejo uma figura se aproximando de mim. Está tão escuro aqui que é difícil ver quem é. Semicerro os olhos.

– Olá? – digo.

Uma voz rouca responde:

– Como você foi capaz de fazer isso?

Um segundo depois, a lâmina se crava no meu abdômen, entre as dobras abertas do casaco. Fico olhando para ela por um momento, observando a mancha vermelha se espalhar pela minha camisa. Em seguida, tudo fica escuro.

DEZESSEIS

CLAUDIA

Um dia antes

Sempre que faço uma pergunta ao policial Scott Dwyer, ele dá uma de três respostas:

Não sei.

Não posso dizer.

Por que você não vai pra casa e eu ligo quando soubermos de alguma coisa?

Acho a terceira especialmente irritante. Se sua irmã caçula estivesse desaparecida depois de o marido dela ser encontrado em uma poça de sangue na cozinha, você simplesmente iria para casa e *ficaria tranquila* até que o incompetente do policial resolvesse trabalhar? Não, acho que não. Infelizmente, o delegado está viajando de férias e só volta na segunda-feira. Só Deus sabe a quantidade de bobagens que Scotty vai fazer até lá.

– Sra. Delaney – diz Scotty, enquanto estamos parados na chuva congelante em frente à casa da minha irmã.

As sardas dele desapareceram depois da adolescência, e ele ficou tão forte que o uniforme azul fica justo (ele até era bonitinho quando namorou Quinn, mas virou o tipo de homem por quem as donas de casa ficam babando).

– É melhor ir pra casa. Estamos cuidando disso.

– *Cuidando?* – Eu o encaro. – Da mesma forma que você *cuidou* quando veio aqui umas horas atrás, depois de receber uma ligação de um vizinho dizendo que ouviu gritos? E, em vez de olhar dentro da casa, simplesmente *foi embora*? É isso que chama de *cuidar*?

As bochechas de Scotty estão vermelhas. Pode ser por causa do frio, mas

também porque ele sabe que cometeu um erro daqueles. Ele esteve *aqui*. Esteve nesta casa, quando minha irmã ainda estava aqui, possivelmente em risco. E nem entrou para dar uma olhada.

Fui eu que encontrei o corpo na cozinha. Muito mais tarde. Tarde demais.

Eu *sabia* que havia alguma coisa errada quando falei com ela ao telefone.

– Parecia estar tudo bem com ela quando eu cheguei – diz Scott. – Ela disse que os gritos eram de um filme.

Nem sei o que responder. Minha irmã abriu a porta para o policial, e só Deus sabe se havia alguém apontando uma arma para a cabeça dela enquanto ela dava todas as respostas certas. Se pelo menos Scott tivesse entrado...

– Tem certeza de que não sabe de quem eram as mensagens? – pergunta Scott.

– Se eu soubesse, não acha que eu te contaria? – retruco.

Essa é mais uma peça do quebra-cabeça. Além do iPhone, Derek também estava com um celular descartável no bolso. Scott afirmou que, pouco antes de morrer, ele estava trocando mensagens com outra mulher. Planejava encontrá-la em casa, pois acreditava que Quinn estaria no trabalho.

– Ela pode ser uma testemunha – comenta Scott.

– Ou pode ter matado a minha irmã. – Olho feio para ele. – Está levando em conta essa possibilidade, né?

– Claro, claro – responde Scott. – Estamos levando em conta todas as possibilidades.

Há uma coisa a favor de Quinn: tenho quase certeza de que Scott ainda é apaixonado por ela. Já faz uma década desde que eles namoraram, na época da escola, mas ele ainda não se casou. Pelo que ouvi dizer, não tem nem mesmo uma namorada séria. Lembro que, no ano seguinte à partida de Quinn para a faculdade, Scott estava sempre com uma cara de cachorrinho abandonado quando eu esbarrava com ele. Parei de ir à loja do pai dele porque ele sempre estava lá, varrendo o chão ou cuidando do caixa, e ficava me perguntando de Quinn com uma voz esperançosa.

Era praticamente obcecado por ela.

Outro policial chama Scott de dentro da casa. Ele olha para trás, depois volta a me encarar. Pisca, tentando tirar as gotas de chuva dos cílios pálidos.

– Tenho que ir, Claudia.

– Vai me ligar se descobrir alguma coisa?

– Vou. Prometo. – Ele faz uma pausa. Tenho certeza de que é mentira. – E você vai me ligar se tiver notícias da Quinn?

– Claro – respondo.

Mas também é mentira.

Conforme ele se afasta, reviro a bolsa e pego meu celular pela centésima vez. Seleciono o número de Quinn na minha lista de favoritos. Deixo tocar.

E tocar. E tocar.

Atende, droga. Por favor, Quinn. Sou eu. Sua irmã.

– Olá! Você ligou para a Quinn! Por favor, deixe uma mensagem após o sinal.

Cerro os dentes. Não achava que ela fosse atender, mas tinha esperança. Nem sei se ela ainda está com o celular. Se estivesse, já teria atendido. Mesmo assim, deixo outra mensagem.

– Quinn, é a Claudia. – Aperto o aparelho com mais força com a mão gelada. – Por favor, me liga se ouvir essa mensagem. *Por favor.* O que quer que tenha acontecido, vamos resolver. Eu prometo. Me liga. Te amo.

Desligo. Olho para a tela, torcendo para que o aparelho toque. Mas, obviamente, isso não acontece.

Neste momento, o marido de Quinn está morto. *Assassinado.* Quinn desapareceu, assim como o carro dela.

Na minha cabeça, há duas possibilidades:

A primeira é que quem matou Derek também fez algo a Quinn. Quando Scotty apareceu na casa dela, havia alguém escondido atrás da porta com uma arma, pronto para atirar se ela desse as respostas erradas. E ela está amarrada dentro de um porta-malas ou em algum calabouço subterrâneo, sem acesso ao celular.

A segunda possibilidade é que Quinn tenha matado Derek.

É difícil imaginar a segunda possibilidade. Não, Quinn e Derek não tinham um casamento ideal. Ela reclamava *muito*, a ponto de eu não entender por que continuava com ele. Mas minha irmã não é uma assassina. Mesmo quando era adolescente, era incapaz de esmagar um besouro que encontrasse rastejando na cama (ela me fazia capturá-lo e soltá-lo do lado de fora). Não gostava sequer de jogar a bola nos outros quando a gente era criança e brincava de queimado. Não consigo imaginá-la esfaqueando o próprio marido a sangue-frio e deixando o homem sangrar até a morte no meio da cozinha. A mesma cozinha em que nós duas passamos horas folheando revistas, na tentativa de transformá-la na cozinha perfeita. Ela não faria isso. Ela *não seria capaz*.

Talvez Quinn não fosse tão apaixonada por Derek assim, mas ela tinha uma vida boa. Pensar que ela o teria esfaqueado até a morte... simplesmente não consigo imaginar uma coisa dessas.

Então, por eliminação, isso significa que ela está presa em um cativeiro por aí.

E precisamos encontrá-la.

Eu vou te encontrar, Quinn. Juro grandão com cereja e tudo.

Meu celular toca, e meu coração dispara. Mas então fico desanimada quando o pego da bolsa e vejo o nome na tela. Rob. Aperto o botão verde para atender.

– Claudia. – A voz dele está tensa. – Você vai voltar pra casa?

Olho para Scott, que está parado na entrada da casa.

– Ainda não.

– A polícia tá cuidando disso. Você deveria voltar pra casa.

– Só tem gente incompetente aqui.

– Claudia, você é massagista! Por favor, deixa esse assunto pra polícia.

Posso ser massagista, mas estudei direito penal na faculdade. Poderia ter virado advogada se tivesse concluído o curso. Se meus pais não tivessem perdido o controle do carro naquela tarde, no fim do meu primeiro ano na universidade.

– Preciso encontrar minha irmã – insisto. – Não vou ficar parada e deixar a polícia fazer mais besteira do que já fez.

No começo, acho que Rob vai dizer algo insensível, mas então ele se redime:

– Quer que eu vá até aí?

– Não. Tá tudo bem.

– *Não tá* tudo bem, Claudia. Tá chovendo forte e tá virando neve. Você tem um carro comum. Se você vai ficar aí, pelo menos deixa eu te buscar na minha caminhonete.

Rob e eu estamos casados há quase seis anos. A nossa vida anda um marasmo ultimamente e ele está sempre trabalhando (sempre correndo para desentupir uma privada em algum lugar). Às vezes acho que não ligamos mais um para o outro. Mas aí ele vem e diz algo assim.

Olho para a casa da minha irmã. A porta está escorregadia por conta do gelo. Rob tem razão. Está mesmo chovendo muito.

Vejo a silhueta de Scott Dwyer na janela. Está conversando com outro policial e me parece calmo demais, levando em consideração que está investigando um homicídio. Ainda não consigo entender onde ele estava com a cabeça para não ter entrado. Ele ouviu gritos vindos da casa da minha irmã. Por que não entrou para investigar? Que tipo de policial não investiga *gritos*? É estranho.

Mas, enfim, não tem nada que a gente possa fazer no momento.

– Tá bem – digo. – Vou pra casa.

DEZESSETE

Rob não é um empresário rico como Derek, então nossa casa é muito mais modesta do que aquela de onde acabei de sair. Dois andares, três quartos, dois dos quais são só um pouquinho maiores do que o closet de Quinn. Precisava de reforma quando a compramos, há três anos, e ainda não terminamos tudo. A parte externa ainda precisa de uma boa pintura. A varanda ainda está inacabada. Seis meses atrás, enfiei meu pé numa tábua do piso.

Rob é habilidoso e sempre jura que está consertando alguma coisa. Todo domingo, ele pega o cinto de ferramentas e age como se estivesse fazendo algo importante, mas a fachada da casa continua parecendo que saiu de um livro de terror gótico.

Estou completamente encharcada quando entro em casa pela porta da garagem. Ficar horas na chuva congelante deixa a pessoa desse jeito. Mas, no caminho para casa, a chuva se transformou em neve (Rob tinha razão). As estradas ficaram absurdamente escorregadias e tive que redobrar a atenção.

Quando chego à sala, fico feliz ao ver que Rob colocou o aquecedor no máximo. Normalmente isso me irrita, mas neste momento fico grata.

Rob está sentado em nosso sofá de segunda mão, lendo o jornal, embora provavelmente seja apenas a página de esportes. Ele deve ser a única pessoa com menos de 50 anos que ainda lê jornal impresso. E ainda nem chegou aos 40, embora pareça facilmente dez anos mais velho, já que começou a perder cabelo alguns anos atrás.

Quando me vê, ele atira o jornal de lado, os dedos cobertos por uma camada de tinta. Os dedos de Rob estão sempre manchados de tinta de jornal ou de

sujeira do trabalho. Fico com vontade de lavá-lo com uma mangueira antes que ele venha me cumprimentar com um beijo.

– E aí, o que houve? – pergunta ele. – A polícia tem alguma pista?

Engulo um bolo preso na garganta.

– Estão tentando rastrear o celular dela. Mas, por algum motivo, não estão conseguindo. Tem alguma coisa a ver com o tempo. Disseram que a tempestade está atrapalhando tudo.

Rob franze a testa.

– Como *você* tá?

Respiro fundo com dificuldade, sentindo um calafrio sob as roupas úmidas.

– Não acredito que tudo isso esteja acontecendo. Falei com ela hoje à tarde. Eu *sabia* que tinha alguma coisa errada...

Sabia mais do que a porcaria da polícia.

Ele se aproxima e massageia meu ombro. Deixo que ele faça isso por um segundo, mas logo me afasto ao me lembrar de seus dedos manchados de tinta.

– Você pode lavar as mãos, por favor?

Rob fica olhando para mim, confuso. Por um momento, imagino que vá ser o início de mais uma briga. Mas então ele vai até a pia e lava as mãos. Ensaboa e tudo mais. Está agindo da melhor maneira possível.

– Ainda bem que você foi lá ver como ela estava – diz ele, enquanto enxágua o sabonete tingido de preto.

– Aham – murmuro.

Ao fechar os olhos, ainda consigo ver a cena que me recepcionou quando entrei na casa de Quinn horas atrás. Estremeço. Vou me lembrar daquilo para sempre.

– Claudia?

Abro os olhos. Rob terminou de lavar as mãos e está me encarando.

– Você tá bem? – pergunta ele.

– Eu... – Estremeço outra vez e não sei bem se é por conta do frio. – Acho que vou subir pra tomar um banho. Tem água quente?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Deve ter.

Parte de mim queria ter ficado no local do crime. Posso ser apenas uma massagista, mas ninguém conhece minha irmã como eu. Se alguém pode encontrá-la, sou eu.

No entanto, Scotty prometeu me ligar caso descubram alguma informação nova. Estou com medo de que a nova informação seja que encontraram Quinn

em alguma vala. Não sei como vou conseguir dormir esta noite.

Subo as escadas até o quarto principal (o único dos três que não é minúsculo). Quando compramos a casa, imaginávamos que os outros dois quartos seriam para nossos filhos, mas ainda não tivemos nenhum. Então, no momento, temos dois quartos de hóspedes. Não que a gente receba muitos. Falei para Quinn que, se ela algum dia deixasse Derek, poderia ficar com um.

A cama está arrumada, com a colcha de estampa floral verde. Faço a cama todos os dias depois de levantar. Embora ninguém veja nosso quarto além de mim e Rob, minha mãe sempre nos obrigava a fazer a cama, por isso não consigo sair do quarto com a cama desarrumada. Simplesmente *não consigo*. E morreria de choque se Rob alguma vez fizesse a cama.

Enquanto tiro a roupa molhada, o celular toca. Mais uma vez, meu coração dispara, torcendo para que seja alguma novidade sobre o caso ou talvez a própria Quinn ligando. Mas o nome na tela é Lori Marshall.

Só tenho o número de Lori gravado no celular porque fiz massagem nela algumas vezes, mas parei de atender suas ligações depois que Quinn me disse que Lori estava tendo um caso com Derek. Ela é bem o tipo dele. Loira e com as pernas mais compridas do que o Empire State Building. Ele adora loiras. Por isso Quinn começou a pintar o cabelo.

Por que Lori estaria ligando agora?

Cogito deixar a chamada cair na caixa postal, mas a curiosidade fala mais alto e eu atendo.

– Lori?

– Oi, Claudia.

Pelo tom abafado da voz, noto que ela sabe o que aconteceu. Não vi nenhum repórter por perto, então presumo que ainda não tenha saído no noticiário, mas deve ter se espalhado pelo boca a boca.

– Eu... eu fiquei sabendo. É verdade?

– O que é verdade? – pergunto, com um tom seco.

– Ah, você sabe, sobre... – a voz dela falha – ... o Derek. Que ele foi... *assassinado*.

Cogito negar tudo, mas ela logo vai saber a verdade.

– Sim. É verdade.

Lori solta um soluço abafado.

– Ah, que horror! Como a Quinn pôde fazer uma coisa dessas?

– Olha aqui – digo, irritada –, a minha irmã está *desaparecida*, e não estou gostando nada das suas suposições.

– A sua irmã matou o marido e fugiu! Que outra conclusão você pode tirar?
– Sabe... – Eu me sento na cama. – A polícia tem motivos pra suspeitar que o Derek iria se encontrar com outra mulher hoje à tarde.

– É... é mesmo?

– Aham, é mesmo. – Dou um pigarro. – Me conta, Lori, você ainda tá trepando com o Derek?

– Claudia! Do que você tá falando?

– Acho que você sabe do que eu tô falando.

– Olha só, isso é um absurdo! – Ela tenta parecer indignada, mas dá para ouvir o tremor em sua voz. – Acho que a polícia deveria concentrar as energias em localizar a Quinn.

– Na verdade, eu não dou a mínima pro que você acha, Lori. Aguarde o contato da polícia.

Desligo o celular e o atiro no meio da cama. Quando eu era criança, tínhamos um telefone de verdade. Um telefone fixo. E quando a gente se irritava com alguém, podia bater o telefone na cara da pessoa. Um celular não causa o mesmo impacto.

Por mais que eu não goste dessa mulher, não acredito que ela realmente saiba o que aconteceu com minha irmã. Ela é só uma intrometida. O tipo de pessoa que ficaria feliz em ver Quinn sendo julgada pelo que aconteceu com Derek. E não seria a única. Derek era extremamente simpático. Além de rico e poderoso.

O celular toca novamente. Se for outra amante de Derek, juro que vou perder a cabeça. Mas, quando olho para a tela, vejo um nome que não esperava.

É Quinn.

DEZOITO

Pego o aparelho com as mãos tremendo tanto que mal consigo deslizar o botão de atender. *Não desliga, Quinn! Só preciso fazer meus dedos voltarem a funcionar.*

Por fim, consigo atender.

– Quinn? – digo, ofegante.

Espero ouvir a voz aguda e doce de minha irmã, mas ouço uma voz muito mais grave.

– Alô?

Minha respiração fica presa na garganta. É um homem. Um homem está ligando do celular de Quinn. Isso significa que ele a sequestrou? E que vai pedir o resgate?

– Quem está falando? – consigo perguntar.

Há uma longa pausa do outro lado da linha.

– Quem está falando *aí*?

O que está acontecendo?

– Por que você tá ligando do celular da minha irmã?

– Eu achei este telefone – responde a voz masculina. – Estava na caçamba da minha caminhonete.

Não sei o que pensar dessa situação.

– Na caçamba da sua caminhonete? Do que você tá falando?

– Fui pegar uma coisa na minha caminhonete e vi o aparelho lá dentro. E tinha várias ligações perdidas de uma pessoa chamada Claudia. É você?

– Sou eu.

– Não sei como o aparelho foi parar na minha caminhonete, mas posso

devolvê-lo.

Como o celular de Quinn foi parar na caminhonete dele?

Falei com Quinn ao celular, então o aparelho estava com ela quando conversamos. Pouco depois disso, encontrei o corpo de Derek. Àquela altura, ela já não estava atendendo. Então, em algum instante entre nossa ligação e o momento em que encontrei Derek, o celular foi parar no carro desse cara.

A verdadeira questão é: esse cara é confiável? Se eu for buscar o aparelho com ele, vai acertar minha cabeça e tentar me enfiar num armário?

Ele que tente! Ao contrário de Quinn, sou uma guerreira.

– Quem é a sua irmã? – pergunta o cara.

– O nome dela é Quinn. Ela...

– Peraí... Quinn Mackey?

Há um tom de surpresa e entusiasmo na voz dele. Além disso, ele usou nosso sobrenome de solteira. Nesse momento, percebo que esse homem não fez nada de terrível com minha irmã. É só um cara que encontrou o celular dela em sua caminhonete.

– Isso mesmo – respondo. – Você conhece ela?

– Conheço! Meu nome é Bill Walsh. Ela foi minha babá há alguns anos e, na verdade, eu esbarrei com ela hoje cedo. Em um posto de gasolina a cerca de meia hora ao norte daqui.

Respiro fundo.

– Você viu a Quinn? Que horas?

– Hum, não tenho certeza. Umas cinco? Eu tinha acabado de sair do trabalho. Meu coração bate acelerado. Ele viu Quinn. Ele a viu depois da nossa ligação!

– Ela estava sozinha?

– Parecia estar. Comprou algumas coisas na loja, acho que sacou dinheiro e depois deu no pé. Parecia estar com muita pressa.

– Não havia mais ninguém no carro?

– Não que eu tenha visto.

Mordo o lábio.

– Como ela estava? Parecia... nervosa? Assustada? Machucada?

Ele pensa por um momento.

– Agora que você comentou, ela parecia um pouco nervosa. Mas, fora isso, parecia bem. *Muito* bem.

Ótimo. Esse babaca estava dando em cima da minha irmã.

– O celular está bloqueado?

– Aham. Só consegui ligar pra você porque seu contato estava na tela de

bloqueio como número de emergência.

Isso significa que, mesmo que eu consiga pegar o aparelho, não vai ter muita coisa que eu possa fazer com ele.

– Olha só – digo –, vou avisar à polícia que o celular está com você. Eles vão buscar.

– A polícia? – Bill Walsh parece em pânico. – Mas eu não roubei nada! Encontrei na minha caminhonete. Juro...

– Eu sei. Mas... a Quinn está desaparecida.

A respiração dele falha.

– Você não acha que eu...

Não acho. Meu instinto me diz que esse cara é inocente, que estava só de passagem. Quinn queria se livrar do celular para não ser rastreada, então o jogou na caminhonete dele. É o que eu teria feito. Estou orgulhosa dela por ter pensado rápido.

E isso significa que Quinn não está aprisionada em algum lugar. Ela foi embora por vontade própria. Provavelmente logo depois de esfaquear Derek até a morte.

Isso muda tudo.

Significa que, se a polícia encontrar Quinn, ela vai direto para a cadeia. Significa que se trata de uma caçada, não de um resgate.

A coisa certa a fazer (a coisa certa *conforme a lei*) seria ligar para Scott Dwyer e passar para ele essa nova informação. Ele está no comando da investigação, e essa é uma prova relevante.

Mas não confio em Scott. Não sei o que ele vai fazer quando descobrir que Quinn está viva, bem e *sozinha* logo após o marido ter sido esfaqueado. Só sei que não vai ser bom para Quinn.

Não posso deixar isso acontecer. Tenho que cuidar da situação.

– Bem, você sabe a impressão que isso passa – digo. – Uma mulher desaparece e você misteriosamente está com o celular dela. Não parece nada bom pra você, Bill.

– Mas eu só encontrei o celular na minha caminhonete – insiste ele, a voz fraca. – Juro, eu não toquei nela.

– Espero, para o seu bem, que a polícia acredite nessa história.

– Merda – ouço-o murmurar baixinho. – Eu... não sei o que dizer. Sou um cara legal. Nunca machucaria uma mulher. E... meu Deus, minha namorada me mataria se achasse que eu...

– Olha, eu acredito em você. Só não sei se a polícia vai acreditar.

– Bem, talvez eu possa te devolver o celular e você não precise contar pra eles...

Olho para a porta do quarto. Rob ainda está lá embaixo. Prefiro que ele não ouça nada disso.

– Vamos fazer o seguinte, Bill. Que tal eu passar aí pra buscar o celular? Levo até a polícia amanhã e não digo nada sobre o seu envolvimento.

– Você faria isso?

– Claro. Posso perceber pela sua voz que você é um homem honesto. Só quero descobrir o que aconteceu com a minha irmã.

– Eu também – diz ele, com sinceridade. – A Quinn era uma garota legal. Era minha babá favorita. Eu... espero que você encontre ela.

– Eu também.

Eu *vou* encontrá-la. E vou encontrá-la antes da polícia.

– Você pode vir aqui hoje à noite?

Olho pela janela. Está nevando muito. Se eu sair agora, Rob vai ficar furioso. Vai querer saber para onde estou indo, e vou ter que inventar uma desculpa muito boa.

– Passo aí amanhã cedinho. Enquanto isso, desliga o aparelho. Se estiver desligado, ninguém vai conseguir rastreá-lo.

– Pode deixar.

Fico imaginando quantos anos Bill Walsh tem. Se Quinn foi babá dele, é mais novo do que ela. Deve ter uns 20 e poucos anos. Parece ser um garoto, que vai fazer tudo que eu pedir. Se eu pedir do jeitinho certo.

– Estarei aí amanhã de manhã – prometo. – Me passa o seu endereço.

DEZENOVE

Não durmo muito bem.

Fico dormindo e acordando, sonhando com Quinn. Eu me lembro da primeira vez que a vi. Nossos pais me disseram que eu teria uma nova irmãzinha e então, um dia, eles me levaram ao hospital e lá estava ela. Aquela recém-nascida pequenininha enroladinha nos braços da minha mãe. Queria tanto pegá-la no colo, mas eles não deixaram. Disseram que eu era muito pequena.

Só que, quando os dois se foram, fui eu que cuidei de Quinn. Quando recebi a ligação informando do acidente, larguei tudo. Tinha provas no dia seguinte, mas nada mais parecia importante. Abandonei a faculdade e arrumei um emprego para que pudéssemos manter a casa. Eu era tudo que ela tinha. E ela era tudo que eu tinha.

Ela deveria ter me ouvido quando avisei sobre Derek Alexander. Falei que ele não servia para ela. Cometi todos os erros possíveis, então eu sabia. Lógico, não sabia que *isso* iria acontecer. Não sabia que Derek acabaria morto na cozinha da casa chique deles. Mas sabia que ela não deveria se casar com ele.

Bem, agora é tarde demais para isso.

Acordo ao raiar do dia. É sábado, então Rob vai dormir até mais tarde. Está deitado do lado dele na cama, de boca aberta, com um pouco de baba escorrendo pelo canto esquerdo enquanto ronca alto. Meu marido ronca como uma motosserra. Uma vez, mostrei a ele uma matéria sobre aquela coisa de distúrbio respiratório do sono, quando a pessoa para de respirar enquanto está dormindo, disse que gente que ronca alto tem mais chances de ter isso.

“Isso significa que todas as noites você para de respirar enquanto dorme, Rob”,

falei.

“Você acredita mesmo nessa bobagem?”, respondeu ele. E jogou o artigo no lixo.

Eu me visto o mais silenciosamente possível e desço as escadas. Ao olhar pela janela, vejo que toda a entrada da garagem está coberta por pelo menos trinta centímetros de neve. Calço minhas botas de inverno mais pesadas e pego as chaves da caminhonete na cestinha ao lado da porta. Meu carro não vai aguentar, mas a caminhonete verde enferrujada de Rob vai dar conta do recado.

Bill Walsh mora a apenas quinze minutos de carro da minha casa. Encontrei o perfil dele no Facebook ontem à noite: é um cara grande, na faixa dos 20 anos, como eu já imaginava. Está com um sorrisão bobo na maioria das fotos. Parece totalmente inofensivo, e não acho que vou ter muita dificuldade em recuperar o celular. Tenho certeza de que ele vai ficar feliz em devolvê-lo.

As ruas da cidade ainda estão escorregadias por conta da neve. Ainda não liguei para a delegacia hoje, mas imagino que não tenham feito muitos avanços na busca por Quinn. Se a tivessem encontrado, eu saberia. Acho que ela passou a noite escondida em algum lugar. A questão é: onde?

A casa de Bill é ainda menor que a minha e precisa ainda mais de uma pintura. Estaciono bem em frente e, assim que desço do carro, minhas botas afundam na neve. Levo um bom tempo para chegar à porta. É como andar em melado.

Meu casaco não é quente o suficiente para a brisa gelada, então abraço meu corpo enquanto espero Bill abrir a porta. Após alguns instantes, a porta se abre como se ele estivesse à minha espera. O rapaz é muito mais alto do que eu, mas há algo de jovem e vulnerável no rosto e na barbicha.

– Claudia? – pergunta ele, baixinho.

Assinto.

– Está com o celular aí?

Ele hesita por um momento, depois o estende para mim. O iPhone de Quinn. Antes que ele possa mudar de ideia, pego o aparelho da mão dele. Está desligado, como lhe pedi.

Ele coça a barbicha rala.

– Você não vai contar pra polícia, né?

– Vou ficar de bico fechado.

– Obrigado. Quero ajudar a encontrar ela e tal. Quero mesmo. Mas o problema é que estou em liberdade condicional, então não posso...

Sinto um nó no estômago. Talvez não devesse ter me apressado tanto em

proteger esse cara.

– Você está em liberdade condicional?

– Eu e um amigo estávamos vendendo maconha.

Olho para o celular na minha mão. Se eu for à polícia, vou ter mais problemas do que ele. Mas ele não precisa saber disso.

– Não se preocupa. Vamos manter isso entre nós.

Os ombros dele desabam.

– Obrigado. Agradeço muito. E espero que você encontre a Quinn. Ela era incrível.

Ergo o olhar e o encaro.

– Jura que ela parecia bem? Não estava machucada?

– Machucada, não. – Ele inclina a cabeça de lado. – Mas parecia... Era como se tivesse alguma coisa errada. Ela estava nervosa com alguma coisa. Com pressa.

– Obrigada. – Aperto o aparelho na mão. – Isso vai me ajudar bastante. E não vou falar nada de você pra polícia. Não quero que você seja preso outra vez.

Falei essa última parte só para garantir que ele ficasse de bico fechado.

Volto para a caminhonete e me tranco nela antes que meus dedos fiquem dormentes. Por um instante só fico parada no banco do motorista, encarando o celular de que Quinn tentou tanto se livrar.

Agora preciso fazer isso por ela.

VINTE

Em nossa cidadezinha na Nova Inglaterra, uma coisa que nunca é interrompida, não importa o clima, são os velórios.

Há um cemitério a cerca de uma hora a oeste da minha casa. Na direção oposta àquela para onde Quinn estava indo. É um cemitério que conheço muito bem.

Porque é onde nossos pais estão enterrados.

Eles morreram quando eu tinha 18 anos e Quinn, 14. Um acidente de carro levou os dois. Estavam indo até a escola para assistir a uma peça em que Quinn atuava. Perderam o controle do carro na estrada coberta de neve e colidiram com uma carreta. Morreram na hora.

Infelizmente, a grana já era apertada antes do acidente, e eles deixaram a apólice de seguro expirar, de modo que Quinn e eu ficamos sem nada. Não pensei duas vezes antes de abandonar a faculdade. Não tinha mais como pagar os estudos e não podia permitir que Quinn fosse enviada para a casa de parentes distantes ou, pior ainda, acabasse em um orfanato com desconhecidos.

A partir de então, éramos Quinn e eu, sozinhas no mundo. Eu cuidava dela, garantia que ela estudasse para as provas, fizesse as amizades certas e vetava os raros namorados que ela arrumava. É uma pena que ela não tenha me ouvido em relação ao homem com quem se casou.

Quase não penso mais em nossos pais. Já faz uma eternidade que eles faleceram. Não consigo nem imaginar mais o som da voz da minha mãe. Esqueci se meu pai tinha barba ou não. Parece que os conheci em outra vida. Mas ainda venho ao cemitério às vezes. Trago flores.

Só que não é por isso que estou aqui hoje.

Como era de esperar, quando chego ao cemitério há um velório acontecendo, apesar da neve. O cortejo fúnebre está parado bem na estrada, e os presentes estão reunidos ao redor da lápide. Usam casacos pesados e chapéus enquanto se despedem de seu ente querido pela última vez.

Fico um tempo sentada no carro, depois ligo o celular de Quinn. Vejo o pequeno logotipo da Apple aparecer na tela e, um segundo depois, o aparelho me pede para digitar uma senha.

O que Quinn escolheria como senha? A data de nascimento dela? Tento, mas não adianta. Minha data de nascimento?

Também não funciona.

Meu celular vibra. É uma mensagem de Rob:

Para onde você foi com a minha caminhonete???

Não respondo. Em vez disso, digito a data de aniversário de Derek.

E agora estou bloqueada.

Não importa. Não vim aqui para acessar o celular de Quinn. Vim aqui para me livrar dele.

Meu celular vibra outra vez. Nem olho. Tenho certeza de que é Rob.

Caminho ao longo da fila de carros estacionados. A maioria deles está trancada, mas alguns têm as janelas entreabertas. Paro quando vejo um com placa de Vermont. A janela traseira está só um pouquinho entreaberta. O suficiente para enfiar o celular de Quinn.

Pronto. Vamos ver se Scott consegue localizá-la agora.

Olho para o cemitério. Não venho aqui há pelo menos um ano. No começo, Quinn e eu costumávamos vir todo mês. Eu vinha dirigindo e depois íamos até o túmulo deles, onde ficávamos paradas, de mãos dadas. Quinn geralmente acabava chorando. Ela se sentia culpada. Afinal, eles estavam indo assistir à peça dela.

Se eu não tivesse feito o teste para aquela peça idiota..., dizia, soluçando.

Depois de um tempo, começamos a ir a cada dois meses. Depois, um mês ou outro. Depois, uma vez por ano.

Bem, acho que isso significa que é hora de uma visita.

Atravesso os portões de ferro para entrar no cemitério. A neve está praticamente intocada. É espessa e completamente branca. Minhas pernas afundam quase até os joelhos conforme caminho até as lápides de nossos pais.

Ficam bem no fundo. Maxine Turner Mackey e Samuel Mackey. Esposo e esposa adorados, pais de Quinn e Claudia.

Às vezes imagino como teria sido nossa vida se eles não tivessem morrido. Eu teria concluído a faculdade. Talvez hoje fosse advogada, como queria. Teria feito escolhas mais inteligentes na vida se tivesse meus pais me apoiando. Duvido que tivesse me casado com Rob.

Talvez Quinn também tivesse feito escolhas melhores.

Bem, não adianta pensar no que teria acontecido. Eles estão mortos, e não há nada que ninguém possa fazer.

VINTE E UM

Quando chego em casa, Rob me aguarda na cozinha. Está comendo uma tigela de cereal e me lança um olhar severo enquanto tiro a neve das botas na entrada, silenciosamente o desafiando a gritar comigo. Ele faz isso.

– Onde você estava? – pergunta quando entro descalça na sala de estar.

– Dando uma volta de carro, procurando a Quinn. Só isso.

Ele resmunga.

– Você acha que vai se sair melhor do que a polícia?

Esse é meu problema com Rob. Ele nunca acredita em mim. Alguns anos atrás, conversei com ele sobre a possibilidade de voltar para a faculdade, ou pelo menos fazer algumas disciplinas. *Você tá velha demais para isso, Claudia*, foi o que me disse. Odeio admitir, mas as palavras dele me afetaram. Acabei nunca voltando.

– Talvez – respondo.

– E aí? Encontrou?

Reviro os olhos.

– Não, não encontrei.

– Toma cuidado, Claudia. Você sabe que, se ajudar ela, vai estar sendo cúmplice de uma criminosa.

– A Quinn não é criminosa.

– Ela matou o marido. Eu diria que isso faz dela uma criminosa.

– Cuidado com o que você diz.

Nossos olhares se cruzam, um de cada lado da mesa. Vejo um músculo se contrair na mandíbula de Rob. Por fim, ele baixa o olhar.

– Se você for pegar minha caminhonete – murmura ele –, pelo menos me avisa antes.

– Não passei muito tempo fora.

– Mas eu tenho trabalho pra fazer, Claudia.

Dou risada.

– Que trabalho? Desentupir a privada de alguém?

Ele se levanta tão depressa que quase derruba a cadeira.

– Pelo visto, isso não é tão importante quanto fazer uma massagem nas costas de alguém, né?

Abro a boca para responder, mas Rob já passou por mim. Ele pega o casaco e a chave do carro e sai. A casa inteira treme quando ele bate a porta.

Bem, não pretendo mesmo sair mais hoje. Já me livrei do celular. Ele deve estar a caminho de Vermont agora. Longe de nós. Quando a polícia o localizar, Quinn já vai ter conseguido se afastar ainda mais daqui.

E, quando me ligar para falar onde está (e tenho certeza de que ela vai ligar), vou estar pronta.

. . .

Eu tinha alguns clientes agendados para massagem à tarde, mas todos cancelaram por conta da neve. Isso significa que acabo ficando em casa, preocupada com o que está acontecendo com a minha irmã. Também coloco a roupa para lavar. Rob nunca, jamais, coloca roupa para lavar. Ele passaria meses comprando cuecas novas só para não precisar fazer isso.

Ligo para a delegacia e deixo uma mensagem para Scott, mas só recebo retorno por volta das cinco da tarde, quando estou sentada no sofá vendo televisão para me distrair. Rob foi chamado para um trabalho e levou a caminhonete.

– Encontrou ela? – pergunto a Scott, antes que ele possa dizer qualquer coisa.

A voz dele é ríspida.

– Ainda não.

Meus ombros relaxam. É claro que não a encontraram. Existe um motivo para esse cara ser policial de uma cidadezinha. Ele não sabe investigar um assassinato. Não faz ideia de como encontrar uma pessoa foragida. Talvez, se o delegado estivesse aqui, eles tivessem alguma chance.

– Mas é só uma questão de tempo – acrescenta Scott.

Há um tom sinistro em sua voz.

- O que você tá querendo dizer?
- Quero dizer que temos algumas pistas.
- Encontrou o celular dela?

Scott hesita.

– Rastreamos o aparelho até Vermont, e mandei um policial ir até lá. Mas temos motivos para acreditar que ela ainda está no estado. Não acho que tenha ido muito longe.

Sinto um frio na barriga. Achei que jogar o celular dentro do carro no cemitério levaria Scott a uma busca inútil, o que daria à minha irmã pelo menos mais um dia. Mas ele é mais esperto do que eu imaginava.

– Por que você tá dizendo isso? – pergunto, com cautela.

– Descobrimos que ela foi parada ontem à noite na estrada, pouco antes da divisa do estado. Não a multaram nem nada, mas ela estava com a lanterna traseira queimada. O policial avisou que ela precisava sair da estrada e disse que não a viu novamente, então presumiu que ela tivesse feito isso.

Ah, Quinn, como você pôde ser tão burra? Roo a unha do polegar.

– Mas isso foi ontem à noite. Ela pode estar a centenas de quilômetros de distância agora.

– Talvez. Mas teve uma nevasca, e ela estava em um carro pequeno. Provavelmente teve que sair da estrada, com ou sem lanterna queimada. E onde quer que tenha parado, pode muito bem ter ficado presa. Enfim, vamos verificar.

Eu me encolho. Se ela ainda estiver em New Hampshire, vão encontrá-la em breve. Como ela não conseguiu nem sair do estado? Eu consigo sair do estado em menos de duas horas.

É claro que, com o tempo que fazia ontem à noite, sem tração nas quatro rodas ou pneus para neve, ela teria que dirigir bem devagar. Ainda assim.

– Scott, você... você não acha que a Quinn matou o marido, acha?

Há um silêncio prolongado do outro lado da linha.

– Não sei o que pensar. Mas a situação não parece nada boa pra ela, Claudia. Ela largou ele morto dentro de casa. E não havia mais ninguém no carro quando ela foi parada pela polícia. Não tinha ninguém apontando uma arma pra cabeça dela, sabe?

Isso me enfurece.

– Mas você *conhece* ela. Sabe que ela não faria uma coisa dessas.

– Eu não conheço ela.

Fico surpresa com o tom frio de Scott. Ele foi namorado de Quinn. Era completamente apaixonado por ela. Dava para ver na cara dele. E, logo que ela

voltou a morar aqui na cidade, esbarrei com ele na rua e ele fez mil perguntas sobre minha irmã.

– Do que você tá falando? Ela era sua *namorada*.

– Nós namoramos por alguns meses, dez anos atrás.

– Ela era sua namorada. Sei que você gostava muito dela.

– Isso já faz muito tempo. – Ele faz uma pausa. – Éramos adolescentes na época. Não foi nada sério. Eu não conheço mais a Quinn... Você sabe que ela é muito reservada.

Ele não está errado em relação a isso. Derek e Quinn quase nunca recebiam visitas. Minha irmã costumava ser extrovertida, mas, depois que se casou, virou uma reclusa.

Scott solta um suspiro.

– Claudia, eu preciso ir. Se souber de alguma coisa sobre a Quinn, me avisa na mesma hora.

– Você vai me contar se souber onde ela tá?

– Vou.

Mas ele hesita por alguns segundos antes de responder, o que me faz pensar que não tem a menor intenção de me contar nada. Por que faria isso? Afinal, ele não quer que eu avise a ela.

O agente Dwyer talvez seja melhor do que eu imaginava. Embora ainda não consiga acreditar que ele não tenha entrado na casa dela ontem, depois de receber a ligação sobre os gritos.

Após desligar, não consigo parar de andar de um lado para outro na sala de estar. Estava tentando dar à minha irmã uma chance de escapar da polícia, imaginando que ela entraria em contato comigo quando parassem de procurá-la, mas não está adiantando. Como ela se deixou ser parada pela polícia? Como assim estava andando por aí com uma lanterna queimada?

É quando tomo uma decisão.

Vou atrás dela.

Estamos na Nova Inglaterra: as estradas principais já devem estar liberadas. Preciso encontrá-la antes da polícia. Tenho uma ideia de onde ela foi parada. E conheço Quinn melhor do que ninguém no mundo.

Vou encontrar minha irmã.

VINTE E DOIS

Já está escuro quando pego a estrada. Felizmente, a neve foi removida das ruas, então os pneus não escorregam muito. Imagino Quinn fazendo esse caminho ontem à noite, quando a neve estava caindo forte. Ela não tinha a menor chance.

Pego a rodovia e sigo para o norte. Enchi o tanque, prevendo a tempestade, então tenho combustível suficiente para atravessar as fronteiras estaduais, mas acho que não vou precisar ir tão longe.

Apenas um dia atrás, Quinn pegou exatamente essa rota na tentativa de fugir. Imagino minha irmã agarrada ao volante, os olhos fixos na estrada. Fui eu que ensinei Quinn a dirigir. Ela sempre foi muito responsável quanto a isso. Sentava-se no banco, segurando o volante com cuidado em um ângulo de 90 graus, os ombros rígidos feito uma tábua. Passou na prova de primeira, e a primeira coisa que fez foi me abraçar.

Vou encontrá-la. Sei disso.

Cerca de uma hora depois, meu celular toca. Reviro a bolsa, procurando-o, mas a primeira coisa que encontro é o canivete. É de Rob, que ele usa quando vai pescar, mas peguei emprestado. Achei que seria uma boa ideia ter à mão alguma forma de me proteger. Só por precaução.

Meus dedos finalmente localizam o celular. Pego o aparelho na bolsa sem tirar os olhos da estrada. Olho para a tela.

É da delegacia.

Coloco o celular no viva-voz e o apoio no porta-copos.

– Alô? – digo.

– Claudia? Sou eu, Dwyer.

– Oi, Scotty.

Há uma pausa do outro lado da linha. Fico pensando se finalmente consegui fisgá-lo ao usar seu antigo apelido.

– Escuta, Claudia. Onde você tá?

Fico paralisada.

– Estou... em casa.

– Não, não está. Acabei de passar lá e seu marido me disse que você não estava. Ele disse que não te vê desde cedo e não sabe onde você tá.

– Ah...

– Você falou com seu marido recentemente?

– Não, geralmente não peço autorização a ele pra sair.

Scott ignora minha provocação.

– Então, onde você tá?

Não existe a menor chance de eu dizer a ele onde realmente estou.

– Saí pra dar uma volta. Vim no mercado.

– Entendi.

Ele parece não acreditar em mim, mas o que pode fazer? Me prender por não estar em casa?

– Vou ficar feliz em te encontrar onde quer que você esteja. Queria falar com você.

Um arrepio percorre minha coluna.

– Sobre o quê?

Mais silêncio do outro lado da linha.

– Prefiro falar pessoalmente. Onde você tá?

Piso no acelerador, e minha cabeça dá um tranco para trás.

– Você achou a Quinn?

– Não. Ainda não.

Não entendo por que ele quer tanto falar comigo. E não gosto da ideia de encontrá-lo em outro lugar que não seja a delegacia. Desde que encontrei o corpo do meu cunhado, não é a primeira vez que não confio totalmente no agente Scott Dwyer.

– Claudia...

– Eu te aviso quando voltar do mercado.

Antes que ele consiga dizer mais alguma coisa, encerro a chamada. Sinto o estômago revirar. Sobre o que Scott quer falar comigo? Que segredo é esse que ele não podia me contar na ligação?

Mas isso não importa. Não vou dar meia-volta e ir para casa. Já cheguei até

aqui. Vou continuar em frente.

Uma hora depois, estou chegando ao fim de New Hampshire. Era aqui que Quinn devia estar quando o policial a parou por conta da lanterna queimada. Fico de olho em qualquer área onde ela possa ter parado o carro. Agora que o sol se pôs, qualquer líquido restante na estrada está começando a congelar. Preciso reduzir a velocidade para evitar que os pneus derrapem.

Não tem como ela ter ido muito além disso no meio de uma nevasca.

E é aí que vejo. A pequena placa desbotada que quase deixei escapar, mas que por pouco consegui ver.

Hotel Baxter.

Não sei por quê, mas meu instinto me diz que foi lá que Quinn foi parar. Ela provavelmente estava em busca de um local discreto e escondido. E foi por aqui que foi parada, então ela sabia que precisava sair da estrada.

Ao deixar a rodovia, seguindo uma placa igualmente desbotada que indica a direção do hotel, passo por uma viatura da polícia vindo na direção oposta. Parece que eles tiveram a mesma ideia que eu. Reduzo a velocidade o máximo que consigo e dou uma olhada no banco de trás do carro. Está vazio.

Ou seja, não encontraram Quinn no Hotel Baxter.

Paro no acostamento, pensando no que fazer depois disso. A polícia obviamente revistou o hotel e não a encontrou lá. Será que estou perdendo meu tempo?

Mas continuo com uma sensação estranha. Acho que ela teria parado aqui. Vou dar uma olhada.

VINTE E TRÊS

O Hotel Baxter é exatamente o que eu esperaria de um hotel isolado, localizado em um ponto quase deserto da estrada. Está em péssimo estado, com a placa toda descascada e praticamente podre, ao lado de uma casa tão decadente quanto e do que parece ter sido um restaurante (agora abandonado). Se Quinn quisesse um lugar para passar a noite e não quisesse dormir no carro gelado, esse seria o lugar perfeito para se esconder.

A luz está acesa no saguão. Entro e a primeira coisa que vejo é um balde no meio do salão, cheio de água pingando do teto. Há um balcão no fundo e um homem sentado, olhando para o celular. Quando me vê entrar, ele se ajeita na cadeira.

Eu me aproximo com cautela. O cara me lembra os garotos que Quinn namorava nos tempos da escola e da faculdade. Ele tem aquele tipo de beleza comum, como Scotty Dwyer. Esse sempre foi o tipo dela, muito mais do que a beleza clássica de Derek. Sempre me surpreendeu que ela tivesse se apaixonado por Derek.

O homem não retribui meu sorriso. Os olhos castanhos me examinam com desconfiança. Será que me reconheceu? As pessoas dizem que Quinn e eu somos parecidas, embora menos agora que ela começou a pintar o cabelo.

– Pois não? – diz ele.

Ele parece desconfiado de mim, e nem abri a boca. Logo de cara, sinto que não vou conseguir tirar muita coisa dele. Preciso tentar outra abordagem.

– Você tem um quarto disponível para esta noite? – pergunto.

Ele semicerra os olhos.

– Um quarto?

Fico olhando para ele, confusa.

– Isso aqui é um hotel, não?

Ele me encara por um bom tempo e assente.

– Sim. São 50 dólares por noite.

– Aceita dinheiro?

– Sim, claro.

Ele aguarda enquanto procuro a carteira na bolsa. Pego uma nota de 20, duas de 10 e uma de 5. Tenho mais três notas de um dólar, e agora estou contando moedinhas.

– Tudo bem – diz ele, depois que conto quase um dólar em moedas. – Isso dá.

Solto um suspiro. Achei que ele fosse me mandar embora por estarem faltando 50 centavos.

– Obrigada.

– Tenho que trocar a roupa de cama. – Ele se abaixa atrás do balcão e pega uma folha de papel amarelada. – Preciso que preencha isso pra mim.

É o formulário-padrão. Nome, contato, endereço. Vou ter que inventar tudo.

O homem se retira, provavelmente para trocar os lençóis, embora seja desnecessário. Não vou passar a noite aqui. Só vou ficar tempo suficiente para obter as informações de que preciso.

Inventei um nome e um endereço falsos e escrevi tudo com a letra mais ilegível possível.

Meu nome é Melissa Smith e moro em Jefferson, New Hampshire.

Enquanto espero o homem voltar, pego o celular. Há outra chamada perdida da delegacia. Não retorno a ligação de Scott. Pelo menos, não agora. Talvez depois que chegar em casa.

Sem pensar muito, digito na busca: Hotel Baxter, New Hampshire.

Não esperava encontrar nenhum resultado. Talvez uma página do Facebook com um link para um site “em construção”. Mas, em vez disso, minha tela é tomada de reportagens sobre o Hotel Baxter. E a única palavra presente em todos os resultados é “assassinato”. Meu coração salta no peito.

– Tudo pronto, dona.

Desvio os olhos da tela do celular. O homem está parado na minha frente, embora eu não o tenha visto descer as escadas. Guardo o celular na bolsa. Parte de mim quer perguntar se ele sabe que todas as menções ao seu hotel na internet contêm a palavra “assassinato”. Tenho a impressão de que ele sabe.

Engulo em seco.

– Obrigada.

Ele pega a folha de papel que acabei de preencher. Examina meus dados e revira os olhos.

– Que foi? – pergunto.

– Nada.

– Você acabou de revirar os olhos.

Ele coloca o papel em cima do balcão.

– Você realmente quer ter essa conversa?

– Que conversa?

– Seus dados são falsos. – Ele dá de ombros. – Tudo bem.

Cruzo os braços.

– Como pode ter tanta certeza disso?

– Eu já morei em Jefferson. O código postal está todo errado.

Abro a boca, sem saber como responder.

– Eu...

– Já falei que tudo bem. – Ele faz um gesto para que eu o siga. – Vamos lá em cima, *Melissa*. A propósito, meu nome é Nick.

Acompanho Nick escada acima. Este hotel definitivamente precisa de uma nova pintura, e é quase assustador o quanto as escadas rangem conforme subo. Este hotel precisa de *tudo* novo.

Passamos pelos quartos 201 e 202 e paramos em frente ao 203. A porta ainda está entreaberta, provavelmente porque ele trocou os lençóis. Ele coloca a chave na minha mão.

– Aqui está.

Olho por cima do ombro dele em direção ao pequeno quarto mobiliado do hotel. Para a cama dura, a TV minúscula e a janela pequena.

– Tem alguma coisa pra jantar?

Ele me lança um olhar irritado.

– Posso fazer um sanduíche pra você.

– Está incluído no preço?

– Acho que sim, já que você mal tinha dinheiro pra pagar pelo quarto.

Olho para o corredor atrás dele, em direção às duas portas fechadas. Quartos 201 e 202. Será possível que minha irmã tenha ocupado um desses quartos? É hora de descobrir.

– Tem mais alguém hospedado aqui?

Ele ergue as sobrancelhas.

– Eu respeito a *sua* privacidade. Talvez você devesse respeitar a privacidade

das outras pessoas que estão hospedadas aqui.

Com essas palavras, ele se vira e vai embora.

Uau, esse cara realmente não gostou de mim. Não sei bem por quê, já que ele pareceu agressivo desde o momento em que entrei no hotel. Talvez o problema não seja eu. Talvez ele esteja tendo um dia ruim.

Entro no pequeno quarto e fecho a porta. Tranco a fechadura, depois noto que além dela há um trinco, e o fecho também.

A cama de casal é tão desconfortável quanto parece. Tiro o casaco e me deito, e uma mola me dá um cutucão na bunda. Ajusto os travesseiros nas costas para poder me sentar, mas eles já viram dias melhores. São três, todos achatados como panquecas.

Meu celular toca. Enfio a mão na bolsa para pegá-lo e vejo o nome de Rob piscando na tela. Sem dúvida, ele está querendo saber onde estou. Se disser que saí à procura de Quinn, não vai ficar muito feliz. Mas preciso dizer alguma coisa.

Atendo e imediatamente ouço um chiado do outro lado.

– Claudia?

– Oi, Rob – digo. – Escuta, desculpa ter saído assim. É que... eu precisava ir a um lugar...

– Claudia, eu... – Há uns bons cinco segundos de nada além de chiado. – O quê... Não consigo ouvir...

– Estou procurando a Quinn. Volto hoje à noite. Prometo.

Há mais chiados e, em seguida, a ligação cai. Acho que o sinal ainda está ruim depois da tempestade. Bem, pelo menos atendi, então ele sabe que não morri.

Eu me sento na cama e abro o navegador no celular. Agora que tenho alguma privacidade, posso ler sobre o Hotel Baxter.

Clico no primeiro link, uma reportagem de dois anos atrás. A manchete me chama a atenção: *Mulher encontrada morta em hotel em New Hampshire*. A mulher em questão era Christina Marsh, de 25 anos. Foi encontrada morta em um dos quartos. A facadas. Não havia sinais de arrombamento.

A matéria salienta que os proprietários do hotel, Nicholas e Rosalie Baxter, estavam colaborando com a polícia para encontrar o autor do crime.

Leio as reportagens uma a uma, e a história vai ganhando forma. A mulher, Christina Marsh, estava hospedada no hotel havia cerca de uma semana. Fazia um dia que não saía do quarto, então Nick Baxter foi verificar como ela estava. E a encontrou morta em uma poça de sangue.

Vários artigos mencionam um “relacionamento” entre Nick Baxter e Christina Marsh. Um deles chegou a chamá-la de *namorada* e insinuou que o caso havia

acontecido durante a estadia dela no hotel.

Nick nunca foi acusado de nada, ao menos de acordo com as reportagens. E eu imagino que, se tivesse sido condenado por homicídio dois anos atrás, não estaria mais trabalhando aqui. Então acho que foi inocentado.

Olho para a colcha debaixo de mim. Será que foi aqui? Será que ela foi morta neste quarto?

Guardo o celular na bolsa. Deveria estar concentrada em Quinn, mas algo neste lugar me deixa muito desconfortável. Preciso fazer o que vim fazer aqui e ir embora.

Abro a porta do quarto. O corredor está vazio. Silencioso. Saio e olho para os outros dois, 201 e 202. Este hotel não é muito maior do que a minha casa.

Tento primeiro o 201. Há um aviso de NÃO PERTURBE pendurado na maçaneta, mas o ignoro e bato de leve na porta. Nenhuma resposta. Então bato novamente. Mais forte.

Nada.

Tento a maçaneta. Trancada.

Sinto um arrepio na nuca. Eu me viro, bem a tempo de ver alguém me encarando do quarto 202. Um único olho azul lacrimejante. Cabelos grisalhos.

Ao ser pega, entro em pânico e corro de volta para o 203. Fecho a porta e passo o trinco.

Minha cabeça está a mil. O quarto 201 está obviamente vazio. O quarto 202 tem um hóspede, então Quinn não pode estar lá. Isso significa que devo voltar para a estrada.

Vou só esperar um pouco, para dar tempo de a polícia se afastar ainda mais.

Penso em ver um pouco de televisão, mas não vejo o controle remoto em lugar nenhum. Meus olhos pousam na cômoda ao lado da cama. Talvez o controle remoto esteja na gaveta. Mas a abro e a única coisa que vejo lá dentro é uma Bíblia. Então, quando a gaveta se mexe, vejo um brilho debaixo da Bíblia.

Empurro a Bíblia para o lado, e é aí que vejo. Uma aliança de casamento.

Minhas mãos tremem ao pegar a aliança de ouro da gaveta. Parece a que minha irmã usou nos últimos dois anos. Mas só tem um jeito de ter certeza.

Inclino a aliança para o lado e olho a parte de dentro. No interior, vejo gravado: DEREK + QUINN.

Quinn esteve *aqui*. Neste mesmo quarto.

Ergo o olhar e vejo a janela. Há uma casa com vista para o hotel. Uma casa de dois andares velha e caindo aos pedaços. E há uma luz acesa em uma das janelas do segundo andar. Consigo distinguir a silhueta de uma mulher sentada à janela.

Observando.

Sinto um calafrio e quase deixo a aliança cair. A mulher olhando pela janela me deixa nervosa. Olho para a aliança na minha mão. Preciso dar o fora daqui.

Não. Ainda não.

Então ouço uma única batida na porta.

VINTE E QUATRO

A batida me faz dar um pulo. Fico parada por um tempo, sem saber o que fazer. Não quero abrir a porta agora.

Mas talvez seja Nick com meu jantar. Eu deveria ir dar uma olhada.

O celular vibra em cima da cama. Olho para a tela. É da delegacia outra vez. Deixo tocar até cair na caixa postal.

Após mais um momento de hesitação, abro a porta. Quase suspiro de alívio quando vejo que não há ninguém. Olho para baixo e vejo um prato com um sanduíche no chão. O sanduíche foi feito às pressas: a fatia de cima mal cobre o recheio. Pego o prato e examino meu jantar. É um sanduíche de peru, nada além disso. Sem maionese, sem alface, sem tomate. Apenas peru e pão seco.

Mas é de graça. A cavalo dado não se olham os dentes.

Em compensação, fico pensando se é seguro comer isso. O dono do hotel, Nick Baxter, pode muito bem ser um assassino a sangue-frio. E está claro que ele não gosta muito de mim. Talvez não devesse comer nada vindo dele.

Ergo a cabeça e é quando percebo que a porta do quarto 202 se abriu outra vez. Está aberta o suficiente para que os dois olhos azuis lacrimejantes me encarem. Ela me assustou antes, mas agora estou preparada.

– Posso ajudar? – pergunto.

A porta se abre ainda mais. Agora consigo ver que os olhos azuis pertencem a uma mulher idosa. Ela tem cabelos longos e brancos e um rosto bem marcado por rugas. Quando fala, a voz soa como uma lixa:

– Você é mais enérgica do que a outra.

Minha respiração trava. Essa mulher viu minha irmã aqui. Talvez elas até

tenham conversado. Deixo o prato em cima da cômoda do quarto e vou para o corredor.

– Que outra?

Os lábios envelhecidos se curvam em um sorriso.

– Que outra? – repito, mais alto desta vez.

Então ela bate a porta na minha cara. Que ótimo.

Quero mandá-la para o inferno e dar o fora, mas não posso fazer isso. Quinn esteve aqui. Tenho a sensação de que Quinn falou com essa mulher, talvez ela saiba de alguma coisa. Preciso conversar com ela e descobrir o que sabe. Só depois posso ir embora.

Pego a bolsa e atravesso o corredor. Bato com firmeza na porta da mulher. Só há silêncio do outro lado. Então bato novamente.

– Com licença! Gostaria de falar com a senhora.

Silêncio.

– Por favor. – Aproximo o rosto da porta. – Olha, a verdade é que... estou procurando minha irmã. Acho que ela esteve aqui. A senhora pode me ajudar?

O silêncio atrás da porta é interminável. Por fim, ouço as fechaduras se abrindo. A porta range tão alto quanto as escadas. A mulher está diante de mim, usando uma longa camisola branca e me olhando.

– Você disse que está procurando por ela? – pergunta a velha.

Aperto as mãos.

– Quero saber o que aconteceu depois que ela foi embora do hotel.

– Quer mesmo?

Faço que sim com a cabeça.

– Posso entrar?

Ela semicerra os olhos por um momento, mas depois me dá passagem. Meu coração está acelerado, me dizendo que isso é um erro, mas vou em frente. Entro no quarto da velha e deixo que ela tranque a porta depois que passo.

VINTE E CINCO

Este quarto é simplesmente assustador.

A culpa é dos espelhos. O cômodo é provavelmente do mesmo tamanho que o meu, mas os espelhos cobrem cada centímetro das paredes. É como se eu estivesse em uma daquelas casas de espelhos de parques de diversão. Tenho medo de esbarrar na parede sem perceber, principalmente considerando quanto está escuro aqui dentro.

– Meu nome é Greta – diz a velha, fixando os olhos azuis em mim.

Pela primeira vez percebo que ela tem um nítido sotaque. De algum lugar do Leste Europeu.

– O meu é Melissa – digo.

Os olhos dela ficam sombrios.

– Aqui dentro dizemos a verdade. Ou então vai embora.

Ela parece estar falando sério. Dou um pigarro.

– Tá bem. Meu nome é Claudia.

Greta aponta para a cama, e eu me sento cautelosamente na beirada, segurando a bolsa junto ao peito. Ela se acomoda ao meu lado, os olhos brilhando à luz amarela do cômodo.

– Ela esteve aqui. Sua irmã, Quinn. Bem onde você está sentada.

– Quando?

– Poucas horas atrás.

Passo os dedos pelos lençóis, como se pudesse tocar a presença dela.

– A senhora falou com ela?

– Falei. E o Nick também. A polícia esteve aqui atrás dela e o Nick mentiu pra

eles. Por ela.

Havia me perguntado como a viatura que passou por mim não encontrou Quinn, uma vez que obviamente estavam procurando por ela. Agora tudo faz sentido. Aquele cara, Nick, mentiu para eles. Não à toa ele estava tão nervoso quando cheguei.

- Foi gentil da parte dele.
- Foi. Mas a Rosalie não gostou.
- Quem é Rosalie?

O nome parece conhecido, como se eu o tivesse ouvido recentemente. Ela sorri de leve.

- É a esposa dele.

Claro. É daí que conheço o nome. Eu o vi em todas aquelas reportagens. Rosalie Baxter. A coproprietária do hotel. Aquela cujo marido a traiu e depois a amante acabou morta.

- A Rosalie está aqui? – pergunto.

Greta faz que não com a cabeça.

- Ela não sai de casa. Está sempre na janela. Sempre de olho.

Sinto um calafrio ao me lembrar da silhueta da mulher na janela da casa ao lado.

- A senhora sabe o que aconteceu com a minha irmã?

Greta fica em silêncio por um momento, como se estivesse pensando no que dizer a seguir.

- Ela não foi embora.
- Então ela ainda tá aqui? Ela tá no quarto 201?
- Eu não falei que ela ainda está aqui. Só que ela não foi embora.

Será que isso é como um daqueles enigmas ridículos, tipo “o que sobe e desce sem se mexer”?

- O que a senhora quer dizer?
- Acho que você sabe o que quero dizer.

Balanço a cabeça, com o estômago embrulhado.

Greta se levanta da cama. Ela é bem pequena, mas, de alguma maneira, sua presença preenche o quarto. Há algo especial nela.

– Eu li o futuro da sua irmã – diz ela. – Era muito sombrio. O passado dela era sombrio e o futuro é ainda mais.

- Sombrio?

Ela se vira para olhar em um dos espelhos. Seu reflexo me encara.

- Estou falando sobre *morte*, Claudia. Havia uma morte no passado dela e

outra no futuro. E a pior parte...

Prendo a respiração.

– O quê?

– Emanava dela. – A voz de Greta é um sibilo. – Como um mau cheiro. Ou um *vírus*. Infectando todos ao redor.

Essa mulher parece maluca, mas há algo especial nela. Ela *sabe* de alguma coisa.

– Como a senhora sabe que minha irmã não foi embora deste hotel? – pergunto.

Ela se vira para me olhar de frente.

– Vai dar uma volta lá fora. Vai até o Rosalie.

– O Rosalie?

– Isso.

Franzo a testa.

– A senhora quer dizer *a* Rosalie? A casa da Rosalie?

– Não. Não a casa.

– Mas...

– Vai. – Ela levanta a mão enrugada. – Já te disse tudo que sei.

– Disse mesmo?

Ela apenas me encara, o peito subindo e descendo sob a camisola. Eu me levanto da cama.

– Porque não estou certa disso – concluo.

– Vai – repete ela, mais incisiva desta vez.

Talvez saiba de mais coisas, mas está claro que não tem a intenção de me contar. O que quer que eu esteja procurando está fora deste hotel. E eu vou encontrar.

• • •

Pego a bolsa e o casaco ao sair do quarto. Também guardo a aliança de Quinn no bolso. Não tenho a intenção de voltar. Já faz muito tempo que a polícia foi embora; é hora de pegar a estrada assim que eu terminar aqui.

Ao seguir pelo corredor, esbarro com o tal do Nick. Ele está segurando uma caixa de ferramentas e quase a deixa cair.

– Oi – digo. – Eu, é...

Por algum motivo, não quero dizer a ele que estou indo embora. Ainda não. Nick aponta para o quarto 201.

- Vou consertar o vazamento.
 - Boa sorte – digo.
- Ele dá um grunhido.

Quando volto para o saguão, o local está estranhamente vazio. A goteira ainda está pingando dentro do balde. Cada vez que cai uma gota d'água, ouço um barulho. *Ploc, ploc, ploc*. Ainda bem que ele vai consertar isso. Vai destruir o teto. Rob sempre diz que as pessoas demoram demais para entrar em contato e consertar um vazamento e, por isso, acabam ficando com o teto destruído. Ele consegue consertar o vazamento, mas não o teto.

Mas isso não é problema meu. Quinn é meu único problema.

Deixo as chaves do quarto em cima do balcão, ao lado de onde Nick deixou o celular (ele é muito confiante para deixar o aparelho ali). Bem, vai perceber que fui embora. Cinquenta dólares jogados no lixo. Bem, 48 dólares.

Quando saio do hotel, percebo que a temperatura caiu uns 10 graus desde que entrei. O vento bate no meu rosto, e me arrependo de não ter trazido um cachecol. Qual é o meu problema? Morei em New Hampshire a vida toda. Sei como faz frio aqui.

O Rosalie. *Vai até o Rosalie.*

Como assim o Rosalie? Do que aquela velha estava falando, afinal?

Examino o lado de fora. Parei o carro bem no fundo do estacionamento. Olho para cima e vejo a antiga casa ao lado do hotel. A luz no andar de cima continua acesa. E a silhueta ainda está na janela, como se não tivesse se mexido um centímetro desde a última vez que olhei.

Será que é a Rosalie? Será que ela está me observando?

Viro a cabeça para o outro lado, para dar uma olhada na antiga construção abandonada. Parece ter sido um restaurante, mas agora está todo fechado com tábuas. Olho atentamente para a escuridão e consigo distinguir uma placa, coberta de sujeira e neve. Não consigo ver bem o que está escrito.

Caminho com dificuldade pela neve para olhar mais de perto. Só quando estou a poucos passos de distância consigo ver que há algo escrito, mas ainda indecifrável. Preciso me aproximar um pouco mais.

Avanço lentamente por causa do chão coberto de gelo. Não quero escorregar e quebrar o punho, mas preciso ver o que diz a placa. Só quando estou a cerca de 2 metros de distância é que finalmente consigo ler o que está escrito.

Restaurante Rosalie.

Sinto um calafrio e abraço a bolsa. Este é o lugar de que Greta estava falando. Será que Quinn está lá dentro?

Vou até a entrada do restaurante abandonado. A porta não está apenas fechada, mas lacrada com tábuas também. Coloco as mãos em volta dos olhos, semicerrando-os para ver lá dentro. Mas está completamente escuro. Não há sinais de movimento.

Greta disse para que eu viesse até aqui. Do que ela estava falando?

Dou a volta no restaurante. Ando devagar. Preciso me escorar nas paredes para não escorregar. Só quando chego aos fundos é que vejo algo azul atrás de uma lata de lixo.

Corro o mais rápido que consigo. Quando estou a cerca de 3 metros de distância, consigo ver claramente. É um Corolla. O carro de Quinn.

Era disso que Greta falava. Ela sabia que Quinn não estava mais no hotel. Mas sabia que ela não tinha ido embora porque o carro permanecia ali. Só Deus sabe como ela sabia que o carro estava ali, levando em consideração o quanto estava bem escondido. Não dá para vê-lo do hotel.

Caminho o resto da distância até o carro. Quando chego perto, me agarro a ele para não cair. Olho lá dentro, mas está vazio, como eu já esperava.

Uma rajada de vento quase me derruba. Meus olhos estão lacrimejando por causa do frio. Ou talvez por outro motivo.

Olho para cima. Ainda consigo ver a casa velha e em ruínas com uma luz acesa no quarto do andar de cima. Daquela casa, dá para ver tudo. Dá para ver o estacionamento do hotel. Dá para ver o carro de Quinn atrás do restaurante. E dá para ver o quarto 203.

A polícia esteve aqui atrás dela e o Nick mentiu pra eles. Por ela.

Foi gentil da parte dele.

Foi. Mas a Rosalie não gostou.

Rosalie.

Preciso falar com ela.

Mas uma coisa é certa: não vou acabar como minha irmã. Sou mais esperta do que isso. Tateio a bolsa até encontrar o que procuro: o canivete de Rob.

Meu coração está batendo acelerado conforme caminho cuidadosamente do restaurante até a velha casa em ruínas, as botas fazendo barulho na neve endurecida. Embora tenha parado de nevar, o vento é brutal, como uma adaga gelada no rosto. A cada poucos segundos olho para a janela no andar de cima da casa. A luz ainda está acesa. Rosalie não se mexeu. Nem um milímetro. Ainda está na janela, olhando para mim. Forço a vista para vê-la, tentando distinguir alguma coisa. Mas não consigo.

Minhas pernas parecem de borracha quando chego à pequena casa. A porta é

de madeira, que ficou lascada com o passar dos anos e ninguém se preocupou em consertar. A tinta ao redor da porta está completamente descascada. Assim como nossa casa, é um lugar que precisa de reparos, mas ninguém se deu ao trabalho de fazê-los.

Engulo um bolo na garganta. Talvez isso seja um erro. Talvez eu devesse dar meia-volta e ir embora.

Sinto o peso do canivete na minha mão. Isso me dá confiança. Nunca deixei ninguém me intimidar. Consigo lidar com uma mulher pequena.

Certo?

Bato na porta com a mão esquerda. Não há resposta. Rosalie não vai descer. Acho que não estou surpresa.

Coloco a mão na maçaneta. Solto um suspiro ao girá-la. A porta está destrancada.

Empurro-a e entro.

VINTE E SEIS

ROSALIE

Não estou morta.

Você achou que eu estava? Que sou um cadáver que meu marido colocou junto à janela do segundo andar para assustar os hóspedes?

Não. Estou bem viva.

E receio que meu marido seja um assassino.

Doze anos atrás

Ouçoo o zumbido do motor e meu corpo dá um solavanco a cada imperfeição na estrada. Mordo o lábio e me mexo no banco do passageiro do Ford caindo aos pedaços. Uma venda cobre meus olhos, me envolvendo na escuridão.

Agarro desesperadamente a venda com a mão direita. Antes que consiga soltá-la, a mão forte de alguém envolve meu punho. A voz do meu namorado, Nick, rompe o silêncio:

– Ei, para com isso – diz ele.

Dou um gemido.

– Nick...

– Tô falando sério. Quero que seja uma surpresa. Não vale espiar.

– Tá bem. Quanto tempo falta?

– Dez minutos, no máximo.

– Quando der nove minutos e trinta segundos, vou arrancar essa venda. Eu juro, Nick.

Faz seis anos que namoro Nick Baxter. Nós nos conhecemos no ensino médio, acredite se quiser. Namorados de colégio. Eu sei, eu sei. Nunca imaginei encontrar o amor da minha vida na adolescência, mas, no momento em que o

beije, com apenas 16 anos, entendi tudo. Ele era o cara.

Você por acaso já conheceu alguém com quem se deu bem de primeira? Alguém que teve a sensação de ser uma extensão de você mesmo? A peça que faltava? Desde o segundo em que nos sentamos para jantar em nosso primeiro encontro, senti que podia contar tudo para ele. E foi o que fiz. Disse que não queria ser professora, como meus pais sempre falavam que eu deveria ser. Queria ser chef. Abrir meu próprio restaurante. Era o meu sonho. Eu me apaixonei porque ele foi o único que acreditou em mim.

Além disso, o fato de ele ser muito bonito não era nada mau. Mesmo de olhos vendados, consigo imaginar o cabelo loiro-escuro, o corpo magro mas musculoso, o sorriso contagiante. As garotas sempre olham para Nick, mas ele só tem olhos para mim. Quer eu mereça ou não, ele beija o chão em que eu piso.

Sinto o carro virar à direita, o que significa que ele está saindo da rodovia. Graças a Deus. Se não chegarmos logo, juro que vou vomitar. Se isso acontecer, ele vai ter que limpar tudo sozinho, porque a culpa é toda dele.

O carro para bruscamente. A mão grande e quente de Nick aperta meu joelho. Consigo imaginar o olhar ansioso em seu rosto.

– Muito bem, Rosie. Chegamos.

– Posso tirar a venda?

– Me dá um segundo.

Ele insiste em me conduzir para fora do carro. Coloca a mão em cima da minha cabeça para garantir que eu não bata ao sair. Coloca as mãos nos meus ombros e me vira uns 90 graus. Então arranca a venda dos meus olhos.

– Tcharam! – exclama ele.

Pisco, me adaptando à luz.

– Tcharam o quê?

– Seu restaurante.

Meu *restaurante*? Ele está *brincando* comigo?

Venho trabalhando como cozinheira em um restaurante encardido desde que concluí a faculdade de Gastronomia. O salário quase dá para abrir mão do emprego de garçoneiro, já que meus pais não me deram um centavo para subsidiar meu “estilo de vida absurdo”. Nick se formou recentemente em Administração e tem falado sobre abriremos um restaurante. Eu concordei, achando que era apenas um sonho impossível.

E agora estamos diante de uma construção térrea que parece prestes a ser demolida. Todas as janelas estão quebradas, há sujeira em cada fenda e rachadura, e a porta está literalmente pendurada por uma dobradiça. Enquanto

olho para o lugar, um rato sai correndo pela porta da frente. Tenho certeza de que há muitos outros de onde esse veio.

Este lugar é horrível. *Não é* uma boa surpresa. Nem entendo o porquê da venda nos olhos.

– Ah – digo.

Tento parecer feliz, mas meu talento para atriz já chegou ao limite.

– Sei que não parece bom agora – diz ele, de pronto. – Mas foi uma pechincha. Confia em mim, Rosie, a localização é ótima. Dei uma olhada e não há nenhum restaurante ao longo da I-93 num trecho de vinte minutos nas duas direções.

– Hum.

– Vou te ajudar a limpar tudo – diz ele –, e você vai ver, esse lugar vai ser um grande sucesso. Prometo.

– Hum – repito.

Ele me olha nos olhos.

– Esse é o seu sonho. E eu vou tornar realidade pra você.

Ele parece tão seguro de si. Eu amo Nick, só que acho que ele passou do ponto desta vez. Mas vou embarcar nessa com ele. Afinal, o que tenho a perder?

Nove anos atrás

Parece um luxo tirar um dia de folga.

Só o que faço agora é trabalhar. O restaurante abre para o almoço e geralmente fico lá até fechar, tarde da noite. Recentemente, contratei ajuda para poder ter pelo menos uma noite de folga, depois de Nick me perturbar muito. Não confio que ninguém seja capaz de fazer um trabalho tão bom quanto o meu e, além disso, adoro ficar lá. Adoro ficar na cozinha do meu restaurante. É tudo que sempre quis.

Mas hoje tenho um dia de folga, e Nick me convenceu a ir a um parque de diversões local. Andamos na montanha-russa, depois na roda-gigante e agora estamos dividindo um enorme algodão-doce cor-de-rosa.

– Tinha me esquecido de como algodão-doce é bom – diz Nick, enfiando um pedaço imenso na boca. – Você deveria servir isso no restaurante.

– Hum, não.

– Deveria, sim. Provavelmente iria virar a sobremesa mais vendida.

Olho para ele de soslaio.

– Tô em dúvida se você tá brincando.

– Não tô, não!

Ainda fico um pouco incrédula com o sucesso que o restaurante alcançou.

Não vou mentir: o primeiro ano foi difícil. Levamos uma eternidade para limpar o Rosalie e deixá-lo em condições de funcionar como restaurante. Nick e eu trabalhamos muito. Trocamos todas as janelas, limpamos tudo nos mínimos detalhes, compramos novos eletrodomésticos para a cozinha e móveis para o salão. Investimos muito dinheiro e muito trabalho. E, nos primeiros meses, achei que tudo seria em vão. Dava para contar nos dedos de uma das mãos o número de clientes por semana. Naquele primeiro ano, pensei em desistir pelo menos umas vinte vezes.

Não sei ao certo o que Nick fez, mas nosso negócio melhorou no fim daquele ano. Começamos a ter clientes fiéis e, no segundo ano, conseguimos equilibrar as contas. No terceiro, tivemos lucro.

Então, alguns meses atrás, Nick comprou as duas casas ao lado. Uma para morarmos e a outra para transformar em um hotel.

Quer dizer que vamos comprar uma casa juntos?, perguntei, quando ele me contou o plano. *Parece bastante sério. Nós nem somos casados.*

Bem, acho que deveríamos resolver isso, disse ele.

O safado tinha uma aliança no bolso. Eu aceitei. Obviamente. Não conseguia imaginar passar a vida com outra pessoa.

Vamos nos casar no mês que vem. Vai ser uma cerimônia pequena no cartório, só com os familiares próximos. Principalmente porque todo o nosso dinheiro foi investido no restaurante e no hotel. Além disso, nenhum de nós tem família grande. Para completar, meus pais não gostam de Nick. Minha mãe nunca deixa claro o motivo, mas sempre dá a entender que eu poderia encontrar alguém melhor, e também não tem nenhum interesse no restaurante. Por isso, não tenho mais muito contato com ela. Nem sei se ela vai vir ao casamento.

– Vou deixar você amadurecer a ideia do algodão-doce – diz Nick. – Enquanto isso, o que quer fazer agora? Vamos andar naquele brinquedo que gira no ar em círculos e depois vira de cabeça pra baixo?

Olho o brinquedo para o qual ele está apontando. Só de olhar, meu estômago revira.

– Não, obrigada. Que tal... – Olho para uma pequena tenda preta com uma placa na frente que diz LEIO SEU FUTURO, TRÊS INGRESSOS. – Ah, quero que leiam meu futuro!

Nick dá risada.

– Você não precisa ir a uma cartomante para saber seu destino. Posso te dizer agora mesmo. – Ele pressiona a ponta dos dedos nas têmporas. – O futuro diz que você vai se casar com um gênio dos negócios superbonito e que vocês vão ter

cinco filhos juntos.

– Hum. Tem certeza de que o futuro diz cinco filhos? Porque estou sentindo que talvez sejam três.

– Tenho quase certeza de que são cinco.

Sempre falamos sobre ter filhos de maneira abstrata, mas, agora que vamos nos casar, essas conversas ficaram um pouco mais sérias. Nós dois queremos muitos filhos. Somos filhos únicos e sempre quisemos uma família grande. Mas cinco parece um número muito alto. E não é ele quem vai ter que dar à luz.

– Tá vendo, é por isso que preciso falar com a vidente – digo. – Enquanto isso, você pode tentar ganhar um prêmio decente pra mim dessa vez.

Hoje mais cedo, Nick participou de um jogo em que tinha que derrubar garrafas com uma bola. Ele se saiu muito mal e insistiu que era armação. Mesmo assim, ganhou um patinho de borracha minúsculo, que nem valia a pena carregar, então joguei fora.

Nick faz uma saudação.

– Pode deixar. Vou ganhar um bicho de pelúcia tão grande que um de nós vai ter que voltar pra casa sentado no capô do carro.

Queria muito ver isso.

Enquanto Nick vai atrás de uma barraca de sua preferência, caminho em direção à tenda preta. Ninguém nunca leu meu futuro antes, mas sempre achei que seria divertido. Não acredito nessas coisas, mas não há mal nenhum nisso.

As cortinas da tenda estão ligeiramente abertas. Eu as afasto e enfio a cabeça para espiar. A tenda é iluminada apenas por algumas velas, mas é o suficiente para ver o que há lá dentro: uma pequena mesa de madeira e uma cadeira dobrável de cada lado. Em uma das duas cadeiras está sentada uma mulher de cabelo preto comprido. E quando digo preto, quero dizer preto *mesmo*. Já ouvi dizer que o preto é descrito como a ausência de cor, mas nunca entendi essa descrição até ver o cabelo dessa mulher.

Ela ergue os olhos para me encarar, e são olhos tão escuros quanto o cabelo dela. Tanto que não consigo ver as pupilas.

– Olá – diz ela.

– Oi. – Minha voz falha inesperadamente, e dou um pigarro. – Você... lê o futuro?

Ela faz que sim com a cabeça e aponta para a cadeira dobrável à sua frente.

– Por favor, sente-se.

Entrego os três bilhetes, que ela enfia no manto roxo que está vestindo. Observo suas feições, parcialmente obscurecidas pelas sombras. Não consigo

arriscar quantos anos ela tem. Poderia ter 20 ou 60. Muito estranho.

– Meu nome é Naomi – diz ela.

– O meu é Rosalie.

– É um belo nome. – Seus olhos negros se voltam para minha mão esquerda. – E um belo anel.

Fecho a mão esquerda, sem pensar. O diamante é minúsculo (era o que dava para pagar), mas o adoro mesmo assim.

– Obrigada.

– Ele é um homem bom. – Ela diz isso como se não fosse uma pergunta. – Pelo menos, você acredita que ele seja.

– Ele é – digo, com uma lealdade feroz.

Algo que lembra um sorriso toca os lábios de Naomi.

– Veremos.

Ela pega um baralho de cartas de tarô. Já vi cartas de tarô antes, mas nunca ninguém leu minha sorte. Sei que tudo isso é bobagem, mas meu estômago revira. Acho que preferia ter ficado lá fora torcendo por Nick enquanto ele ganhava outro prêmio para mim (ou *não* ganhava).

Ela coloca três cartas na mesa. Olha para elas por um instante, os dedos pairando em cima da carta do meio: uma torre em chamas após ser atingida por um raio, com dois homens caindo em direção à morte. Não sei nada sobre tarô, mas isso não parece bom.

– Que foi? – pergunto.

– Esta é A Torre – explica ela. – Significa que você terá uma revelação que vai mudar sua vida. Que vai te deixar surpresa.

Balanço a cabeça.

– Tipo o quê?

Talvez eu esteja grávida. Minha menstruação está para vir apenas na semana que vem, mas me esqueci de tomar a pílula algumas noites este mês. Nick iria adorar.

Naomi toca na carta mais à direita. Essa é ainda mais perturbadora. É a imagem de um cavaleiro montado em um cavalo com uma pessoa morta sob os cascos do animal. Só que o capacete do cavaleiro está levantado e dá para ver que, na verdade, é um esqueleto. Consigo distinguir a palavra escrita na carta.

Morte.

Naomi ergue o olhar de repente. Ela estende a mão e agarra meu punho com dedos tão frios quanto o esqueleto na carta.

– Rosalie – sussurra ela. – Você não deve se casar com esse homem.

– *Quê?* – Tento puxar a mão, mas ela está segurando com força. – Do que você tá falando?

– Por favor. – Seus olhos negros se fixam nos meus. – Você precisa me ouvir. Você acha que esse homem vai lhe trazer felicidade, mas não é verdade. Ele vai trazer morte para a sua vida.

– Morte? – repito. – Você quer dizer que... ele vai *morrer*?

Pensar em Nick morrendo é como ter a mão de alguém apertando meu coração. Não consigo imaginar minha vida sem ele.

– Não – responde ela, com firmeza. – Ele não vai morrer. Ele vai causar a morte de outra pessoa.

– Quer dizer que... – Minha cabeça está girando. – Ele vai matar alguém?

A mulher fica em silêncio. Solta minha mão, mas estou chocada demais para me mexer.

– *Meu Deus.* – Balanço a cabeça. Isso é absurdo. Não acredito nessas coisas, mas tem algo nessa mulher... – Você não conhece o Nick. Ele é um cara legal. E ele é... Ele *nunca* faria mal a alguém. Nunca. E... eu amo ele. Muito.

– Mas isso vai mudar.

– Não, *não vai.* – Olho irritada para as cartas à frente dela. – Então, basicamente, você vira a carta de uma torre e de um esqueleto e diz que meu noivo é um assassino? Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi.

– Não é só a imagem na carta. – Ela fala baixo. – É o que as cartas me dizem. Esse é o meu dom. – Ela franze a testa. – Você ainda tem tempo. Ainda dá para cancelar.

Abro a boca para repreendê-la, para dizer que jamais terminaria com o homem que amo por causa de uma vidente em um parque idiota. Mas, por algum motivo, nenhuma palavra sai.

– Pensa nisso, Rosalie – diz ela. – A única coisa que posso fazer é mostrar o caminho certo. Você precisa escolher segui-lo.

Minhas mãos estão tremendo quando saio da tenda da vidente. Estava tão escuro lá dentro que a luz do sol me deixa confusa. Pisco algumas vezes enquanto meus olhos se ajustam à claridade.

– Consegui!

Eu me viro e vejo Nick segurando um panda de pelúcia, triunfante. Tem cerca de 30 centímetros de altura, então não é tão grande a ponto de não caber no banco de trás, mas é sem dúvida mais impressionante do que o patinho de borracha. Nick está com um sorriso orgulhoso e adorável no rosto, e atiro os braços ao redor do pescoço dele. Aparentemente não consigo soltar.

– Uau! – Ele dá uma risada. – Não sabia que você gostava tanto de pandas.
Mas, quando me afasto, o sorriso dele desaparece. Só então percebo que há lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

– Rosie, o que aconteceu? – pergunta ele. – Você tá bem?

Enxugo novas lágrimas.

– Estou bem.

– Você *não* está bem. – Ele olha para a tenda preta. – O que foi que aconteceu lá dentro?

– Ela... – Respiro fundo, trêmula. Não queria contar a ele o que Naomi me disse nem deixar que isso arruinasse meu dia, mas não consigo evitar. – Ela me disse que vai acontecer uma coisa ruim se a gente se casar. Que deveríamos cancelar o casamento.

Ele fica boquiaberto.

– Tá *brincando*? Ela disse isso pra você?

Assinto devagar.

Ele enfia o panda nas minhas mãos.

– Isso é inaceitável. Vou lá falar com ela.

Agarro o braço dele.

– Nick, por favor, não faz isso.

– Mas ela te deixou chateada! – Um músculo se contrai em seu maxilar. – Que absurdo. Essa mulher é só uma vidente barata de parque. Nada do que ela diz é verdade. Você sabe disso, né? É tudo uma performance.

– Eu sei...

– Rosie... – Os olhos castanhos dele estão arregalados. – Você não tá levando isso a sério, tá? Ela não é vidente. Isso nem existe.

– Eu sei.

– E... eu te amo. – Ele estende a mão e segura a minha. – Se não nos casarmos, não sei o que eu faria. Não tem mais ninguém com quem eu gostaria de passar o resto da vida.

Engulo em seco.

– Também te amo.

– Tipo, essa vidente disse que algo ruim vai acontecer se nos casarmos, mas sinceramente não consigo imaginar nada pior do que não ficar com você.

Sinto a mesma coisa.

– Eu sei.

– Então... – Um lado de seus lábios se curva para cima. – Você não vai terminar comigo por causa do que essa vidente disse, né?

Esboço um sorriso minúsculo.

– Acho que não.

Ele me beija, esmagando o panda de pelúcia entre nós. Tento aproveitar o momento, mas não consigo esquecer o que a vidente disse. Não acredito nessas coisas, sei que é armação. Mas não consigo esquecer o olhar assustado no rosto dela.

VINTE E SETE

Seis anos atrás

A gente só se dá conta de que tem tudo quando a vida desmorona.

Faz três anos que estou casada com Nick. Eu me casei com ele conforme planejado, apesar do aviso da vidente. E, surpresa, nada de terrível aconteceu. Nick nunca matou ninguém. Tem sido um ótimo marido, levando em conta todas as circunstâncias. E, por muito tempo, nossa vida foi boa. O Rosalie está indo de vento em popa e até o hotel está dando um bom lucro. Estávamos reformando a casa em que moramos (uma trabalhadeira monstruosa), mas acabamos nos distraindo porque...

Eu engravidei.

Estávamos esperando os negócios ficarem um pouco mais estáveis e a reforma da casa terminar, embora Nick estivesse ansioso para termos logo nossos cinco bebês. (Aham, tá bom.) Finalmente, ele me convenceu a parar de tomar o anticoncepcional e, na primeira tentativa, engravidei.

Mas, apenas duas semanas após o teste de gravidez positivo, veio o sangramento.

Nick ficou mais abalado do que eu. Ele estava extremamente animado para começar uma família e já tinha sugerido nomes horrorosos. Também fiquei triste, mas havia lido sobre como essas perdas são comuns no início da gravidez, principalmente na primeira. Fiquei chateada, mas sabia que tentaríamos de novo.

Então, uma semana após o aborto espontâneo, acordei sem sentir o pé direito.

Agora, quatro meses depois, estou sentada no consultório de uma

neurologista chamada Dra. Heller, uma mulher alta e magra, com óculos em forma de meia-lua que repousam na ponte do nariz. Há duas poltronas em frente à mesa dela (Nick está sentado em uma e eu na outra). Minha bengala está encostada na mesa, porque eu cairia se tentasse caminhar sem ela. E a Dra. Heller acabou de dizer duas palavras que vão mudar a minha vida por completo.

– Esclerose múltipla? – exclama Nick. O rosto dele reflete meu sentimento. – Tem certeza?

– Sim – responde ela, simples assim. – Tecnicamente, é necessário que os sintomas se manifestem por um ano para que o diagnóstico seja feito, mas tenho quase certeza. E, infelizmente, você tem uma forma primária progressiva da doença, já que os sintomas neurológicos não melhoraram, mesmo com os esteroides, e, na verdade, progrediram.

Ela tem razão. Os sintomas não melhoraram (nem um pouco). *Pioraram*. A dormência se espalhou para o outro pé.

– Então qual é o tratamento? – pergunta ele.

– Não há tratamento comprovado para a esclerose múltipla primária progressiva – diz ela. – Podemos tentar alguns medicamentos, mas...

Não há tratamento. Não há nada que possamos fazer. Vou só *piorar*.

Nick balança a cabeça.

– Não entendo como isso aconteceu. Ela não tem nenhuma doença neurológica estranha na família.

– Nem sempre é hereditário – diz a Dra. Heller. – É possível que, no seu caso, a gravidez tenha desencadeado a doença. E há a possibilidade de os sintomas piorarem caso você engravide outra vez.

– Possibilidade – repete ele. – Então não é garantido?

– Não – responde ela. – É incerto. Principalmente porque a Rosalie tem um tipo muito menos comum da doença. Mas vocês precisam estar cientes dessa possibilidade.

Voltamos para casa após a consulta, ambos visivelmente abalados. Nick mal fala durante todo o trajeto. O músculo de sua mandíbula se contrai, como sempre acontece quando está chateado. Passo a maior parte da viagem olhando pela janela, tentando imaginar o que vai acontecer com o resto da minha vida.

A carta da torre. A revelação que mudou minha vida. Esclerose múltipla. O fim da vida como a conheço. Virou realidade.

Quando entramos em casa, eu me sento à mesa da cozinha, mas Nick fica de pé, parado. Não diz nada por vários segundos, mas é óbvio que tem algo a dizer. Olho para ele, esperando. E então ele fala:

– Então é só uma *possibilidade*, certo? – Ele cruza os braços. – Não significa que você com certeza vai piorar se engravidar de novo.

Eu sabia que era isso que ele estava pensando. Sabia, mas não tinha certeza se ele teria coragem de dizer. Tipo, é fácil para ele lidar com isso de maneira tão simplista. Não é ele quem está com o corpo literalmente atacando a si mesmo.

Olho irritada para ele.

– Então por você tudo bem correr esse risco?

O rosto dele fica triste.

– Rosie, você também quer uma família, não quer? Achei que estávamos juntos nessa. Cinco filhos, certo?

Não consigo nem brincar com isso. Não há nada de engraçado no que está acontecendo conosco agora.

– Mas não estou disposta a sacrificar tudo por isso.

– É, mas... – A voz dele fica mais baixa. – Nossa família também é tudo.

– Então eu não sou suficiente pra você?

– Não é isso. *Não*. – Ele aperta a ponte do nariz. – É só que... É muita coisa pra abrir mão. Entende?

Claro que entendo. Sempre quis ser mãe. Mas, nos últimos quatro meses, aprendi como é difícil andar sem sentir os pés. Se isso piorar, não sei o que vai acontecer. Não sei como vou conseguir tocar o restaurante. Muito menos correr atrás de um bando de crianças.

– Sinto muito. Não posso arriscar.

– Mas...

– A resposta é *não*, Nick. Não vou mudar de ideia.

Ele parece abalado. Senta-se em uma cadeira à minha frente.

– Tudo bem...

Estou com um nó na garganta. Ele está certo. É muita coisa para abrir mão. E ele sempre quis tanto ter filhos... Não é certo pedir isso a ele.

– Escuta... – Pego a mão dele, e ele aceita com relutância. – Eu te amo, mas entendo se você quiser... Se isso for demais pra você. Eu entenderia. Não precisamos ficar juntos se você não quiser mais.

Nick recua a cabeça.

– Do que você tá falando? Você acha que eu quero me separar?

– Só estou falando que eu entenderia.

Ele aperta minha mão com firmeza.

– Olha, não estou feliz com nada disso. É óbvio. Mas eu amo você. E não há *nada* que me faça não querer mais estar com você.

Passamos um bom tempo sentados juntos na cozinha, de mãos dadas, pensando em como seria o resto de nossa vida juntos. Naquele momento, eu não fazia ideia de como as coisas iriam piorar.

Quatro anos atrás

Odeio o teto do nosso quarto.

Mandamos pintá-lo quando nos mudamos, mas está coberto de rachaduras. Quem pintou fez um péssimo trabalho. As rachaduras estão por toda parte, formando padrões que se assemelham a teias de aranha no gesso branco. Precisa ser refeito, mas, sejamos realistas, esse é o menor dos nossos problemas. Não está nem entre os vinte principais.

– Rosie?

Nem percebi que o som do chuveiro tinha parado. Fechei os olhos, sentindo a onda conhecida de fadiga tomar conta de mim. Dormi a noite toda, porém ainda estou exausta. Quando o alarme tocou, há dez minutos, acordei para desligá-lo, mas estava longe de me sentir preparada para sair da cama.

– Rosie?

Nick saiu do banho. O cabelo loiro-escuro parece ainda mais escuro por conta da água, e ele está com uma toalha enrolada na cintura, revelando um belo torso. Está lindo. Tão lindo quanto no dia em que me apaixonei por ele. Talvez mais: o garoto de 16 anos cresceu.

Não quero pensar no que ele deve ver ao olhar para mim agora.

– Ei, Rosie – diz ele. – Coloquei o banco no chuveiro pra você, se quiser entrar.

Ele pega meu andador e o traz até a lateral da cama. Nunca mais engravidei, mas não fez diferença. Minhas pernas ficaram mais fracas mesmo assim, ainda mais rápido do que a Dra. Heller previu. Passei da bengala para as muletas e agora uso um andador na maior parte do tempo. Na consulta da semana passada, a Dra. Heller sugeriu uma cadeira de rodas.

Ainda trabalho no restaurante, mas tem ficado muito difícil. Está sendo sofrido. Não só porque tenho dificuldade para andar e me locomover, mas porque meu cérebro está confuso. Confundo os pedidos e esqueço o que estou fazendo no meio da tarefa. É vergonhoso.

– Rosie? Precisa de ajuda pra se sentar?

Eu o encaro. Preciso me levantar e ir para o restaurante. Para o trabalho que

amo, com o qual sonhei a vida inteira. Só que simplesmente... não quero. Só de pensar em sair da cama, tomar banho, me vestir... Até mesmo passar um pente no cabelo é exaustivo. Não consigo nem pensar.

– Não vou levantar – digo.

Ele franze a testa.

– Você tá doente?

Ele é tão *gentil* com tudo. Tão disposto a me ajudar com cada coisinha. Eu adorava isso nele. Nunca percebi, até recentemente, como isso podia ser *irritante*.

– Sim, estou doente.

Ele se acomoda na beira da cama. Toca minha testa, e eu o afasto.

– O que há de errado?

– Tenho esclerose múltipla.

Ele revira os olhos.

– Vamos lá. Levanta. Tem clientes esperando lá fora.

– Não.

– Não estou entendendo.

– Não quero mais trabalhar no restaurante.

Ele tenta novamente me tocar, mas eu o empurro.

– Tem a ver com a acessibilidade da cozinha? Porque já te falei, liguei pra um empreiteiro e pedi um orçamento...

– Não vou voltar para o restaurante – digo, entredentes. – Nem agora, nem nunca.

– Mas...

– Não vou, Nick.

Ele se levanta da cama.

– O que eu faço, então?

– Tem outras pessoas que podem cozinhar. Você consegue dar um jeito.

Ele contrai os lábios.

– Tá bem. Vou cuidar disso hoje. Você pode tirar um dia de folga.

Ele arranca a toalha e começa a se vestir. Mais uma vez, não consigo deixar de pensar em como meu marido é atraente. Mas o mais assustador é que não sinto nada neste momento. Nem mesmo o menor traço de desejo. E estou cansada demais para me importar com isso.

VINTE E OITO

Três anos atrás

Enquanto os créditos rolam na tela da TV, pego o controle remoto e troco de canal. Não sei como, mas, nos últimos seis meses, me tornei o tipo de mulher que passa o dia inteiro em casa sentada vendo novela. É, literalmente, a única coisa que faço o dia todo. Não, não é verdade. De manhã, assisto a programas de auditório. E às vezes entro na internet no celular. De vez em quando como um pouco. *De vez em quando*. Fiquei esquelética.

Além do mais, não tenho muito o que fazer mesmo. O Rosalie fechou há três meses. Degringolou bem depressa depois que parei de trabalhar.

Ouçó os passos pesados de Nick subindo para o segundo andar. Olho o relógio de pulso: é meio-dia. Às vezes ele vem almoçar em casa, mas isso aconteceu duas horas atrás. O que será que ele está fazendo em casa?

Pensar nisso me deixa inquieta.

Nick aparece na porta do quarto. Está com um pouco de olheira, mas ele consegue esboçar um leve sorriso. Não anda sorrindo muito ultimamente. Mas faz sentido. Ele não tem muitos motivos para sorrir.

– Oi – digo.

Ele olha por cima do meu ombro, para a janela do quarto.

– Está abafado aqui. Você deveria abrir a janela. Está um dia bonito lá fora.

– Estou bem.

Mesmo assim, ele passa por mim e caminha até a janela. Recuo alguns centímetros na cadeira de rodas. Agora uso a cadeira o tempo todo. Desisti de

andar muitos meses atrás, mais ou menos quando o Rosalie fechou. O esforço necessário para dar alguns passos não compensa.

Nick escancara a janela. Parece que está agradável lá fora (um dia frio de primavera como aquele em que Nick me levou para ver o restaurante pela primeira vez, tantos anos atrás). No entanto, perdi tanto peso nos últimos dois anos que a brisa me faz estremecer. Às vezes, sinto como se minha pele estivesse pendurada nos ossos.

– Melhor, não acha? – diz ele.

Faço que sim com a cabeça, porque é mais fácil do que discutir. Vou fechar a janela novamente quando ele sair.

– Poderíamos ir lá fora juntos – sugere ele.

Eu me encolho.

– Não quero enfrentar a escada.

Ele solta um suspiro.

– Sabe, posso transformar a sala de jantar em um quarto. Eu falei que poderia...

– Tudo bem. Não estou com vontade de sair.

Nick murmura algo baixinho que não consigo entender. Provavelmente, é melhor assim.

– O que você tá fazendo em casa? – pergunto.

Ele franze a testa e revira as mãos. Está aqui por algum motivo. Não veio só abrir a janela. É melhor que diga logo.

– Não fica zangada – diz ele –, mas liguei pra Dra. Heller ontem.

Olho para ele com severidade. Por que ele ligaria para minha neurologista sem a minha autorização?

– Como assim?

– Olha, você parece... – Ele se senta na cama para me encarar nos olhos. – Estou *preocupado* com você, Rosie.

– Então, qual foi a *brilhante* percepção da Dra. Heller?

Ele continua a falar, ignorando meu sarcasmo:

– Ela acha que você deveria fazer fisioterapia.

– Fisioterapia?

Ele faz que sim com a cabeça, ansioso.

– Eu te levo às sessões. Você vai, Rosie?

– Pra quê? – retruco, amarga. – Como vou andar melhor se mal consigo mexer as pernas?

– Não é por isso – diz ele. – A Dra. Heller disse que ajudaria você a ter mais

autonomia, assim eu não precisaria...

Eu o encaro.

– Ah, agora entendi. Você tá cansado de me ajudar em tudo.

Não deveria estar surpresa. Nick faz *muita* coisa por mim. Ele me ajuda a subir e descer da cama; me ajuda a tomar banho e me vestir de manhã. Mesmo sendo eu a cozinheira da família, agora ele me traz todas as refeições. Faz tudo por mim. Nunca reclama. Pelo menos, nunca reclamou... até agora.

– Rosie, não é isso...

– Admite, Nick. Ninguém vai te julgar por isso.

Ele abaixa a cabeça.

– Não faz isso. Só estou tentando ajudar.

Observo o rosto dele.

– A Dra. Heller deu algum conselho *útil*?

Após uma pausa interminável, ele enfia a mão no bolso e tira um pequeno frasco laranja de comprimidos.

Respiro fundo.

– O que é isso?

– Um antidepressivo – responde ele. – A Dra. Heller acha que pode ajudar.

– Ah, meu Deus.

– Rosie...

– Eu não vou tomar isso. Não estou deprimida. O problema é a situação. *Qualquer* pessoa estaria deprimida na minha situação.

– Mesmo assim, pode ser que ajude. – Ele tenta pegar a minha mão, mas eu me afasto. – Por favor, Rosie. Dá uma chance. Por algumas semanas. Se você não gostar, não precisa continuar tomando. Mas pode ser que ajude.

Olho nos olhos dele. Por algum motivo, ele ainda me ama. Só está tentando ajudar.

– Tá bem. – Pego o frasco. – Vou tentar por algumas semanas.

Mas à noite jogo todos os comprimidos no vaso sanitário.

• • •

Toda vez que ouço passos na escada, meu coração dispara.

Quase sempre é Nick. Quem mais poderia ser, me visitando no meio do dia? O frio na barriga me lembra de quando começamos a namorar, de como ficava animada ao vê-lo.

Só que agora o frio na barriga não é por isso. Estou com medo de que, a

qualquer momento, Nick desista. De que me diga que não quer mais nada comigo. Que já chega.

Ainda não aconteceu, mas vai. As pessoas aguentam até certo ponto.

Mas, desta vez, não é Nick. É a senhora de cabelos grisalhos que se mudou definitivamente para um dos quartos do hotel. O nome dela é Greta, e ela e Nick combinaram um valor mensal bastante justo para que ela pudesse morar no hotel a longo prazo.

Gosto de Greta (é minha única amiga neste momento). Ela é absurdamente excêntrica, com seus longos cabelos prateados e sua propensão a usar camisola 24 horas por dia. Mas as visitas dela ao meu quarto são o único momento bom da minha semana. Ela me entretém com histórias sobre sua vida no parque ou sobre sua infância na Hungria. Ou sobre Bernie, o cara que trabalhava no parque e era marido dela antes de morrer de infarto.

– Oi, Rosalie – diz ela, com seu sotaque do Leste Europeu.

– Oi, Greta.

Ela inclina a cabeça de lado.

– Você precisa comer mais. Daqui a pouco, vai estar tão magra que não vou conseguir mais te enxergar com minha vista fraca.

Dou risada e puxo inconscientemente a camiseta, que era justa quando a comprei, cinco anos atrás, mas agora está folgada.

– Estou bem.

– Vou trazer comida pra você da próxima vez – diz ela. – Algo que eu mesma cozinhei. E você vai comer tudo.

– Pode deixar – murmuro.

Ela se senta ao meu lado: ela na cama e eu na cadeira de rodas. Seus olhos me examinam, e eu me mexo na cadeira.

– Não estou gostando da sua aura hoje, Rosalie.

– Como é que é?

Ela franze a testa.

– Vou ler sua sorte hoje.

Sou tomada por uma sensação desagradável. Sabia que Greta costumava ler a sorte no parque, mas esta é a primeira vez que se oferece para ler a minha. Nunca contei a ela sobre a experiência com Naomi, a mulher que me alertou sobre as coisas terríveis que aconteceriam se eu me casasse com Nick.

Ela estava certa sobre a tragédia que mudaria a minha vida. O lado positivo é que Nick não matou ninguém. Pelo menos, não que eu saiba.

– Melhor não – digo.

Greta segura minha mão entre as dela. Tem mãos frias e ossudas, iguais à da cartomante na feira, tantos anos atrás.

– Fala pra mim. Por que você está hesitando?

– É que eu acho tudo isso... meio bobagem.

Ela observa meu rosto.

– Não. Você não acha bobagem. Você está com medo.

Minha boca fica seca de repente.

– Há muito tempo, leram minha sorte e não foi nada bom.

Greta arregala os olhos.

– Conta pra mim o que aconteceu.

Percebo que nunca contei a ninguém sobre aquele dia no parque. Contei parte da história a Nick, mas não toda. Carreguei isso sozinha todos esses anos.

– Ela previu a esclerose múltipla. Disse que haveria um acontecimento que mudaria a minha vida.

Greta dá um tapinha no ar.

– Não me impressiona. O que mais essa charlatã te falou?

– Ela disse pra eu não me casar com o Nick. – Mordo a unha do polegar. – Porque... ela... ela disse que ele iria matar alguém se eu me casasse com ele.

Greta me encara por um momento. Em seguida, começa a rir.

– O Nick? *Matar* alguém? Ah, você não acreditou nisso, acreditou? O Nick não faria mal a uma mosca! Ele é tão gentil e bondoso quanto o meu Bernie.

– Bem...

– Escuta, Rosalie. – O rosto enrugado dela volta a ficar sério. – Bem poucas pessoas têm esse dom de verdade. Mas eu tenho. Me deixa ler o seu futuro.

Aceito. Só para ela calar a boca.

Greta primeiro apaga as luzes e, quando o quarto fica escuro, senta-se novamente na cama ao meu lado e segura minhas mãos entre as dela, frias e enrugadas. Ela fecha os olhos, e consigo sentir uma leve pressão nos dedos.

– Você não usa cartas de tarô? – pergunto.

Ela zomba.

– Isso é para charlatões. Não preciso delas.

Fico ali sentada na cadeira de rodas, sentindo as mãos geladas nas minhas. A pressão se intensifica, e as pálpebras dela tremulam. Se Nick estivesse aqui, daria risada dessa cena. Ele não acredita em nada disso. Nem eu. Não de verdade.

Mas fico imaginando o que será que ela está vendo.

– Seu futuro é brilhante, Rosalie – diz.

Eu a encaro.

– Quê?

– Vejo felicidade – diz ela. – Vejo uma grande alegria chegando à sua vida. Uma alegria que você nunca sentiu antes. Para você e para o Nick.

– Sério? – pergunto, sem entusiasmo.

– Vejo um futuro feliz para você e o Nick. Juntos. É o seu destino.

Estava mais disposta a acreditar que Nick era um assassino. Não há um futuro feliz para mim e Nick. Tudo é diferente entre nós agora. Eu me apaixonei por Nick porque sentia que podia contar tudo para ele. Mas agora é como se fôssemos dois estranhos, mesmo que ele esteja constantemente me ajudando com as coisas mais íntimas. Ele não olha para mim como antes. E quem pode julgá-lo?

Não, Nick e eu não vamos ter um final feliz.

– Aham – digo. – Claro.

Ela aperta minha mão. Para uma mulher idosa, ela é forte.

– Eu perdi meu Bernie... Foi a maior tragédia da minha vida. Não deixe o Nick escapar de você. Não perca o que você tem com ele. Você deve proteger seu casamento a todo custo.

Balanço a cabeça.

– Eu...

– Promete pra mim, Rosalie. Promete que não vai deixá-lo ir embora. Proteja o seu casamento *a todo custo*.

Ela aperta minha mão com tanta força que chega a doer. Tento me soltar, mas ela é muito forte. Ou eu sou muito fraca.

– Eu... eu prometo.

Ela me lança um olhar severo, depois solta minha mão. As marcas de seus dedos ficam na minha pele, escurecendo e se transformando em hematomas. Greta me fez jurar que eu não o deixaria ir, mas não sei o que ela quis dizer. Se Nick quiser ir embora, não há nada que eu possa fazer para impedi-lo.

VINTE E NOVE

Dois anos atrás

Nick está assobiando no chuveiro.

Vou considerar isso um bom sinal. Ele só assobia no chuveiro quando está de bom humor. Como quando eu estava grávida. Ou todos os dias da nossa lua de mel. Ele sempre assobiava no chuveiro depois de transarmos.

Bem, definitivamente não é por *isso* que ele está assobiando. Antes de eu ficar doente, fazíamos amor todos os dias, às vezes mais de uma vez. Não nos cansávamos um do outro. Mas, nos anos após o diagnóstico, isso se tornou menos frequente. Uma vez por semana. Depois, uma vez por mês. Ultimamente, toda vez que ele tenta me abraçar, eu me encolho e o afasto. Ele parou de tentar. Já faz...

Nem sei ao certo quanto tempo. Muito.

Nick sai do banheiro com a toalha enrolada na cintura. Ele sorri para mim.

– Bom dia, Rosie.

– Bom dia – murmuro.

Ele fica tão sexy só de toalha. O tempo fez bem a ele. O problema sou eu. Pensar em estar com *alguém* (ainda que seja meu marido sexy e carinhoso) me deixa enjoada.

Observo enquanto ele se veste. Ainda está assobiando. Eu me contorço debaixo do cobertor, me sentindo suada e pegajosa.

– Pronta pra se levantar? – pergunta ele.

Assinto.

Enquanto ele me ajuda a passar da cama para a cadeira de rodas, sinto o cheiro de loção pós-barba. Nick raramente usa loção pós-barba. Por que ele de repente está tão preocupado em cheirar bem?

No início, fiquei contente com o assobio. Mas agora estou bastante inquieta. Por que meu marido está tão feliz de repente? Por que está de tão bom humor? E por que demora um segundo a mais diante do espelho do banheiro antes de ir para o hotel?

Felizmente, da janela do meu quarto tenho uma excelente vista do hotel.

Não demora muito para que eu tenha a resposta para minha pergunta. Mais tarde pela manhã, vejo Nick do lado de fora, conversando com uma loira curvilínea que é vários anos mais nova do que eu. Já a vi antes, pela janela, talvez ontem ou anteontem. O fato é que faz vários dias que ela está hospedada no hotel. E agora está conversando com meu marido.

Abro a janela com força, tentando ouvir a conversa deles. Mas os dois estão muito longe, portanto só consigo ouvir alguns trechos. Ouço Nick chamá-la de Christina. Ela o chama de Nicky e, em seguida, estende a mão e ajeita a gola torta da camisa dele. Ele sorri para ela.

Conheço esse olhar.

Depois, eles entram juntos no hotel. Meu coração acelera quando desaparecem de vista. Apesar do que vi, é difícil acreditar que Nick esteja me traindo. Ele não é assim. É uma boa pessoa. Ele não me trairia. Não é possível.

Pego o celular e seleciono o número dele nos favoritos. Depois de chamar algumas vezes, ele atende.

– Rosie? Tá tudo bem?

Nunca ligo para ele. Não me surpreende que ele ache que algo terrível aconteceu.

– Sim, eu só... – Eu me esforço para pensar em um motivo plausível que justifique ter ligado do nada. – Eu estava pensando se... é... se você volta pra almoçar hoje.

– Não sei, Rosie. – Ele parece distraído. – Mas não se preocupa. Deixei um sanduíche na cômoda pra você. Está vendo?

Olho para o outro lado do cômodo e vejo o sanduíche de peru que ele preparou para mim. Até cortou ao meio.

– Sim. Obrigada. Eu só pensei...

Há vozes ao fundo. Nick está conversando com alguém, mas a voz dele está abafada, como se estivesse cobrindo o telefone. Quando volta, ainda parece distraído.

– Escuta, Rosie. Preciso desligar. Te vejo mais tarde.
Antes que eu consiga dizer mais alguma coisa, ele desliga na minha cara.

• • •

– Rosalie, você está a quilômetros de distância.

Aturdida, eu me concentro em Greta, que está sentada na cama, com um prato no colo. Ela trouxe um prato de comida para mim também. Greta é uma cozinheira espetacular, talvez até melhor do que eu. E sem dúvida melhor do que Nick, cujo repertório inclui basicamente sanduíches, massas e ovos cozidos demais. Mas não importa o que me tragam, não consigo comer mais do que um quarto da porção, se tanto. Não tenho mais apetite.

– Desculpa. – Reviro o goulash no prato. Dei umas três garfadas. – Eu... acho que não estou com muita fome hoje.

– Algum problema?

– Não. – Bebo um gole d'água, pensando em Nick e na loira belíssima. – Mas... é... tem mais alguém hospedado no hotel agora?

Greta assente.

– Tem. Acho que tem. Ela chegou há alguns dias.

Quero soltar a pergunta que está na minha cabeça. *Você acha que o Nick está me traindo com essa mulher?* Mas não consigo pronunciar as palavras.

– O Nick tem ido muito ao quarto dela? – pergunto, por fim.

Greta parece surpresa com a minha pergunta. Ela adora Nick e sempre pensa o melhor dele. Está convencida de que ele é o meu príncipe encantado e de que nós dois vamos viver felizes para sempre. Ela acha que todos os homens são como o Bernie.

– Na verdade, não – responde ela, por fim.

– Ah.

No entanto, a resposta dela não faz com que eu me sinta muito melhor. Afinal, o que ela sabe? Se ao menos pudesse ver o interior do quarto... Assim poderia ter certeza de que nada está acontecendo.

– Greta, você tem um binóculo?

Ela me olha sem entender.

– Um binóculo?

– No seu quarto.

Ela inclina a cabeça.

– Acho que sim. Tenho um no meu baú. É antigo, mas binóculos não têm

prazo de validade.

– Poderia me emprestar?

– Te emprestar?

– É, eu... – Forço um sorriso, mas meus lábios parecem rígidos demais, como borracha. – Estava pensando em observar pássaros. Ajudaria a passar o tempo.

Greta pode ser uma velha romântica, mas não é burra. Ela olha para a janela atrás de mim. Seu rosto fica triste.

– Ah, Rosalie...

– Por favor, Greta. – Coloco o prato praticamente intocado em cima da cômoda. – Sei o que você tá pensando, mas não é bem assim. Isso me faria me sentir melhor em relação a tudo.

– Você precisa confiar no seu marido, Rosalie.

– Mas...

– Confia no Nick. Ele é um homem bom.

– Olha, eu só... – Respiro fundo. – Eu fico presa aqui o dia inteiro, olhando pela janela. Me sentiria melhor se pudesse ver o que está acontecendo no hotel. Entende?

– Isso é um erro.

Fecho a mão direita.

– Não me importo.

Ficamos as duas em silêncio por um momento. Greta revira o goulash com o garfo. Parece que também perdeu o apetite. Todos nós (eu, Nick e Greta) perdemos peso nos últimos dois anos. Parece que tenho esse efeito nas pessoas.

– Posso pegar emprestado ou não? – digo, por fim.

Greta solta um longo suspiro.

– Vou procurar no meu baú. Ver se consigo encontrar.

No fim da tarde, Greta me traz um binóculo velho e empoeirado. Guardo no fundo de uma gaveta, onde é improvável que Nick encontre. Sinto uma onda de alívio ao segurá-lo. Não achei que Greta realmente fosse me ajudar.

Mas ela estava coberta de razão. Este binóculo é um grande erro.

TRINTA

O sol já se pôs, e Nick ainda não voltou.

Minhas costas estão doendo de passar o dia inteiro sentada na cadeira. Às vezes, gostaria de não ter sido tão teimosa em relação à fisioterapia. Quero voltar para a cama sozinha, mas, toda vez que tento, tenho a impressão de que vou cair. Por isso, sempre deixo que Nick me ajude.

Passei a maior parte da tarde vendo televisão, mas depois enjoiei e fui para a janela. Agora estou observando a lua, que está cheia esta noite: um círculo perfeito, marcado apenas por manchas escuras que lembram o rosto de um homem. Há algo reconfortante em olhar para esse ponto branco brilhante no céu.

Então um movimento em uma das janelas do hotel chama minha atenção. É o quarto da tal mulher. Christina.

Embora não devesse fazer isto, pego o binóculo na gaveta da cômoda em que o escondi. Olho pelas lentes e finalmente consigo ver bem a mulher, Christina.

Ela é linda. No meu auge, teria como competir com ela, mas não hoje em dia. Nem de longe. Ela tem longos cabelos loiros que brilham ao luar e seios que esticam o tecido da camiseta. Sinto uma pontada de ciúme, mas tento afastá-la. Confio em Nick. Ele me ama.

Não consigo desviar os olhos da janela. Vejo Christina pegar uma escova e pentear o cabelo loiro sedoso. Minha mão toca instintivamente meu cabelo, que se tornou quebradiço ao longo dos últimos anos. Ela sorri para o próprio reflexo: gosta do que vê.

Ver a mulher se arrumar me faz sentir saudade de ser bonita. Talvez Nick

tenha razão. Talvez eu fosse me sentir melhor se saísse da cama com mais frequência. Se passasse um pente no cabelo. Colocasse um vestido... ou pelo menos algo que não fosse calça de moletom ou camisola.

Algo chama a atenção de Christina. Ela ergue o olhar e vai até a porta. Abre e...

É Nick.

O que meu marido está fazendo no quarto dessa mulher?

Eu os observo através do binóculo, o coração acelerado. Estão apenas conversando. Não há nada de errado em conversar, não é mesmo? Tipo, eles estão bem perto um do outro. E agora ela colocou a mão no ombro dele. Mas tudo bem. Estão apenas conversando, pelo amor de Deus. Nick não é infiel. Ele é um homem bom.

Observo a expressão dele através das lentes. Ele sorri para ela. Parece feliz de uma maneira que eu não vejo há muito tempo.

Então ele se inclina para a frente e dá um beijo nela.

Um buraco se abre no meu peito quando vejo meu marido beijar outra mulher. E não estão apenas se beijando. Estão *se pegando*. E não é a primeira vez. Dá para perceber.

Deixo o binóculo cair no colo, como se estivesse pegando fogo.

Respiro fundo, as mãos tremendo. Desgraçado. Desgraçado dos *infernos*. Ele vai se arrepender.

Procuro o binóculo novamente. Olho pela janela de Christina, mas eles não estão mais lá. Ao menos, estão fora do meu campo de visão. O que significa que provavelmente estão na cama.

Eu vou matar Nick.

Uma hora depois, ouço a chave na fechadura da porta de casa. Uma *hora*. Ele está assobiando novamente, e os passos ficam mais altos conforme sobe a escada. Uma veia pulsa na minha têmpora.

– Oi, Rosie – diz Nick, ao entrar no quarto. – O que você me conta?

Quero dar um soco na cara dele. *O que você me conta?* Ele sabe muito bem “o que eu conto”. Sabe que a única coisa que fiz foi passar o dia todo aqui sentada, então por que me perguntaria isso? Era ele que estava do outro lado da rua *transando com outra mulher*.

– Sai – digo.

Ele fica paralisado.

– Quê?

– É isso aí. – Olho bem nos olhos dele. – Acabou. Quero você fora daqui.

– Rosie... – Os olhos dele percorrem o cômodo. – O que houve? Por que você tá tão chateada?

– Tá falando sério? – grito. – Você vai mesmo fingir que não tá transando com uma hóspede do hotel?

Ele fica boquiaberto e toda a cor desaparece de seu rosto.

– Você...

– Eu vi você pela janela, seu babaca. – Cruzo os braços. – Sai. Não quero te ver nunca mais. Vai passar a noite com a sua *namorada*.

Ao menos ele não nega.

– Eu não transei com ela. A gente só se beijou. Só isso.

– Ah, *só isso*?

– Olha – diz ele –, eu e você não temos... Tipo, faz *um ano* que...

– Você tá coberto de razão. Nosso casamento acabou. E agora você tá livre. Parabéns.

– Rosie...

– Eu disse pra você *sair*, Nick.

Não sei o que esperava que Nick fizesse, mas não era ver seus olhos se encherem de lágrimas. Nunca o vi chorar antes. Mesmo quando perdemos o bebê, ele conseguiu se controlar, embora eu o tenha visto com os olhos vermelhos algumas vezes. Mas agora fico achando que talvez ele não aguento mais.

– Rosie. – Ele se senta ao meu lado na cama e passa a mão trêmula pelo cabelo. – Por favor, não faz isso. Eu te *amo*. Cometi um erro imenso. Não faz isso.

– Sinto muito. Minha decisão está tomada.

– Mas... – Ele olha para minhas pernas apoiadas no apoio para os pés da cadeira de rodas. – O que você vai fazer?

– Vou dar um jeito. Não sou mais problema seu.

Tenho um plano bastante específico para o que vou fazer depois que Nick for embora. Tenho vários remédios no armário do banheiro. Mal consigo ficar em pé direito para alcançá-los. Meu plano é tomar todos eles.

Vai ser um alívio quando isso acontecer.

– Por favor, não faz isso. – Nick segura minha mão, e não o afasto. – Rosie, eu te amo. Me desculpa. *Por favor*. Me dá outra chance.

Olho bem em seus olhos castanhos. Tudo que vejo é amor. Ele não parece querer ficar por pena de mim ou por obrigação. Quer ficar comigo. Mesmo depois de tudo que o fiz passar, ele ainda quer ficar comigo.

Mas não consigo parar de ver seus braços ao redor daquela mulher. A maneira como ele a beijou... Definitivamente não estava pensando em mim naquele momento.

– Sinto muito, mas não consigo te perdoar.

– Por favor, Rosie. – Ele aperta minha mão. – Você precisa me dar mais uma chance. Por favor, deixa eu consertar essa situação. Eu consigo. Prometo.

– Nick...

– Eu te amo. – Uma única lágrima se forma no canto do olho direito dele, mas ele a enxuga antes que caia. – Prometo que vou consertar isso.

– Sai daqui.

Ele respira fundo.

– Tá bem. Eu vou. Mas eu volto.

Tanto faz. Logo vou estar morta mesmo.

Ele olha para a nossa cama, onde dormimos lado a lado no último ano sem sequer nos tocarmos.

– Você precisa de ajuda pra...?

– Não. Eu dou meu jeito.

Ele parece duvidar, mas se levanta (algo que não consigo mais fazer sem ajuda). Lança um último olhar para mim e sai do quarto, fechando a porta suavemente atrás de si.

Será que foi isso que a vidente previu naquele parque, tantos anos atrás? Ele efetivamente me matou, mesmo sem saber.

Penso em colocar meu plano em ação neste momento mesmo. Estou tão cansada de tudo... Seria ótimo simplesmente acabar com isso. Em compensação, Nick pode voltar e acabar me salvando. E, se ele descobrir o que eu estava tentando fazer, vai me internar em uma ala psiquiátrica. Como se alguém na minha situação precisasse estar louco para querer se matar.

A verdade é que estou cansada demais para ir em frente. Estou literalmente *cansada demais* para me matar.

Em vez disso, tento subir na cama. Já fiz isso algumas vezes, mas geralmente com Nick por perto. A Dra. Heller tentou me convencer de que é algo que eu deveria ser capaz de fazer sozinha, mas não consegui me motivar a fazer fisioterapia e aprender. Agora estou pagando o preço. Coloco um braço na cama, me apoiando. Seguro no apoio de braço da cadeira de rodas, me preparando para me deslocar.

Não deveria ficar surpresa de cair. Ainda assim, fico.

Caio no chão, na frente da cadeira. O impacto provoca uma dor violenta no

lado direito do quadril e a cadeira de rodas vira. Além disso, fico sem ar. Por um instante fico ali no chão, atordoada.

Agora preciso decidir o que fazer. Estou caída no chão do quarto, incapaz de voltar para a cadeira ou para a cama. Não tenho ideia do que fazer. Rastejar até o celular? Ligar para a emergência?

Gostaria de não ter sido tão preguiçosa e ter tomado os comprimidos, como tinha planejado.

Abaixo a cabeça até o chão e choro. Odeio o que minha vida se tornou. Eu tinha tudo. Um marido amoroso, fiel e sexy. O emprego dos meus sonhos. Um bebê a caminho. Então, em três curtos anos, perdi tudo.

Queria que o chão me engolisse.

Estou chorando há vários segundos quando ouço uma batida suave na porta. A princípio, acho que estou ouvindo coisas. Então ouço uma voz:

– Rosie?

É Nick.

Quero dizer para ele ir embora, porém, mais do que isso, quero sair do chão.

– Sim. Entra.

Ele abre a porta e me vê caída, com os olhos vermelhos e o rosto molhado.

– Rosie – murmura ele.

As lágrimas escorrem pelo meu rosto.

– Nick...

Ele se abaixa ao meu lado e, com muita delicadeza, me levanta do chão. Então me deita na cama e depois se deita ao meu lado. Afasta uma mecha de cabelo molhada do meu rosto enquanto olha nos meus olhos. E então, muito devagar e delicadamente, aproxima os lábios dos meus.

Fazemos amor pela primeira vez em quase um ano. Adormeço enrolada nos braços de Nick.

TRINTA E UM

Acordo de madrugada, e Nick não está na cama.

Esfrego os olhos até conseguir enxergar o relógio ao lado. Passa das três da manhã. Presto atenção para ver se escuto barulho de água corrente no banheiro, mas não ouço nada. A casa está em silêncio.

– Nick? – chamo.

Nenhuma resposta.

Meu estômago revira. Achei que Nick e eu tivéssemos nos reconectado ontem à noite, mas talvez estivesse errada. Talvez ele tenha se decepcionado e percebido que desejava mais a outra mulher. Talvez esteja lá agora. Com *ela*.

Antes que consiga me conter, tateio a gaveta ao lado da cama, tentando encontrar o binóculo. Meus dedos se fecham ao redor do metal frio, e eu o pego. Estou perto o suficiente da janela para ter uma boa visão do hotel. Do quarto de Christina.

Foco o binóculo no quarto onde vi Nick beijando a mulher mais cedo. Mas, mesmo com ele, não consigo enxergar nada. O quarto está escuro.

Droga.

Eu me sento na cama, me apoiando nos travesseiros, tentando enxergar melhor. E é então que vejo um movimento nos fundos do hotel. Perto da lixeira.

É Nick.

O que ele está fazendo ali?

Foco o melhor que posso em seu rosto. Ele não está sorrindo. Atira um saco de lixo preto na lixeira, depois enxuga o suor da testa com as costas da mão. Dá um passo atrás, olhando para a lixeira. Limpa as mãos na calça jeans e volta para

casa.

O que ele está fazendo lá fora às três da manhã?

Quando Nick desaparece de vista, abro a gaveta e jogo o binóculo ali dentro antes que ele possa ver. Meu coração bate acelerado conforme os passos ficam mais altos na escada. Alguns segundos depois, a silhueta de Nick surge na porta.

A primeira coisa que ele faz é ir ao banheiro. Passa pelo menos dois minutos lavando as mãos. Existe uma regra de higiene que diz que se deve lavar as mãos pelo tempo que dura um “Parabéns pra você”, mas ele lava por muito mais tempo do que isso. Finalmente sai do banheiro, tira a calça jeans e a camiseta e se deita em silêncio ao meu lado, tentando não me acordar.

Pena que já estou completamente acordada.

– Nick? – sussurro.

Ouçoo inspirar fundo ao meu lado.

– Ah. Não percebi que você estava acordada.

Fico esperando que ele explique por onde andou. Quando não diz nada, pergunto:

– Aonde você foi?

– Eu só... – Ele se mexe no colchão ao meu lado. – Precisava de um pouco de ar fresco.

Ele mentiu para mim. Não estava apenas tomando um pouco de ar fresco. Estava fazendo alguma coisa perto do hotel.

Mas por que ele mentiria?

Nick se inclina e passa o braço ao meu redor. Puxa meu corpo para perto do dele.

– Desculpa por ter te acordado. Volta a dormir.

Fecho os olhos, mas demoro muito para pegar no sono.

• • •

Quando Nick me ajuda a sentar na cadeira de rodas na manhã seguinte, ouço um barulho vindo de fora da janela. Quase pego o binóculo, mas não posso fazer isso com Nick aqui. Além do mais, não preciso do binóculo para ver o que é. Há um caminhão de lixo bem do lado de fora da janela.

Fico com os olhos fixos no caminhão. Ele contorna a lateral do hotel. Observo enquanto o conteúdo da lixeira é despejado dentro do veículo. Daqui a algumas horas, tudo que está na lixeira vai para o aterro local.

– Esqueci que hoje é dia da coleta de lixo – digo.

Nick ergue as sobrancelhas.

– Sim, é sempre às segundas. Acho que já faz um tempo desde que você... Enfim, é isso. O caminhão vem sempre bem cedo toda segunda de manhã.

E o que quer que ele tenha colocado naquela lixeira às três da manhã já era a esta altura. Ele pensou nisso.

Em vez do beijo habitual na testa antes de sair, Nick se inclina para me dar um beijo ardente na boca. Apesar de tudo, sinto atração por ele. Talvez não esteja totalmente morta por dentro. Ironicamente, talvez o fato de ele ter beijado outra mulher tenha dado um impulso no nosso casamento. Talvez precisássemos disso.

Mesmo assim, vou ficar de olho no quarto de Christina hoje.

– Talvez a gente possa jantar juntos hoje – sugere ele.

Dou um sorriso.

– Mas você é um péssimo cozinheiro.

– Ei! – Ele coloca a mão no peito, fingindo estar ofendido. – Bem, eu posso pedir à Greta que prepare alguma coisa pra gente. Sei que você adora a comida dela. – Ele faz uma pausa. – Ou poderíamos sair para comer em algum lugar.

Pensar em me aventurar no mundo real me dá a sensação de ter a mão de alguém apertando meu peito. Os únicos lugares aonde vou agora são consultórios médicos.

– Vamos pedir à Greta.

Ao menos, Nick não me pressiona.

– Tudo bem.

Ele me beija mais uma vez e depois sai. Observo quando ele atravessa o trajeto da nossa casa até a frente do hotel. Espero Nick entrar antes de pegar o binóculo. Foco no quarto de Christina. Reconheço que há uma chance de ele subir até lá para dizer a ela que está tudo acabado entre os dois. Ele sabe que posso ver o quarto daqui, mesmo sem saber do binóculo. Então tenho certeza de que vai tomar cuidado.

Mas, quando foco no quarto, ainda está escuro.

Olho para o relógio. Nick normalmente só vai para o hotel mais tarde, e já são quase dez horas. Com certeza ela já deve estar acordada, certo? A menos que tenha feito o check-out. Ou saído para algum lugar.

Mas não. O carro dela ainda está no estacionamento. Não há nenhum lugar para onde ela possa ter ido a pé. Christina ainda está no hotel.

Então por que o quarto dela está escuro?

Passa um pouco das sete horas quando vejo Nick saindo do hotel com uma grande vasilha plástica com o ensopado de Greta.

Passei o dia inteiro de olho no quarto de Christina. Não vi as luzes se acenderem nenhuma vez. Não houve nenhum movimento dentro do quarto. Pelo que posso ver, não há ninguém ali.

No entanto, o carro dela ainda está no estacionamento.

Escondo o binóculo mais uma vez quando ouço a porta da frente bater, seguida do som dos passos de Nick na escada. Sinto um leve buraco no estômago. Senti muitas coisas pelo meu marido durante o tempo em que estivemos juntos, mas essa sensação de medo é nova.

A porta do quarto está levemente emperrada, e ele leva alguns segundos para abri-la. Irrompe no quarto com um sorriso largo. Ostenta orgulhosamente a vasilha com dois pratos em cima.

– O jantar chegou! – anuncia ele.

Tento retribuir o sorriso.

– Ah. Que ótimo.

– Quer comer aqui em cima? – Ele coloca a vasilha na cômoda. – Ou podemos descer e comer na sala de jantar. Faz muito tempo que não fazemos isso. Eu posso te carregar no colo e...

– Você pediu pra Christina ir embora? – interrompo.

É a única coisa em que consigo pensar.

– Desculpa. – Manchas vermelhas surgem em seu pescoço. – Não, não pedi. Até tentei falar com ela, mas todas as vezes que bati na porta, ela não atendeu.

– Entendi... – Puxo a manga da camisa. – E ela ainda está no hotel?

– Bem, sim. Quer dizer, o carro dela ainda está lá.

– Tá...

Ele passa a mão pelo cabelo.

– Eu não estive com ela hoje. Juro pra você. Pretendo ficar diante dela apenas mais uma vez, para pedir que vá embora. Só isso.

Quero acreditar nele. Mas onde ela está?

E o que ele estava fazendo às três da manhã?

Ele se acomoda na cama, perto de mim. Pega minha mão, e deixo que a aperte entre as dele.

– Você acredita em mim, né, Rosie?

O que posso responder além de sim?

TRINTA E DOIS

Na manhã seguinte, estou na minha eterna posição privilegiada junto à janela quando as viaturas da polícia chegam ao estacionamento do hotel. Não é uma viatura só. São *viaturas*. No plural. E não é só isso: há também uma ambulância.

Sinto um medo crescer no estômago. Será que foi Greta? Ela é bem velha. Talvez tenha caído e fraturado o quadril. Mas por que haveria carros da polícia?

Pego o binóculo na gaveta da cômoda e olho para o estacionamento, embora não precise dele. Os policiais estão saindo das viaturas e indo diretamente para a entrada do hotel. Não estão aqui para reservar um quarto, isso é certo.

Pego o celular e ligo para Nick. Naturalmente, cai direto na caixa postal. Acontece a mesma coisa com a segunda ligação. Depois de várias tentativas, ele finalmente atende.

– Não posso falar agora, Rosie. – Ele fala baixo, em um tom sério. – A polícia está aqui.

– Por quê? O que tá acontecendo?

O silêncio do outro lado da linha parece durar uma eternidade até ele enfim responder:

– A Christina está morta.

– Morta? Do que você tá falando?

Há vozes abafadas ao fundo.

– Tenho que ir. Falo com você mais tarde.

Ele desliga na minha cara.

Tento ligar para ele outra vez. E mais uma. Mas ele deve ter desligado o celular, porque todas as chamadas vão direto para a caixa postal. Pego o binóculo

novamente e olho para o quarto de Christina. Os policiais estão lá agora, assim como Nick. Estão conversando. Aparentemente, ele não está sendo algemado nem nada (o que é um bom sinal).

Mas o que aconteceu com Christina? Se ela está morta, quais são as chances de ter sido por causas naturais? Ela devia ter uns 20 e poucos anos. As pessoas não morrem do nada nessa idade.

Passo a manhã inteira acompanhando, verificando o celular de vez em quando para ver se há alguma notícia sobre ela, mas não sei nem seu sobrenome. Até que vejo uma maca, com um lençol cobrindo o corpo.

Então é verdade. Christina está morta.

A mulher que meu marido beijou duas noites atrás está morta.

Neste momento, há um policial conversando com Nick do lado de fora do hotel. Guardo o binóculo na gaveta e abro a janela, mas não consigo ouvir o que estão dizendo. Então Nick aponta para nossa casa. O policial assente, e agora os dois estão caminhando em direção à porta da frente.

Passo os dedos pelo cabelo, tentando me preparar para me encontrar com esse desconhecido. Estou vestindo uma camiseta e calça de moletom, que é o que uso na maioria dos dias. Pelo menos minhas roupas estão limpas. E tomei banho ontem de manhã, embora meu cabelo esteja oleoso e sem vida.

Um minuto depois, alguém bate à porta do quarto.

– Sim? – Minha voz falha. – Pode entrar.

A porta se abre, e ali estão eles: meu marido e o policial. O policial tem mais ou menos a altura de Nick, cabelo escuro e olhos escuros imponentes. É assustador.

– Esta é minha esposa, Rosalie – diz Nick.

Os olhos do policial me examinam. Ele olha para Nick.

– *Essa* é a sua esposa?

Nick o encara.

– Sim. Foi o que acabei de dizer.

Não posso culpar o policial por sua surpresa. Houve um tempo em que fui bonita, mas não mais. Nem de longe. Hoje em dia, evito me olhar no espelho, porque, quando faço isso, uma desconhecida me encara de volta. Tenho olheiras e bochechas permanentemente encovadas, o que me faz parecer dez anos mais velha. Meu cabelo, antes espesso e castanho-escuro, perdeu todo o brilho. Nick é um cara bonito, e o policial provavelmente está imaginando o que ele está fazendo preso aqui comigo.

Provavelmente é um pouco suspeito também.

– Sra. Baxter – diz o policial –, sou o detetive Esposito. Não sei o que a senhora está sabendo sobre o que aconteceu...

Mordo o lábio.

– O Nick me disse que uma hóspede... morreu?

– Na verdade, parece que ela foi assassinada – diz Esposito.

Meu estômago se revira: meu medo se confirmou.

– Ela foi esfaqueada no peito – explica ele.

Olho para Nick, que está encarando os tênis, o rosto pálido.

– Gostaria de fazer algumas perguntas, Sra. Baxter – diz Esposito.

– Claro – respondo.

Quando Nick não se mexe, o detetive lança um olhar para ele.

– Sr. Baxter, poderia sair para que eu possa conversar com a sua esposa?

Nick parece prestes a vomitar. Ele assente.

– Claro. Rosie, se precisar de alguma coisa...

– Ela vai ficar bem – responde Esposito, bruscamente. – Nós só vamos conversar.

Meu cérebro está a mil por hora no momento em que meu marido se retira e fecha a porta, me deixando sozinha com o detetive assustador.

Ergo a cabeça e olho para ele.

– Como vai, Sra. Baxter? – pergunta ele.

– Bem – respondo, com a voz trêmula.

– Tenho apenas algumas perguntas para lhe fazer a respeito do hotel. É o seu marido quem administra o local?

– Sim. Não tenho conseguido fazer isso ultimamente. Eu... não consigo mais me locomover com tanta facilidade.

– Ele me disse que a senhora tem esclerose múltipla e não consegue andar. Isso é verdade?

Estremeço com a forma dura como ele formulou a frase.

– Sim.

– Quando foi a última vez que a senhora esteve dentro do hotel?

– Já faz... algum tempo.

– Dias? Semanas? Meses?

– No mínimo, um ano – admito.

Ele olha para trás do meu ombro, pela janela.

– Tem uma boa vista do hotel daqui?

– Sim. Acho que sim.

– A senhora viu alguma coisa suspeita nos últimos dois dias? – Ele tamborila

os dedos na parte de cima da cômoda. – Algum desconhecido suspeito entrando ou saindo do hotel?

– Não.

– Nada suspeito?

Fecho os olhos por um instante e vejo meu marido jogando algo no lixo durante a madrugada. Abro os olhos novamente e encaro o detetive.

– Nada de que eu me lembre.

Ele inclina a cabeça de lado.

– A senhora conheceu Christina Marsh?

Christina Marsh. É esse o nome dela. Balanço a cabeça, negando.

– A senhora sabe se o seu marido era próximo dela?

Meu coração está tão acelerado que fico tonta.

– Eu... não sei. Acho que não.

As sobrançelas pretas do detetive Esposito se unem.

– Qual é a sua relação com o seu marido?

– Minha relação com o meu marido? Como assim? Ele é meu marido.

– Há quanto tempo estão casados?

– Sete anos.

– E ele... cuida da senhora?

Semicerro os olhos.

– Sim. Quer dizer, mais ou menos.

– Ele me disse que ajuda a senhora a se vestir, tomar banho, subir e descer da cama. Também prepara suas refeições. É isso mesmo?

Imagino a conversa que Nick deve ter tido com o detetive e me sinto mal.

– Sim... Mais ou menos...

– Então, na verdade, ele é mais seu cuidador do que qualquer outra coisa...

Ergo os olhos bruscamente.

– O que o senhor está querendo dizer?

– Sra. Baxter, estou apenas tentando criar uma imagem precisa do seu casamento.

Odeio o que ele está insinuando. Pior ainda, odeio que esteja certo. Mesmo que Nick e eu tenhamos nos reconectado por uma noite, as coisas ainda não são como eram. Nem um pouco. Nunca mais vão ser.

– Sra. Baxter – diz ele –, preciso fazer esta pergunta e espero que a senhora me diga a verdade.

Meu peito aperta.

– Tudo bem...

- O seu marido estava tendo um caso com Christina Marsh?
- Não – respondo, mas a mentira entala na garganta.
- A senhora tem certeza absoluta?
- Tenho.

Tento me ajeitar na cadeira de rodas, mas isso provoca um espasmo na perna direita. Eu a seguro com as mãos, tentando acalmar o membro agitado. Por conta das lesões na medula, minhas pernas às vezes fazem o que querem e não consigo controlá-las. Levo quase um minuto para reajustar minha perna até que ela pare de tremer. Quando ergo o rosto novamente, vejo pena nos olhos do detetive.

- A senhora está bem?

Engulo em seco.

- Sim. Estou bem. Acho que respondi a todas as perguntas.

Ele hesita, mas por fim assente.

- Vou descer e conversar com o seu marido outra vez.

Depois que o detetive Esposito sai do quarto, observo-o mais uma vez pela janela, conversando com Nick. Mesmo daqui, Nick está visivelmente incomodado. Fico esperando que a qualquer momento o detetive algeme meu marido. Mas ele não faz isso.

As viaturas passam um bom tempo ali, mas, por fim, vão todas embora. Só perto da uma da tarde Nick bate na porta do quarto com um prato de comida na mão. Meu almoço. Ele traz todos os dias.

- Como você tá? – pergunta ele.

- Já estive melhor. E *você*, como tá?

– Já estive melhor. – Ele se senta na cama e coloca o prato ao lado. – Rosie, você não acha que eu...?

Eu não ia dizer nada. Planejava manter silêncio até o dia da nossa morte, mas não consigo. Tenho que contar a ele.

- Eu vi você.

- Você...

– Eu vi você na lixeira – digo. – De madrugada, duas noites atrás. Às três da manhã. O que você estava fazendo lá?

O pânico se espalha por seu belo rosto.

- Estava jogando o lixo fora.

- Às três da manhã? Você acha que eu sou burra?

– É *verdade*. – Suas mãos tremem quando ele puxa a barra da camiseta. – Olha, eu me distraí com, você sabe, o que aconteceu com a Christina, e esqueci de tirar o lixo. O caminhão chega de manhã cedo, e fiquei com medo de perder a

coleta se não colocasse o lixo pra fora.

Ele está olhando nos meus olhos ao dizer isso. Será possível que esteja dizendo a verdade? Que estava acordado às três da manhã simplesmente *colocando o lixo para fora*?

– Mas por que você me disse que estava tomando um ar? Você *mentiu*.

– Eu sei. – Ele aperta os joelhos. – Eu menti pra você. Mas não queria te lembrar do que tinha feito... Por que tinha me distraído a ponto de esquecer de botar o lixo pra fora... Pareceu mais fácil assim.

Não sei o que dizer. Devo acreditar nele?

Ele balança a cabeça.

– O que você acha que eu estava jogando fora?

– Sei lá. As roupas ensanguentadas que você estava vestindo.

Ouço-o inspirar profundamente.

– Rosie...

– Você perguntou.

– Eu *não* matei ela. – A voz dele soa abafada. – Juro pra você. Jamais faria algo assim. A polícia acha que fui eu, mas... – Ele esconde o rosto nas mãos. – Meu Deus, que droga.

– Nick...

Ele ergue o rosto para me olhar.

– Por favor, fala que acredita em mim. Diz pra mim que você não acha que fui eu.

Naquela noite, eu o confrontei sobre ela, e Nick prometeu que iria resolver as coisas. Ele jurou. Naquela madrugada, Nick estava rondando o hotel às três da manhã. E, na manhã seguinte, a tal mulher estava morta. Esfaqueada. E Nick era a única pessoa que tinha a chave do quarto dela.

– Eu acredito em você – minto.

A vidente do parque estava certa. Meu marido é um assassino. E tudo por minha causa.

TRINTA E TRÊS

Um dia atrás

Mesmo com a neve e a escuridão, dá para ver como ela é bonita.

O cabelo é loiro, como o de Christina Marsh. Ela caminha pela chuva congelante do carro até a porta do hotel, levando a mala. Observo da janela do quarto, torcendo para que se vire. Mas ela não faz isso. Empurra a porta e entra.

Provavelmente não conhece a história sórdida do hotel. Temos uma reputação e tanto. Chamavam a gente de Hotel da Morte.

Já se passaram dois anos desde que Christina Marsh foi encontrada morta no quarto 201. Por algumas semanas, tive certeza de que Nick sairia daqui algemado, mas, no fim das contas, nunca o prenderam. Ainda bem, porque já estávamos sem dinheiro e nunca teríamos condições de pagar um advogado decente. Mas o consenso na internet era de que ele a havia assassinado.

Até minha família achava isso. Minha mãe me ligou uma semana depois que tudo aconteceu.

– Volta pra casa, Rosalie. Você não pode ficar com esse homem.

Ela sempre me chama de Rosalie. Todos me chamam de Rosalie. Nick é o único que me chama de Rosie.

– Não vou abandonar meu marido – respondi.

– Ele te traiu e depois matou aquela mulher. Cuidado, você vai ser a próxima.

– Mãe!

Mas não fiquei surpresa. Minha mãe nunca apoiou nada que fiz, tampouco meu casamento com Nick. Não importava que eu o amasse. Ela achava que eu

poderia encontrar alguém melhor. Não que eu pudesse encontrar alguém melhor hoje em dia. Se não estivesse com Nick, passaria o resto da vida sozinha.

Nick tem feito o possível para pagar as contas. Fez alguns cursos on-line de design e agora está trabalhando como freelancer para não ficarmos sem dinheiro. Ele tem falado em tentar vender o hotel, mas, como Christina foi morta lá, não consegue nenhuma proposta.

Ele geralmente faz os freelas na recepção. Nunca aqui. Não quer mais ficar perto de mim, e é difícil recriminá-lo. Depois do que aconteceu com Christina, nosso relacionamento piorou ainda mais, se é que isso era possível. Mal trocamos duas palavras um com o outro. Não fizemos amor nenhuma vez desde a morte dela.

Às vezes, não sei se algum dia vamos nos tocar de novo.

Vejo movimento no hotel, no segundo andar. Então as luzes se acendem no quarto 203. Nick escolheu um quarto para a hóspede.

Neste momento, pego o binóculo.

Nick ainda não sabe da existência dele, nem que o venho usando para espionar os hóspedes; ele ficaria furioso. Tenho tentado pegar leve. Não espiono o tempo todo. Na maioria das vezes, o binóculo fica em uma gaveta. Só o pego em emergências.

O surgimento de uma mulher atraente no hotel conta como emergência. Não é minha culpa se meu marido provou não ser confiável.

Às vezes, quando estou olhando para o hotel com o binóculo, fico mal com o que minha vida se tornou. Naquela noite, dois anos atrás, Nick me impediu de tomar todos aqueles comprimidos. Mas a verdade é que ainda penso muito nisso. Só que agora é tarde demais. Não consigo mais ficar de pé sozinha, mesmo me segurando na pia, e os comprimidos estão muito no alto para eu alcançar. Assim, sigo vivendo, por falta de opção.

Levo o binóculo aos olhos e miro na direção do quarto 203. De perto, ela é definitivamente muito bonita. Deve ter cerca de 30 anos. Loira. Um pouco magra em comparação a Christina, mas ainda assim muito bonita. Observo-a andar de um lado para o outro pelo quarto. Parece ansiosa.

Será que está com algum problema? Afinal, parou em um hotel decadente no meio de uma nevasca.

Ou talvez esteja aqui para *causar* problemas.

Ela para por um momento. Caminha até a porta do quarto e a abre com força. Nick está lá, parado, segurando um prato de comida para ela.

Nossa, olha como ele é legal! O belo e gentil dono do hotel pensou em levar

algo para ela jantar. Aposto que nem cobrou, como se pudéssemos abrir mão de dinheiro. Já consigo imaginar a mulher desmaiando de emoção.

Observo os dois conversando por um tempo; queria conseguir ouvir o que estão dizendo. Mais do que isso, queria conseguir confiar nele.

Mas não consigo.

TRINTA E QUATRO

Naquela manhã

Nick está remexendo o armário. Viro a cadeira para observá-lo, tentando entender o que ele está fazendo.

- O que você tá procurando?
- Preciso pegar suas botas emprestadas.
- Minhas botas?
- Vou ajudar uma hóspede a desenterrar o carro dela, e ela não tem botas.

Devolvo quando ela não precisar mais.

Meu maxilar se contrai ao me lembrar do rosto bonito da mulher que vi através do binóculo ontem à noite.

- Você precisa mesmo desenterrar o carro dela?
- Eu falei que ajudaria. Embora, na verdade, não ache que ela vá a lugar algum até o limpa-neve chegar.

– *Nossa*, que gentileza da sua parte.

Nem tento disfarçar a ironia na voz.

Nick pega as botas pretas peluciadas no armário. Lembro como essas botas eram quentinhas. Eu podia atravessar a neve profunda e não sentia nada.

Claro, agora também não sentiria nada, já que não sinto mais os pés.

– Rosie – diz ele, pacientemente –, eu preciso ajudar ela. Não dificulta as coisas.

– Ah, eu estou dificultando?

Ele franze a testa.

– Tá, sim.

– Estranho. Por que eu ficaria chateada de o meu marido querer ajudar uma jovem bonita?

Ele deixa as botas caírem no chão e se larga na cama.

– Não faz isso. Por favor.

– Não faz o quê?

– Eu tenho sido fiel, tá bom? – Ele me encara. – Não toquei em outra mulher desde... Enfim, não que você tenha movido uma palha pra ajudar.

– Ajudar em quê? – Eu o encaro. – Passo o tempo inteiro presa neste quarto. O que eu deveria fazer?

– Pra começar, sair deste maldito quarto. Deixar que eu transforme a sala de jantar lá embaixo em um quarto. Deixar que eu reforme a cozinha do Rosalie pra gente poder reabrir...

– Você *só pode* estar brincando. – Dou um soco no joelho com tanta força que sinto uma câibra. Mas simplesmente ignoro. – Você fala como se fosse tudo muito fácil. Não é fácil!

– Eu sei que não é, mas...

– Não sabe, *não*. – Minha perna direita treme com um espasmo. – Olha, não quero ter essa conversa. Vai lá dar as minhas botas para aquela mulher. Ela pode ficar com elas, não me importo. Não vou usar de novo mesmo.

Espero que ele continue discutindo comigo, como costuma fazer. Mas, em vez disso, ele se levanta.

– Tá bem – responde bruscamente.

Em seguida, pega as botas e sai, pisando firme. Cada passo que ele dá ecoa por toda a casa, até que a porta da frente se fecha, com um estrondo.

Depois que ele sai, vou até a janela e pego o binóculo. Não deveria espia-los, mas não consigo evitar. Ficar me preocupando com a possibilidade de Nick me trair novamente se tornou uma obsessão. Quando éramos jovens, sempre confiei nele. Nunca fui ciumenta. Agora só consigo pensar nisso.

Olho através do binóculo, procurando o carro da mulher. Ela parou no estacionamento do Rosalie. É estranho, levando em consideração que o hotel tem o próprio estacionamento. Por que ela teria estacionado no Rosalie, que está fechado? E ela não só estacionou no Rosalie, mas nos fundos do restaurante.

O que ela tem a esconder?

Alguns minutos depois, vejo os dois aparecerem. A mulher está usando um casaco pesado, mas me lembro de tê-la visto rapidamente no quarto 203. Ela é linda. E Nick sabe disso.

Os dois estão apenas desenterrando o carro dela. Nick está fazendo a maior parte do trabalho, porque é grande e forte e sempre quer ajudar. Observo seus lábios se mexerem. Estão conversando. Em determinado momento, ele ri de algo que ela diz.

Quando foi a última vez que vi Nick rir? Juro que deve ter sido há pelo menos um ano.

Eles formariam um bom casal. Combinamos mais do que Nick e eu atualmente, isso sem dúvida. Tenho certeza de que ele sente atração por ela. Deve estar tentado.

Antes que consiga me conter, pego o celular. Seleciono o número dele e deixo tocar. Pelo binóculo, dá para ver que ele sente o celular vibrando no bolso. Ele se afasta do carro, pega o celular e vê o número. Será que vai atender minha ligação na presença da bela hóspede?

Ele atende.

– Oi, Rosie. O que houve?

– Está se divertindo desenterrando o carro? Acho que vocês deveriam fazer uma guerrinha de bolas de neve.

Há uma longa pausa do outro lado da linha.

– Estou só ajudando ela a desenterrar o carro. Está atolado na...

– Aham, imagino.

– Rosie, fala sério. Isso não é justo.

– Justo com quem?

Ele solta um longo suspiro.

– O que você quer que eu faça? Eu tenho que ajudar. É a coisa certa a fazer.

– Claro. E você sempre faz a coisa certa, não é, Nick?

Ele não morde a isca, o que faz com que minhas palavras pareçam invejosas e mesquinhas.

– Vou terminar já, já. Você precisa de alguma coisa?

– Fala pra sua amiguinha ficar com as minhas botas. Ficaram ótimas nela.

Nick ergue a cabeça e olha para nossa casa. Abaixo o binóculo depressa, mesmo sabendo que ele não teria como percebê-lo de tão longe. Se ele soubesse que eu os estava espionando com um binóculo... Bem, não sei o que faria. Provavelmente nada. Mas seria constrangedor.

– Mais tarde estou de volta – murmura ele, e desliga em seguida.

Embora não devesse, continuo observando. Eles não conseguem tirar o carro da neve, o que não surpreende, pois nevou muito. Mas isso significa que os dois voltam juntos para o hotel. Em determinado momento, ela tropeça na neve e ele

a segura.

A mulher ainda está com as minhas botas. Será que vai ficar com elas? O pensamento é como uma facada no peito.

Pego no sono depois disso. Fico sempre muito cansada à tarde. Às vezes, se Nick está por perto, peço que me leve de volta para a cama, mas na maioria das vezes durmo na cadeira de rodas. É mais fácil assim.

Quando acordo, Nick está no quarto dela.

Estico a mão para a gaveta ao lado da cama e pego o binóculo para poder ver melhor. Estão sentados juntos na cama. Não, não estão apenas sentados juntos. Ele está acariciando as costas dela. Estão conversando, mas não consigo ouvir o que dizem.

Será que consigo convencer Greta a colocar uma escuta no quarto 203? Não. É ir longe demais.

Meu coração está batendo forte enquanto o observo. Mas Nick não está fazendo nada de errado. Eles estão apenas sentados, conversando. Não há nada de errado em conversar.

Até começarem a se beijar.

TRINTA E CINCO

Não consigo acreditar no que estou vendo. Ele *jurou* que nunca mais faria algo assim. No entanto, lá está ele, beijando outra mulher. Traindo os votos matrimoniais pela segunda vez.

Não que eu esteja surpresa. Quer dizer, foi exatamente por isso que arranjei o binóculo.

Desta vez, é um pouco diferente. Eles não estão se beijando como aconteceu com Christina. Ele a beija e depois dá um pulo da cama. Está agitando os braços. Em seguida, olha pela janela.

Merda. Ele me viu.

Abaixo o binóculo e o atiro na cama. Será que ele viu? Não tenho certeza. Espero que não.

Mesmo sem ele, consigo ver Nick sair do quarto da mulher. Provavelmente está vindo aqui para se humilhar. *Mais uma vez*. Preciso guardar logo o binóculo, antes que ele o veja. Depois, tenho que decidir se vou perdoá-lo. Provavelmente sim. Fica mais fácil a cada vez, e preciso admitir que não sei o que faria sem ele. Há mais de dois anos, Nick se tornou meu cuidador. Esse é o ponto crucial do nosso relacionamento agora. Não somos mais marido e mulher, apenas cuidador e paciente.

Além disso, não quero que as coisas acabem como da última vez. Por mais que queira colocar os dedos em torno do belo pescocinho dessa mulher, não quero vê-la morta a facadas. Agora sei do que meu marido é capaz. Não posso deixar que isso aconteça outra vez.

Infelizmente, quando joguei o binóculo na cama, ele rolou até o outro lado,

então não consigo simplesmente pegá-lo e jogá-lo na gaveta. Também não tenho muito tempo.

Empurro a cadeira, me afastando da cama. O quarto não é muito grande e é difícil manobrar. Acabo tendo que fazer o equivalente a uma baliza para sair do espaço entre a cama e a parede. Quando consigo sair dali, ouço os passos de Nick na escada.

Ele está em casa. Vai chegar ao quarto a qualquer momento.

Faço uma última tentativa desesperada de pegar o binóculo, mas é tarde demais. Ele irrompe no quarto, com o rosto vermelho e o cabelo loiro-escuro curto despenteado pelo vento.

– Rosie – diz ele, ofegante. – Aquilo foi... Eu não...

Cruzo os braços.

– Você não estava beijando ela?

– *Ela* me beijou.

– E com certeza você não deu chance pra isso acontecer.

– Eu não fiz nada! Rosie, você precisa acreditar em mim...

Ele para de falar ao se deparar com o binóculo no chão. Meu coração acelera quando ele se abaixa para pegá-lo, com uma expressão perplexa.

– Que porcaria é essa?

Não sei o que dizer.

– Você tá me *espionando*? – Ele balança o binóculo. – Com um binóculo? Sêrio?

– Você me culpa por isso? Olha só o que te peguei fazendo.

Espero que ele reclame de novo, mas, em vez disso, os ombros desabam e ele atira o binóculo na cama.

– Quer saber? Não dá mais pra mim.

– Do que você tá falando?

– Eu te amo, Rosie – diz ele, suavemente. – Mas você não confia mais em mim. Não sai do quarto, não conversa comigo. Não me deixa nem tocar em você, a menos que seja pra te ajudar. Eu tentei... Tentei mesmo. Mas é óbvio que você não me quer mais aqui. E eu... não sei mais se quero continuar.

Olho para ele. Dá para ver em seus olhos castanhos que está falando sério. Finalmente fui longe demais. Ele está esgotado.

– Entendi.

– Estamos os dois infelizes – diz ele. O eufemismo do século. – Acho que chegou a hora de desistir.

Eu achava que minha vida não poderia ficar pior, mas, neste momento, meu

coração se parte em dois.

– Concordo.

– Quer dizer... você ainda me ama?

Olho para o rosto dele. Ele continua sendo o mesmo garoto que tropeçava nos próprios pés enquanto corria na pista do colégio porque não conseguia parar de me olhar. O mesmo cara que comprou um restaurante para mim para eu realizar meu sonho. Estamos juntos há dezoito anos, e todos, exceto os últimos cinco, foram muito felizes. Talvez tenhamos esgotado toda a nossa felicidade. Talvez todos nós tenhamos apenas uma cota de felicidade para viver.

Se ainda o amo? Claro que sim. Ele é o único homem que amei na vida. O único homem que *vou amar*. Mas ele tem chance de ser feliz de novo. Eu, não.

– Não – respondo. – Não te amo mais.

Ele parece prestes a desmoronar, mas consegue se controlar. Ele sempre consegue.

– Tá bem – diz ele. – Vou embora.

– Tá bem, então. – Fico estranhamente calma com o fato de o amor da minha vida estar me abandonando. – Você deveria vender a casa. Vou ficar com meus pais.

– Tá bem.

– Tá bem.

Agora que ambos nos asseguramos quatro vezes de que está tudo bem, ele se vira e sai do quarto. Eu o vejo partir. A dor no peito é tão forte que quero gritar. *Por favor, não vá, Nick! Eu te amo! Como você pôde pensar o contrário?*

Mas seria errado. O certo é deixá-lo ir.

Pego o celular. Digito no mecanismo de busca: jeito mais fácil de cometer suicídio.

TRINTA E SEIS

Passo uma boa hora pesquisando, tentando descobrir como vou fazer isso.

A pesquisa imediatamente exhibe um número de telefone de uma central de apoio ao suicídio. Mas isso é para pessoas normais, que estão apenas deprimidas. Minha vida não faz mais *sentido*. Seria melhor estar morta, e eu tenho certeza disso.

Mesmo os sites que ensinam como tirar a própria vida tentam te convencer do contrário. *Pense nas pessoas que gostam de você*. Aham, tá bom. Tenho um marido que está me abandonando. Tenho meus pais, que desapontei em todas as etapas da vida. Sério, o site não entende. Se me conhecessem, não se dariam ao trabalho de tentar me dissuadir.

As limitações físicas vão dificultar as coisas. Não tenho como pular da janela ou de um prédio. Tentar me enforcar exigiria esforço demais. Vou precisar recorrer aos remédios. Nick vai ter que me entregar os frascos de medicamentos antes de ir embora. Ou posso pedir à Dra. Heller que me prescreva algum remédio para dormir.

Ainda não fechei um plano, mas estou cansada de pensar nisso. Olho para cima, pela janela, e vejo uma mulher se movimentando no quarto 203. Mas não é a mulher loira. Essa tem cabelos escuros.

A menos que seja a mesma mulher e ela tenha apenas pintado o cabelo. É uma possibilidade.

Nick largou o binóculo na cama, ao meu alcance. Pego-o e foco novamente na janela. Dou zoom na mulher no quarto 203.

É outra pessoa. Mais velha. Mais curvilínea. Sem dúvida, um rosto

desconhecido.

A mulher loira deve ter ido embora, e ele deu o quarto para uma nova hóspede. Olho para o relógio. Nem uma hora se passou. Que rápido.

Observo a nova mulher por um minuto, mas ela não faz grande coisa. A cabeça está inclinada e ela parece olhar para o celular.

Pouso o binóculo no colo. Minha vida se tornou patética. Estou assistindo a uma mulher mexer no celular.

Queria poder simplesmente acabar com tudo agora mesmo.

Então a mulher ergue o olhar. Está olhando para a janela. Para mim.

Empurro as rodas da cadeira, recuando uns trinta centímetros. Pelo menos ela não me pegou apontando o binóculo. Mas há algo nessa mulher que me deixa inquieta. Não é ciúme (sentimento que se tornou muito familiar ultimamente). É algo perturbador, mas diferente.

O celular vibra onde o deixei, na cama. Viro a cabeça e vejo uma mensagem de Nick:

Posso te ajudar a ir pra cama hoje à noite.

Cerro os dentes. Não quero a piedade dele. É verdade que ele me ajuda com isso toda noite, então entendo por que se sente mal por me abandonar. Mas vou me virar sozinha. Pratiquei algumas vezes desde a noite em que caí no chão.

Digito a resposta:

Não precisa.

Tá bem. Mas vou levar o jantar pra você. Não adianta dizer não.

Quero dizer que não é necessário, mas seria ridículo. Nos últimos cinco anos, fiquei terrivelmente dependente dele. Se tivesse deixado Nick transformar a sala de jantar em um quarto, como ele queria, não teria esse problema. Mas fui teimosa.

Bem, logo ele vai se ver livre de mim.

Olho pela janela outra vez. A mulher de cabelos escuros do quarto 203 não está mais lá, embora tenha deixado a luz do quarto acesa. Examino o estacionamento e vejo apenas um carro, que deve pertencer à mulher. Mas, em seguida, noto o estacionamento atrás do local onde ficava o Rosalie.

O carro da mulher loira ainda está lá.

Que estranho. Quando vi outra pessoa no quarto dela, presumi que ela tivesse feito o check-out. E o próprio Nick disse que ela estava extremamente ansiosa para partir. Se o limpa-neve já fez seu trabalho, por que ela ainda não foi embora?

Mais uma vez, sinto aquele desconforto. Mas, na verdade, não é da minha conta. Nada aqui ainda é da minha conta. Nem mesmo Nick. Se ele quiser pegar todas as hóspedes, é problema dele.

Queria muito parar de ter saudade de Nick.

Pego o celular e abro a galeria de imagens. Faz muito tempo que não tiro fotos. Volto no tempo, sete anos antes. Nick teve a ideia de fazer noites temáticas no restaurante e, naquele dia em particular, o tema era anos 1980. Eu usava uma faixa na cabeça e polainas e tinha cacheado meu cabelo. Nick estava todo vestido de jeans (calça e jaqueta) e tinha penteado o cabelo para trás. Tiramos fotos um do outro, ambos rindo de nossa aparência ridícula. Então tirei uma selfie, mas Nick estragou a foto ao me dar um beijo.

Parecíamos tão felizes. *Éramos* felizes. Nem lembro mais como era ser tão feliz.

Depois que eu morrer, Nick vai encontrar outra pessoa. Tenho certeza de que vai ficar triste por minha causa por um tempo, mas vai seguir em frente e encontrar outra mulher, com quem vai ter esse tipo de felicidade; vou ser apenas uma lembrança distante a essa altura. E ele vai constituir uma família com ela. Ele merece ser feliz. É um cara legal. Não sei se acredito que ele tenha matado aquela mulher dois anos atrás. Ele não é capaz disso. Provavelmente jamais vamos saber o que aconteceu com ela de fato.

Desvio os olhos do celular quando um movimento do lado de fora da janela chama minha atenção. Vem do outro lado do estacionamento, do meu antigo restaurante. Há alguém na frente do carro da mulher loira.

A princípio, acho que é a mulher loira, mas ela está usando um casaco diferente. Pego o binóculo novamente para ver melhor.

É a mulher de cabelos escuros que está hospedada no quarto 203. O que ela está fazendo?

Então ela olha para cima, diretamente para nossa casa. Seus olhos apontam diretamente para mim. Abaixo o binóculo, o coração acelerado. Ela não desvia o olhar.

O que está acontecendo?

Ela revira a bolsa em busca de algo. Tira algo de dentro, mas está longe demais

para que eu consiga ver sem o binóculo. Com cuidado, eu os coloco de volta nos olhos bem na hora em que ela tira o objeto da bolsa.

Não consigo ver o que é, mas brilha ao luar. Será que é...

Uma faca?

Meu Deus, ela tem uma faca? Por que essa mulher teria uma faca? E o que planeja fazer com ela?

Em seguida, ela vem na direção da nossa casa.

Meu coração está batendo forte. O que ela está fazendo? Por que está vindo para cá com uma faca? Será que está irritada por eu estar observando?

Jogo o binóculo na cama, como se estivesse em chamas. É impossível que ela o tenha visto. E, mesmo que tivesse, não me mataria por causa disso, mataria? Não vi nada de mais. Só a vi sentada no quarto. Só isso.

Ela definitivamente está vindo em direção à casa. Não há dúvida. E ainda está segurando a faca.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus...

E agora ela está na porta da frente. Ouço-a bater, mas fico completamente imóvel. Então um pensamento terrível me ocorre.

Pode ser que Nick não tenha trancado a porta.

Sempre fomos negligentes em relação a isso. Afinal, o local é completamente deserto e nunca tivemos nada que valesse a pena roubar.

E então ouço passos na escada. Meu Deus. Ela está aqui dentro.

Pego o celular. A primeira coisa que faço é enviar uma mensagem para Nick: *Por favor, vem pra cá agora! Tem alguém dentro de casa!* Em seguida, ligo para a emergência, embora vá ser tarde demais quando eles chegarem.

– Serviço de emergência – diz uma voz feminina.

– Me ajuda, por favor – digo, com uma voz rouca. – Tem um intruso na minha casa.

– Desculpe... Não consigo... O que você está dizen...

Ótimo. A tempestade deve ter danificado a torre de celular mais próxima.

Os passos estão ficando mais altos, e agora ouço um rangido alto. Ela está na escada. Não tenho muito tempo.

– Por favor. – Lágrimas brotam dos meus olhos. – Você precisa me ajudar! Tem alguém na minha casa. Na casa ao lado do Hotel Baxter, na rodovia I-93 sentido norte.

– Senhora... Não consigo...

A ligação cai.

O rangido para. Ela deve ter chegado ao topo da escada. Em dois segundos, vai

estar no meu quarto. Com aquela faca.

Ela vai me matar.

Mas não era isso que eu queria? Estava pesquisando no Google como me matar. E agora essa desconhecida vai dar conta do serviço para mim. Por que estou ligando para a emergência? Deveria abrir a porta para ela e lhe dar as boas-vindas.

Só que, neste momento, percebo que não quero morrer.

Enquanto meu coração bate forte no peito, é como se uma névoa tivesse se dissipado do meu cérebro. A névoa que tem coberto cada momento da minha vida nos últimos cinco anos. Minha vida faz sentido, sim, e não quero morrer. Quero meu restaurante de volta. Quero contratar os tais empreiteiros e reformar a cozinha para poder usá-la outra vez, mesmo que não consiga ficar em pé ou andar. Quero fazer fisioterapia para poder cuidar de mim mesma novamente e não ter que depender de Nick para tudo.

E quero *Nick*. Não quero que ele vá embora. Não quero que encontre outra mulher e seja feliz com ela. Quero que ele seja feliz *comigo* de novo. Quero constituir uma família com ele.

Mas, acima de tudo, eu quero *Nick*. Quero muito. Não quero morrer antes de vê-lo mais uma vez.

A porta do quarto se abre. A mulher de cabelos escuros está ali parada com seu casaco verde-claro de inverno, uma faca brilhando na mão direita. Empurro as rodas da cadeira e bato na parede atrás de mim.

– Você... – sibila ela para mim.

Levanto as mãos.

– Desculpa. O que quer que você ache que eu fiz, me desculpa.

– Você sabe o que aconteceu com a minha irmã – diz ela de repente.

– Sua... irmã?

Ela é irmã da loira?

A mulher levanta a faca e dá um passo na minha direção.

– Não se faz de burra.

Olho para o celular. Nick não respondeu à mensagem. Provavelmente nem viu. Ele vai lê-la bem a tempo de encontrar meu cadáver.

– Eu... não sei do que você tá falando...

– Mentirosa...

– Por favor... – Uma lágrima escorre do meu olho direito. – Eu não fiz nada com a sua irmã. *Juro*.

Ela dá mais um passo à frente. Seus olhos são poças de escuridão, fixos nos

meus.

– Eu não disse que foi você.

TRINTA E SETE

ROB

Três horas antes

Normalmente, a primeira coisa que faço quando chego em casa é tomar um banho.

Claudia exige. Não que seja uma má ideia. Quando se trabalha com banheiros alheios, suas mãos estão sempre sujas. Claudia diz que os sulcos das minhas mãos vivem permanentemente incrustados de sujeira e gordura, mas não é verdade. Consigo limpá-las se quiser. Se esfregar por bastante tempo.

Hoje foi um desses dias em que a gente quer tomar banho assim que chega em casa. Lidei com um cano que simplesmente não desentupia. Mexi nele por um bom tempo até descobrir o que era: um rato morto.

Não, não era um rato morto. Era um rato morto *congelado*.

Metade de um rato morto congelado.

Então, quando entro em casa, quero muito tomar um banho. E, depois, ter um jantar agradável com Claudia. Embora isso seja um daqueles momentos que têm se tornado cada vez mais raros ultimamente. Tudo é uma briga hoje em dia. Nem sei por quê. Trabalho o dia todo e tudo que quero é ir para casa e relaxar no fim do dia com uma cerveja bem gelada. Acha que quero brigar com minha esposa? Não quero.

A casa está às escuras quando entro. Tenho certeza de que Claudia me disse que não tinha clientes hoje à tarde, por causa da neve.

– Claudia? – chamo.

Nenhuma resposta.

Não sei onde ela pode estar. Talvez esteja procurando Quinn, embora eu não

consiga entender por que acredita que vá se sair melhor nisso do que a polícia. A menos que saiba de algo que não está me contando, o que talvez seja o caso.

Não entendo a relação de Claudia com Quinn. Quinn é legal. Simpática. Quieta em comparação com a minha esposa. O marido dela é um babaca, mas e daí? Claudia passa muito tempo com Quinn, mas às vezes fico me perguntando se de fato gostam uma da outra.

Claudia vive reclamando de Quinn. Para ser honesto, ela reclama de tudo. Mas principalmente de Quinn. Do cabelo loiro falso de Quinn. Da casa gigante de Quinn. De como Quinn não nos deu dinheiro nenhum para ajudar quando o telhado desabou no ano passado e destruiu o sótão.

Não que a gente precise do dinheiro dos Alexanders. Ganho bem como encanador. Dá um bom dinheiro. Posso não ser rico como Derek, mas consigo pagar o conserto do meu telhado. Não queria a caridade deles. Não teria aceitado o dinheiro se tivessem oferecido.

Subo a escada, tentando não pensar em onde Claudia pode estar. Nem sei se me importo. Houve um tempo em que teria chegado em casa, contado a ela do rato no cano, e ela teria dado risada. Mas hoje em dia ela não teria interesse em ouvir.

Tiro as roupas sujas e vou direto para o chuveiro. Abro o registro no máximo, tão quente que talvez sofra queimaduras de segundo grau, mas vale a pena. Está *congelando* lá fora. E instalei um chuveiro melhor para aumentar a pressão. Foi um pedido de Claudia, mas acho que fui eu quem mais gostou.

A água escorre pelo meu cabelo, que, admito, não anda muito bem. Claudia gosta de falar que estou ficando careca e que isso me faz parecer um velho. É um dos assuntos favoritos dela. Falei que vou raspar tudo, mas ela também não quer. Não sei o que ela quer, no fim das contas.

Minha cabeça está latejando por conta do estresse de tirar o maldito rato do cano. Levo a mão à testa, e meus dedos roçam a cicatriz na linha do cabelo. Arrumei essa cicatriz um ano atrás, e ela ainda lateja às vezes. Claudia e eu estávamos brigando (gritando e, sim, atirando coisas). Não consigo nem lembrar o motivo da briga, mas ela pegou um peso de papel e jogou na minha cabeça. Cinco pontos.

Ela ficou mal e me levou ao pronto-socorro. Foi legal comigo por algumas semanas depois disso.

Nenhuma briga.

Quando saio do chuveiro, enrolo uma toalha na cintura e fico olhando meu reflexo no espelho. Pareço cansado. Sim, estou ficando careca, mas não pareço

tão diferente do dia em que Claudia e eu nos conhecemos. Mas, por algum motivo, ela se cansou de olhar para mim.

Abro o armário de remédios. Há muitos frascos de comprimidos ali dentro. Não sei o que são metade deles; são todos da Claudia. Vasculho os frascos pela metade e finalmente encontro o paracetamol. Coloco dois comprimidos na mão e engulo-os sem água. Talvez ajude com a dor de cabeça.

Quando saio do banheiro, tudo está estranhamente silencioso.

– Claudia? – chamo.

Nenhuma resposta.

Claudia ainda não voltou para casa. Aonde ela foi, afinal? Está ficando tarde. Normalmente, jantamos por volta deste horário.

Visto uma roupa e, enquanto abotoo a calça jeans, ouço um sinal sonoro vindo do corredor. É a secadora. Antes de Claudia sair, deve ter colocado roupas na secadora.

Esse é outro problema que Claudia tem comigo. Eu nunca lavo roupa. Sempre que falo em termos um filho, ela diz: *Como você vai me ajudar a cuidar de um bebê se nem lava a roupa?* Não sei o que uma coisa tem a ver com a outra. Todas as pessoas que conheço que se casaram na mesma época que nós já têm um ou dois filhos. O que estamos esperando?

Mas se for preciso lavar roupa para provar meu valor para ela, caramba, é o que vou fazer. Não me importo. É mais fácil do que tirar um rato morto de um cano.

Vou até o corredor, onde ficam a lavadora e a secadora. Tiro a roupa da secadora (a maior parte das peças é de Claudia). Camisas e uniformes de trabalho. Quase penso que talvez não devesse fazer isso, porque vou dobrar as camisas dela do jeito errado, e essa vai ser mais uma coisa que teria feito errado hoje. É impossível acertar. Mas decido ignorar esse sentimento. É melhor tentar.

Dobro as camisetas de Claudia da melhor maneira possível. Faço uma pequena pilha na nossa cama e quase fico orgulhoso. Reconheço muitas delas. Ela ainda tem aquela com a silhueta da Torre Eiffel. Estava usando no dia em que nos conhecemos. Lembro porque achei legal ela ter um nome francês e uma camiseta francesa.

Mas eu simplesmente gostava *dela*.

Dobro direitinho as camisetas. É uma bela pilha de camisetas. Acho que dobrei tudo muito bem. Ela vai ficar feliz. Ela precisa ficar feliz com isso, pelo menos desta vez.

Claudia guarda as camisetas dela na imensa cômoda do nosso quarto. Abro a

gaveta e afasto algumas roupas para abrir espaço para as camisetas limpas e bem dobradas. E é aí que algo cai da pilha que já estava na gaveta.

É um celular.

Pego o aparelho e viro-o na mão. É descartável, daqueles que compramos quando não queremos que ninguém nos rastreie.

O que minha esposa está fazendo com um celular descartável?

Abro o aparelho de flip. Vejo várias chamadas perdidas na tela. Penso em ligar de volta, mas me contenho. Quero saber primeiro o que está por trás disso, antes de começar a ligar para um número e agir feito um idiota.

Há várias mensagens no aparelho. Todas do mesmo número. Abro a mais recente:

Mal posso esperar pra te ver.

Mas o quê...?

Eu me sento na cama enquanto leio as mensagens, uma por uma. E fica muito pior.

Ela acabou de sair. Te vejo logo, logo!

O Rob só vai chegar em casa mais tarde. Vem aqui.

Mal posso esperar pra te ver pelada.

Não consigo pensar em outra coisa a não ser você.

Ótimo. Claudia está com outro cara.

Estou surpreso? Nem sei dizer. Estou irritado? Claro que sim. Como ela foi capaz? Como ela foi capaz de fazer isso comigo? Com *a gente*? Sabia que ela não estava feliz comigo, mas caramba! Poderíamos ter conversado sobre isso. Ter feito terapia de casal ou algo do tipo.

Seguro o aparelho com tanta força que quase o quebro. Quero jogá-lo do outro lado do cômodo e vê-lo se estilhaçar. Sei que não devo fazer isso. É a única prova que tenho de que ela está me traindo. Mas o impulso é quase irresistível.

E aí o celular toca.

TRINTA E OITO

É o mesmo número que anda ligando e mandando mensagens. O cara. Está tentando falar com Claudia. Ela provavelmente esqueceu algum encontro que marcaram, por estar focada demais em Quinn.

Parte da minha raiva se esvai. Claudia está passando por muita coisa agora, com Derek morto e Quinn possivelmente sequestrada. Não que isso seja desculpa para o que ela fez. Mas ela já está transtornada.

Isso não significa que não vou atender e mandar esse cara ficar longe da minha esposa. Então clico no botão para aceitar a chamada.

– Alô, babaca – digo entredentes.

Há uma longa pausa do outro lado da linha. Ele provavelmente está chocado porque Claudia não atendeu e deve estar pensando em desligar. Não importa. Vou encontrá-lo mesmo assim.

– Quem está falando? – pergunta uma voz.

É masculina, grave e excessivamente formal. Não é o que eu esperava.

– Sou o marido da Claudia – digo. – E você foi pego no flagra. Quero que deixe ela em paz a partir de agora. Entendeu?

Outra longa pausa.

– Robert Delaney?

– Aham. Quem você pensou que fosse?

Alguém dá um pigarro do outro lado da linha.

– Sr. Delaney, aqui é o policial Higgins. Encontramos esse número de telefone em um celular descartável no bolso do seu cunhado, Derek Alexander.

Meu mundo vira de cabeça para baixo, fico boquiaberto.

– *Quê?*

Há um ruído do outro lado da linha enquanto me sento na cama, segurando o aparelho com tanta força que meus dedos doem. Já estou quase ficando doido, quando ouço outra voz na chamada:

– Sr. Delaney, aqui é o policial Dwyer.

Scott Dwyer está na polícia desde que vim morar aqui. Até onde sei, é um bom homem e um bom policial. Mas nada disso faz com que eu me sinta melhor.

– Policial – digo, com a voz embargada. – O que está acontecendo?

– Sr. Delaney, este telefone é seu?

– Não! – exclamo. – Meu Deus, não. Eu achei ele.

– Onde o achou?

A resposta a essa pergunta vai colocar Claudia em apuros. Mas não posso mentir. Mesmo que quisesse, não mentiria.

– Encontrei numa gaveta da Claudia, na nossa cômoda.

Há mais um longo silêncio do outro lado da linha. Só posso imaginar a conversa que está acontecendo agora.

– Onde o senhor está, Sr. Delaney? – pergunta Dwyer, por fim.

– Eu... estou em casa.

– Sua esposa também está aí?

– Não...

– Ela está para chegar?

– Eu achava que ela estaria aqui. – Solto uma risada abafada. – Mas, sim, acho que vai chegar logo.

– Não vá a lugar nenhum, Sr. Delaney. Estou a caminho.

• • •

Meu cabelo ainda está úmido do banho quando a viatura do policial Dwyer para em frente à minha casa. Logo depois de desligarmos, desci para a cozinha, servi uma dose de uísque e bebi de um gole só. Deveria estar sóbrio para falar com a polícia, mas que se dane. Precisava de uma bebida.

Não vou ficar bêbado. É só para fazer minhas mãos pararem de tremer.

Já estou me levantando do sofá quando Dwyer chega à porta da frente. Abro a porta meio segundo depois que ele toca a campainha. Ele veste o uniforme azul da polícia, e fico feliz de não tentar apertar minha mão, porque elas estão frias e úmidas.

– Olá, Sr. Delaney – diz ele. – Desculpe incomodá-lo. Posso entrar?

Sem dizer nada, abro espaço para deixá-lo entrar em minha casa. Scott Dwyer tem cerca de 30 anos e cabelos que parecem ruivos sob a luminária do teto da sala de estar. Parece ter tido sardas quando era mais jovem, mas desapareceram. Claudia disse uma vez, de forma depreciativa, que Quinn namorou Scott Dwyer quando os dois estavam na escola. Riu ao contar que Dwyer aparecia na porta deles feito um cachorrinho, sempre atrás de Quinn.

Eu me pergunto o que Dwyer acha que aconteceu com Derek Alexander. Será que ele acha que Quinn o matou?

– Quer beber alguma coisa? – pergunto, ao conduzi-lo até o sofá. De repente, fico com medo de que ele consiga sentir o cheiro de uísque no meu hálito. – Uma água, quero dizer.

Ele balança a cabeça e se acomoda no sofá azul desgastado.

– Não, obrigado.

Eu me sento no sofá de dois lugares à frente dele. Claudia vive dizendo que precisamos de móveis novos. Sempre que vai à casa de Quinn, começa a reclamar que nossas coisas não são tão boas quanto as deles. Mas nossas coisas estão ótimas. Não precisamos de um sofá de couro de 10 mil dólares.

– Então. – Pego o celular no bolso e o estendo para ele. – Aqui está. Se o senhor quiser.

Claro que ele quer. Dwyer pega o celular de flip, abre e fica olhando para a tela. Fico sentado observando-o enquanto ele percorre as mensagens, da mesma forma que fiz. Espero pacientemente, mas estou uma pilha de nervos. Depois de alguns minutos, ele enfim volta a concentrar a atenção em mim.

– Onde encontrou o celular?

– Estava guardando umas roupas da Claudia. Encontrei o aparelho enfiado entre duas camisetas.

– Então... estava escondido.

– Isso. – Meu maxilar se contrai. – Dá pra imaginar o motivo.

– Sim – responde ele. – Em algum momento o senhor suspeitou de que a Claudia estivesse tendo um caso?

– Não. Nunca.

Embora agora me sinta um idiota ao dizer isso. Eu deveria ter percebido. Mas como? Estava ocupado demais trabalhando para sustentar minha família. Tirando ratos de canos e porcarias como essa.

– O senhor e a Claudia eram próximos do Derek e da Quinn?

– A Claudia e a Quinn são próximas. – Dou uma tossida. – Bem, eu achava que eram.

– Acha que a Claudia pode ter machucado a Quinn?

Franzo a testa.

– Peraí. O senhor acha que a Claudia pode ter esfaqueado o Derek? E... feito alguma coisa com a Quinn?

O policial Dwyer cruza os braços.

– Estamos só tentando explorar todas as possibilidades.

– Ah – digo, com um suspiro. – Sim, claro. Faz sentido.

– Acha que ela pode ter feito isso, Sr. Delaney? Acha que ela é capaz disso?

Estendo a mão e toco a cicatriz na linha do cabelo. A mesma que precisou de cinco pontos na sala de emergência.

– Sim – digo. – Ela é capaz.

TRINTA E NOVE

CLAUDIA

O dia de ontem estava perfeitamente planejado.

Eu tinha uma cliente para massagem às duas horas. E, assim que terminasse com ela, iria para o casarão de Quinn.

Só que não estava indo lá para ver minha irmã.

Sim, é verdade. Tenho dormido com o marido da minha irmã nos últimos seis meses. Provavelmente deveria falar no passado, já que Derek não vai mais dormir comigo (nunca mais), dado que está em uma maca no necrotério. Depois que ela o *assassinou*.

Não consigo nem pensar nisso. A imagem do corpo dele caído no chão da cozinha vai ficar gravada nos meus olhos para sempre.

Aquela desgraçada.

Derek é sensacional na cama. Quinn nunca comentou nada disso (ela nem gostava, na verdade). Comecei a dormir com ele porque... Bem, resumindo, odeio a minha irmã.

Surpresa!

Nem sempre odiei minha irmã. Quando nossos pais eram vivos e a vida era fácil, éramos bastante próximas. Mas daí eles morreram. Não só isso: morreram a caminho da peça besta *dela*. E nos deixaram sem *nada*.

Eu estava no fim do primeiro ano da faculdade. Tinha planos. Claro que tinha. E nenhum deles envolvia cuidar da minha irmã pelos próximos quatro anos. Queria fazer o curso de Direito e depois me especializar. Era o meu sonho desde criança. Mas, quando nossos pais morreram, Quinn não tinha mais ninguém. Nossa parente mais próxima era uma prima de terceiro grau que morava no Meio-Oeste. Achei que ela poderia ir para lá passar alguns anos, mas então nossa

prima me ligou e começou a fazer com que eu me sentisse culpada. Disse que ela e o marido não tinham dinheiro e questionou por que eu não poderia cuidar de Quinn. *Afinal, você tem 18 anos. Ela é sua irmã, caramba.*

Foi o que eu fiz. Virei a tutora de Quinn. Naturalmente, tive que abandonar a faculdade. Arranjei um emprego que pagava um salário mínimo e peguei dinheiro emprestado para não perder a casa. Enquanto isso, Quinn terminou a escola e depois foi para a faculdade. Já eu nunca consegui voltar para a faculdade. Depois de quatro anos fora do jogo, parecia outro mundo. Então, em vez disso, fiz um curso de massoterapia. E me casei com Rob.

Não era o que eu sonhava. Mas dava para o gasto.

Só que aí vi Quinn tendo uma vida maravilhosa. Ela terminou a faculdade e conseguiu um bom emprego no banco. Conheceu um homem absurdamente lindo, que se apaixonou perdidamente por ela, porque ela sempre foi mais bonita do que eu. Eu era a irmã *inteligente*, mas isso de nada me serviu sem uma formação para dar respaldo.

Sempre que via Quinn com Derek, eu pensava no cara a quem me amarrei (o encanador careca) e sentia uma onda de inveja. Por que a vida dela tinha que dar tão certo e a minha tão errado?

Aí ela se casou com Derek. Eles construíram uma casa gigantesca e gastaram uma nota para mobiliá-la. E a única coisa que ela fazia era reclamar dele. Porque Derek a tratava *mal*. Adivinha só? Rob também me trata mal, e eu não moro em um palácio.

Ela simplesmente não conseguia entender. Não valorizava o tanto de que eu havia aberto mão por ela. Nunca sequer me agradeceu.

No ano passado, o telhado da nossa casa desabou durante uma tempestade. O sótão encheu de água, que vazou para os quartos. Eu me lembro de um dia em que nós duas estávamos paradas do lado de fora da casa, quando mostrei a ela os danos.

– Que horror! – comentou ela.

– Está corroendo toda a madeira – falei.

Ela franziu a testa.

– Mas dá pra consertar, né?

– Sim, só que vai custar uma nota.

Fiquei esperando que ela se oferecesse para ajudar. Derek estava nadando em dinheiro, e até Quinn ganhava quatro ou cinco vezes mais do que eu.

– Bem, pelo menos dá pra consertar – disse ela.

E foi isso.

Ela nem se ofereceu para ajudar a irmã que havia se sacrificado tanto por ela. E não era a primeira vez. Quinn sempre esperava que eu estivesse presente para ela, mas nunca estava presente para mim. Quando Rob foi demitido, alguns anos atrás, ela fez uma viagem para as Bermudas com o namorado. Nunca se importou comigo. Era sempre o Show de Quinn.

Dá para me julgar por odiá-la? Qualquer um odiaria, não é?

Você pode estar se perguntando como acabei tendo um caso com Derek. Como eu disse, Quinn é a irmã bonita. Por que Derek iria querer ficar comigo, se já tinha a irmã mais bonita e mais nova?

Aconteceu durante uma viagem a trabalho de Quinn. Eu tinha a chave da casa dela, e ela me pediu para regar as plantas, porque sabia que Derek não faria isso. Claro, ela poderia ter contratado alguém para regar as malditas plantas em vez de me fazer ir até lá, mas Quinn nunca pensava assim. O que eu teria de melhor para fazer do que cuidar das plantas caras e ridículas dela?

Enquanto estava na casa dela, fui bisbilhotar o guarda-roupa. Quinn tinha mais roupas do que era capaz de usar, e, embora eu fosse alguns tamanhos maior, algumas peças ainda me serviam, como os casacos. E, mesmo que não me servissem, daria para conseguir um bom dinheiro por elas na internet. Ela nem daria falta.

Estava experimentando uma das jaquetas Bottega Veneta dela e me admirando no espelho quando vi um reflexo que quase fez meu coração parar. Derek estava parado na porta, me observando.

– Oi! – Rapidamente tirei o casaco e peguei um cabide. – Estava só... você sabe...

Mas não havia julgamento no rosto de Derek. Ele sorriu para mim, e estava tão bonito naquele momento que meus joelhos ficaram fracos.

– Fica melhor em você.

Corei como uma adolescente. Não achei que fosse verdade, mas o rosto dele transmitia sinceridade.

– Obrigada.

Ele atravessou o quarto, e meu coração acelerou. Estendeu a mão e ajeitou a gola da minha blusa. Os dedos permaneceram ali por um tempo, causando um arrepio que percorreu meu corpo inteiro. Prendi a respiração, sem saber o que pensar daquela reviravolta. Às vezes, quando eu visitava Quinn, Derek flertava levemente comigo ou dava uma piscadela sugestiva. Para ser sincera, eu tinha uma queda por ele. Era difícil não ter.

– Você é massagista, né? – disse ele.

– Sou – consegui responder.

Os homens raramente me deixavam sem fôlego, mas havia algo especial em Derek.

Ele esfregou o ombro.

– Sabe, estou com uma dor horrível no pescoço. Queria saber se você poderia dar uma olhada.

– Posso, sim. – Meu corpo estremeceu só de pensar em ter Derek na minha maca. – Quando você quer marcar?

– Que tal agora mesmo?

– Não estou com a maca aqui.

Seus lábios se curvaram em um sorriso.

– Não dá pra usar a cama?

De repente, fiquei sem ar, mas consegui assentir.

– Aham. Dá, sim.

Observei Derek se despir na minha frente até ficar de cueca. Nunca tinha visto o marido da minha irmã seminu e devo dizer que ele era espetacular. Parecia uma escultura. Ele se deitou na cama, de bruços. À minha espera.

Esfreguei as mãos para aquecê-las. Não tinha nenhum óleo ou creme, então passei os dedos secos pelos ombros largos dele. Comecei a massagear o trapézio com a palma das mãos, amassando os músculos tensos. Ele gemeu ao meu toque.

– Você é boa nisso – comentou.

– É minha habilidade especial.

– Você tem outras habilidades especiais?

Antes que eu conseguisse responder, ele se virou. Seus olhos cruzaram com os meus e meu corpo se desmanchou. Ele se sentou e encostou os lábios nos meus. Nunca tinha sido beijada daquela maneira. Rob não era capaz daquilo. Nem qualquer outro homem que beijei na vida. Derek era diferente. Soube disso imediatamente.

Foi a primeira vez que transamos. No quarto da minha irmã, enquanto ela estava fora, em uma viagem de trabalho.

No início, dormia com Derek porque me sentia muito atraída por ele e também para me vingar da minha irmã por todos os sacrifícios pelos quais ela nunca foi grata. Mas comecei a gostar muito dele. Depois de transarmos, não me vestia e saía correndo. Pelo contrário, ficávamos deitados na cama, conversando, pelo tempo que ousávamos. Ele passava os dedos pelo meu cabelo, me olhando nos olhos.

– Acho que escolhi a irmã errada – disse ele, na semana passada.

- Ainda dá tempo – respondi em um sussurro.
- Se eu deixasse a Quinn, você deixaria o Rob?

Respondi sem hesitar:

- Deixaria.

Não sei se ele estava falando sério. Acho que jamais vou saber. Mas, naquele momento, acreditei que sim.

Ontem passei a tarde toda ansiosa para vê-lo, mas, logo depois de terminar com a cliente das duas horas, minha chefe apareceu e disse que Heather tinha que ir para casa porque estava doente. Será que eu poderia atender a cliente de Heather das três horas?

Por mais que quisesse ver Derek, eu não podia recusar. Precisava muito do dinheiro. Minha irmã não ia me emprestar dinheiro nenhum se eu precisasse.

Enviei uma mensagem para Derek do celular descartável que comprei para que pudéssemos nos comunicar e informei que chegaria uma hora mais tarde, talvez mais. É claro que, se chegasse muito tarde, correria o risco de esbarrar com Quinn.

Embora parte de mim quisesse que ela nos flagrasse. Ele disse que a deixaria por mim, então, bem, isso daria uma forcinha. E eu queria ver a cara dela. Ela sempre se achou melhor do que eu. Como se sentiria ao descobrir que o marido maravilhoso e perfeito dela preferia a mim?

Quando terminei com a cliente de Heather, peguei o celular descartável. Não havia mensagens de Derek, mas considerei isso uma boa notícia. Derek não era o tipo de cara que sentia a necessidade de responder a todas as mensagens. Não era um cara carente.

Mas Quinn era um problema. Estava ficando tarde, e não queria que ela nos pegasse. Então, quando entrei no carro, liguei para ela. O celular tocou várias vezes até ela atender.

- Oi, Claudia!

Ela parecia estar de bom humor. Para variar. Quinn andava um saco ultimamente. Estava cansada de ouvi-la reclamar sem parar da vida perfeita dela.

- Oi, Quinn – falei, tentando parecer casual. – Onde você tá? Tá livre?
- No momento, não. Ainda estou... no trabalho.

Mentira. Ela não estava no trabalho, agora sei disso. Já estava fugindo.

Mas eu não sabia disso àquela altura, então tive que descobrir os planos dela. Descobrir quanto tempo Derek e eu teríamos juntos.

- A que horas você sai? Quer jantar?
- Não, eu... vou ter que trabalhar até tarde hoje.

Comentei que ela trabalhava muito e, claro, ela concordou. Ainda que ficasse o dia todo sentada em um escritório fazendo trabalho burocrático. Experimente passar seis horas seguidas massageando os músculos dos outros e veja como você se sente.

– Olha só. Que tal eu dar uma passada na sua casa hoje à noite? Levo uma garrafa de vinho e podemos ver alguma coisa na Netflix.

– Não!

Ela pareceu assustada com a ideia, e acabei ficando curiosa. Na hora, achei que ela e Derek tivessem discutido. Estava desesperada por mais detalhes.

– Quer dizer... estou com dor de cabeça e... não é um dia bom para isso. Não tô muito a fim de socializar.

Tentei fazer Quinn me contar, mas ela resistiu.

– Tá bem. Mas você me deve um jantar. Eu e o Rob vamos sair amanhã à noite... Que tal domingo?

– Que tal segunda?

– Combinado. Nos vemos no Donatello às sete. Não se atrasa!

É claro que ela não tinha intenção alguma de se encontrar comigo na segunda-feira. Esperava já estar longe àquela altura. Rejeitou a ideia de se encontrar comigo no domingo porque não queria que eu entrasse e encontrasse o corpo do marido dela. Não fazia ideia de que eu estava a caminho da casa dela naquele exato momento.

Quando cheguei à casa de Quinn e Derek, meu corpo quase vibrava de expectativa, como sempre acontecia quando estava prestes a ver Derek. Eu tinha a chave da casa, então entrei. Normalmente, Derek me recebia na porta – eu adorava o sorriso sexy que se espalhava pelo rosto dele quando eu entrava.

Mas, dessa vez, não o vi.

– Derek? – chamei.

Nenhuma resposta.

Verifiquei o celular para ter certeza de que ele não tinha me enviado mensagem dizendo para eu não ir. Mas não havia nada.

– Derek? – Entrei na sala, olhando em volta. – Você tá aí?

Ele não respondeu, então fui até a cozinha e...

Caí de joelhos diante do cadáver. Sim, ele com certeza estava morto. Eu não tinha nenhum conhecimento médico, mas dava para perceber. Estava caído em uma poça de sangue ressecado, o belo rosto completamente pálido, lábios e olhos entreabertos. Sempre achei Derek um homem tão cheio de vida, e lá estava ele, mortinho da silva.

Peguei a mão dele, que já estava rígida. Sabia vagamente que não deveria tocar em nada naquela que sem dúvida era a cena de um crime. Mas não consegui me controlar. Eu amava aquele homem.

E agora ele estava morto. Como meus pais.

– Quem fez isso com você? – sussurrei.

Como era de esperar, ele não respondeu.

Fiquei de pé. Examinei o primeiro andar da casa.

– Quinn! – gritei.

Corri de cômodo em cômodo, gritando o nome de Quinn. Queria destruir tudo naquela bela casa, mas, mesmo em meio à tristeza que me enevoava, sabia que seria uma estupidez. Além do mais, ela já tinha saído de lá havia muito tempo.

Achei que houvesse uma possibilidade remota de alguém ter matado Derek e levado Quinn como refém. Mas eu sabia o que Quinn sentia por ele. Sabia que eles viviam brigando. Na verdade, nunca tive dúvida de que havia sido ela quem o esfaqueara até a morte.

Também sabia que ela escaparia impune. Tá certo, ela foi burra em fugir, isso a prejudicaria. Mas ela inventaria alguma história, alegando sofrer maus-tratos, e sairia impune. Ele *não era* abusivo com ela. Eu sei como Quinn é. Às vezes, eu mesma queria dar um tapa na cabeça dela.

Precisava encontrar Quinn. Então prometi a mim mesma que a faria pagar pelo que tinha feito ao homem que eu amava.

Jurei grandão, com cereja e tudo.

Tive sorte de encontrar o celular dela antes da polícia. O fato de o policial Scotty Dwyer ser um tonto ajudou também. Tentei despistá-los, mas não deu certo. Quinn foi muito descuidada e acabou sendo parada pela polícia. Nem isso ela conseguiu fazer direito. Nesse ritmo, mesmo uma polícia incompetente como a nossa a encontraria.

Então fui atrás dela. Até o Hotel Baxter.

Quando parei no estacionamento, o local parecia quase deserto. As luzes estavam apagadas em todos os quartos. Parecia que ninguém se hospedava lá havia anos. Por um momento, achei que tivesse cometido um erro. Talvez Quinn não tivesse ido para lá, afinal.

Mas então a vi sair correndo pela porta da frente. Ela arrastava a mala e estava com lágrimas nos olhos. Fugia às pressas, não havia dúvida. Se eu tivesse chegado um minuto depois, teria perdido a oportunidade. O timing não poderia ter sido melhor.

Revirei a bolsa até encontrar o canivete de Rob. Deixei a bolsa para trás e saí do carro, segurando o canivete na mão direita.

– Oi, Quinn! – gritei.

Ela olhou para mim, surpresa. Não esperava me ver nunca mais. Mas não parecia chateada. Claro que não. Sou a irmã mais velha dela. Aquela que sempre a tira de apuros. Ela provavelmente achou que eu estava ali para ajudá-la.

Rá.

– Graças a Deus, Claudia! – exclamou ela, soluçando.

Ela se aproximou de mim e tentou me abraçar, mas dei um passo para trás. Ela piscou, surpresa com a minha rejeição.

– Claudia?

– Como você foi capaz? – perguntei, a voz entalada. – Como foi capaz de fazer isso?

– Ele... – As mãos dela voaram para o pescoço. – Ele estava tentando me estrangular. Eu... eu tive que...

– Mentirosa! – exclamei, irritada. – Você não suportou o fato de ele gostar mais de mim do que de você.

– Claudia, do que você tá falando?

– Você sabe exatamente do que eu tô falando.

Então ela arregalou os olhos ao ver o canivete na minha mão direita. Finalmente entendeu. Sabia que Derek a estava traindo, mas nunca descobriu que era comigo. Mas naquele momento, pouco antes de sua morte, ela percebeu. Eu queria que ela soubesse.

Então enfiei o canivete na barriga dela e o cravei, da mesma forma que ela fez com ele.

Justiça poética.

O corpo de Quinn caiu no chão. Minha irmã sempre foi pequena e, nos últimos anos, ficou completamente esquelética (enquanto meus braços são rígidos e musculosos, devido ao trabalho como massagista), então levantei seu corpo inerte nos braços com facilidade e o coloquei no porta-malas aberto do meu carro.

Só depois de fechar o porta-malas é que vi a luz se acender no segundo andar do hotel.

Uma testemunha.

Meu estômago revirou com a ideia de que alguém poderia ter visto o que eu acabara de fazer. Eu não deveria ter sido tão descuidada. Deveria tê-la convidado para entrar no carro, levado Quinn para outro lugar e feito isso lá.

Esse sempre foi o meu problema. Agir sem pensar.

Então entrei no hotel para alugar um quarto. Era impossível que houvesse mais do que uma ou duas pessoas hospedadas ali. Precisava acabar com as pontas soltas. E precisava matar um pouco de tempo, já que a polícia ainda estava rondando a área. Cuidaria do que precisava cuidar ali e, quando saísse com o corpo de Quinn no porta-malas, a polícia já teria ido embora.

Só que então Greta me alertou sobre outra testemunha em que eu não tinha pensado. A mulher no segundo andar da casa velha e em ruínas. *Rosalie*.

Ela é a última ponta solta.

Assim que cuidar dela, vou poder ir embora.

• • •

Não sei se Rosalie já chamou a polícia. Talvez tenha chamado e seja tarde demais. Mas, considerando que Rob não conseguiu ouvir nada do que eu disse quando me ligou, aposto que ela também não conseguiu ligar para ninguém. Talvez esteja esperando o sinal do celular voltar. A essa altura, já vai ser tarde para ela.

Li sobre Rosalie em uma das reportagens. Rosalie Baxter. De acordo com a matéria, ela está “presa a uma cadeira de rodas”. Assim como Greta, vai ser fácil de resolver.

Nick Baxter: esse não vai ser tão fácil de derrubar. Mas ele está ocupado no quarto 201, consertando o tal vazamento. Não vai ver nada. A melhor parte é que, depois da tal confusão de dois anos atrás, se outra pessoa for assassinada aqui, sem dúvida vão colocar a culpa nele. Todo mundo já o considera um assassino. Não vai ser muito difícil. Nick Baxter vai levar a culpa por tudo que fez.

É perfeito.

Enquanto subo os degraus para o quarto com vista para o hotel, o canivete parece pesado na minha mão. Nunca achei que fosse capaz de fazer algo assim, mas, de alguma forma, fica mais fácil a cada vez. Será que também foi fácil para Quinn? Quando ela enfiou aquela faca na barriga de Derek?

Meu coração dói quando penso nisso. Não consigo acreditar que ele esteja morto. Não consigo acreditar que ele nunca mais vai me abraçar.

E então estou aqui: no quarto principal da casa. Coloco a mão na maçaneta. Achei que tremeria, mas não. Não sei o que Rosalie Baxter tem reservado para mim atrás da porta. Sim, ela pode estar em uma cadeira de rodas, mas isso não significa que não tenha uma arma. Eu poderia abrir a porta e ela dar um tiro na minha cara.

Por algum motivo, não acho que ela vá fazer isso. E, por mais estranho que pareça, não estou com medo.

Abro a porta e ali está ela, sentada na cadeira de rodas. Estava certa em não ter ficado com medo. Por mais sinistra que parecesse quando era uma sombra na janela, Rosalie Baxter é absolutamente inofensiva de perto. Ela é minúscula (não muito mais alta do que 1,50 metro, se pudesse ficar de pé) e magra como um esqueleto, quase um cadáver. Seus olhos castanhos parecem enormes no rosto magro enquanto me encara.

Nem preciso do canivete. Poderia parti-la ao meio com as próprias mãos. Caramba, a impressão que dá é de que uma brisa mais forte poderia acabar com ela.

Vou lhe fazer um favor. Essa mulher deve ter uma vida miserável. Presa aqui, sozinha o dia todo, incapaz de se mexer. Tendo que viver com aquele marido rabugento, que provavelmente dorme com todas as garotas bonitas que cruzam a porta do hotel. Vou dar um fim rápido a essa agonia.

Mas ela parece aterrorizada. Levanta as mãos trêmulas.

– Desculpa – diz ela, ofegante. – O que quer que você ache que eu fiz, me desculpa.

Seus olhos se voltam para o lado, e percebo o que está na cama. Um binóculo. Ela estava me observando através do binóculo. Que patética. E ardilosa. Toda a minha simpatia por essa criatura miserável desapareceu; talvez eu não seja tão rápida.

Ainda bem que vim até aqui.

– Você sabe o que aconteceu com a minha irmã – digo, bruscamente.

Os olhos enormes e castanhos dela piscam, e ela parece confusa.

– Sua... irmã?

Dou um passo na direção dela, e Rosalie recua.

– Não se faz de burra.

– Eu... não sei do que você tá falando...

– Mentirosa...

– Por favor... – Agora ela está soluçando. – Eu não fiz nada com a sua irmã.

Juro.

– Eu não disse que foi você. – Meus ombros ficam tensos de irritação. Por que ela está fingindo? Ela acha que sou tão burra assim? – Mas eu sei o que você viu.

O queixo delicado treme.

– O que eu vi?

– Você e seu binóculo... – Zombo dela. – Você é patética.

Ela recua, o rosto ficando vermelho.

– Desculpa. Eu não deveria ter... Desculpa *mesmo*...

– Agora é tarde.

– Não. *Não*. Por favor... Você não pode... – Ela olha para o celular, com uma expressão ridiculamente esperançosa no rosto. – O Nick vai aparecer aqui. Você não vai se safar...

– Não, ele não vai vir.

Então dou a notícia bombástica. Com a mão livre, enfio a mão na bolsa e pego o celular que roubei da recepção.

– Porque estou com o celular dele.

O pouco de cor que ainda restava em seu rosto desaparece. Ela sabe que está perdida. Estou com o canivete e o celular do marido dela, e ela não tem nada. Ninguém virá salvá-la.

É o fim de Rosalie Baxter.

QUARENTA

ROSALIE

Eu ainda tinha uma última esperança. A esperança de que Nick recebesse minha mensagem e viesse correndo. Ele viria em meu socorro como sempre veio.

Mas, quando aquela mulher horrível me mostra o celular do meu marido, essa esperança desaparece. E, mais do que tudo, fico apavorada ao imaginar como ela pegou o aparelho. O que será que fez com Nick para conseguir pegá-lo?

– Ah, não se preocupe – diz ela, dando risada. – Nick está bem. Ele deixou o celular na recepção, e eu peguei. – Ela inclina a cabeça de lado. – Quer dizer, por enquanto ele está bem. Mas com certeza vai ser preso por ter matado você. Eu já vou ter ido embora até lá.

À medida que ela se aproxima de mim, sinto como se estivesse sufocando. Será que ela vai conseguir sair livre dessa?

Talvez sim. Há dois anos, foi por pouco que Nick escapou de ser acusado pelo assassinato de Christina Marsh. Se eu for encontrada morta, ele com certeza vai ser acusado e preso por isso. Talvez para sempre.

Não posso morrer assim. Não posso. Era para Nick e eu termos um final feliz. Foi o que a Greta disse! Estou cansada de sentir pena de mim mesma. Se sobreviver a isto, vou aproveitar cada momento que me resta.

A sensação de sufocamento se intensifica, e eu tusso. Quando o som sai da minha boca, a mulher se assusta. Parece preocupada. Então me dou conta de que ela não sabe o que há de errado comigo. Não faz ideia de qual doença tenho. Até onde ela sabe, posso ter algo altamente contagioso.

Então começo a tossir mais.

Ela fica paralisada. Provavelmente eu já deveria estar morta a esta altura, mas ela não sabe o que fazer. A tosse a deixou confusa. Se eu for fazer alguma coisa, a

hora é essa. Porque está claro que Nick não vai vir.

Então reúno todas as minhas forças e me jogo em cima dela.

Por um momento, o mundo se transforma em uma montanha-russa vertiginosa. Não tinha certeza se teria força suficiente para fazer isso, mas, de alguma forma, consigo derrubá-la e caímos as duas no chão. Há um barulho alto quando o crânio dela bate no piso. Não sei se ela ainda está com a faca, mas não vou olhar. Estendo a mão e arranho a lateral do rosto dela.

A mulher grita. Acho que faz tempo que não corto as unhas.

Ela está em vantagem, porque venho apodrecendo neste quarto nos últimos anos, então estou fraca feito um gatinho. No entanto, a adrenalina de quase ser esfaqueada até a morte me devolveu um pouco de força. Nem penso muito. Cravo as unhas e as arrasto com todas as minhas forças. Se ela quer me matar, não vou facilitar. E vou guardar bastante DNA dela sob as unhas para que saibam que não foi Nick quem fez isso comigo.

– Ei! Meu Deus, Rosie!

Faço uma pausa para respirar e olho para cima. Nick está parado ao nosso lado, me encarando. Olho para a mulher misteriosa debaixo de mim e vejo que há sangue no rosto dela todo. Talvez ela esteja inconsciente. Rolo para o lado, saindo de cima dela, ofegante.

– Nick – consigo dizer. – Ela... ela ia...

– Eu sei. – O rosto dele está sombrio. – Eu vi tudo pela janela do quarto 201. Vi a faca. Corri pra cá o mais rápido que pude, mas achei que fosse tarde demais... – Ele olha para a mulher, desmaiada no chão. – Mal sabia eu que minha esposa era uma ninja.

Começo a rir, mas em seguida desato a chorar.

QUARENTA E UM

CLAUDIA

Quando volto a mim, me vejo caída no chão.

Por um momento, estou tão desorientada que não consigo entender o que aconteceu. A única coisa de que me lembro é daquela mulher doente tossindo em cima de mim, como se estivesse prestes a morrer. E, um segundo depois, me derrubando no chão. Não conseguia acreditar na força daquele corpo tão pequeno. Ela estava arranhando meu rosto, e então tudo ficou escuro.

Pisco, e uma dor aguda me atinge na nuca. Não consigo acreditar que ela me derrubou daquele jeito.

O cômodo gradualmente volta a ficar nítido, e percebo que não estou sozinha. Aquele cara, Nick, está sentado na cama, com meu canivete na mão. Seus lábios estão firmemente fechados.

– Não se mexa – diz ele. – A polícia está a caminho.

Observo os olhos dele, que parecem gelo. Ele está falando sério. Afinal, já matou alguém. A amante.

– Olha só. – Eu me esforço para me sentar. – Você não precisa me entregar pra polícia. Ninguém se machucou.

Os olhos dele faíscam.

– Eu falei pra você não se mexer.

Respiro fundo. Não tenho nada a perder. Ele não sabe disso, mas, se não me deixar sair deste quarto no próximo minuto, vai ser meu fim.

– Posso te dar dinheiro. O que você quiser.

Ele apenas bufa.

Tudo bem.

– Sabe – digo –, na verdade, é a sua palavra contra a minha. – Toco

cuidadosamente o rosto, coberto pelos arranhões da esposa dele. Minha mão fica molhada de sangue. – Sou eu que estou machucada aqui. Vou falar pra polícia que você me atacou. Você e a sua esposa maluca. Vocês dois vão pra cadeia.

Nick não esboça nenhuma reação.

– Me deixa ir embora. – Eu me mexo no chão, pronta para me levantar se ele permitir. – Me deixa ir agora, e não conto pra ninguém. Juro.

– Se você se mexer de novo – diz ele, calmamente –, eu enfio essa faca no seu olho. Entendeu, moça?

– Vou falar que você me ameaçou – digo, baixinho. – Você tá fazendo isso neste momento. Está me ameaçando. Em quem você acha que eles vão acreditar?

Nick me encara por um instante, os ombros subindo e descendo a cada respiração.

– Eu vi o que você fez com a Greta – sibila ele para mim. – E você tentou matar a minha esposa. Você tá completamente louca se acha que vou te deixar sair deste quarto de qualquer outro jeito que não seja algemada.

Ah. Ele sabe da velha. Droga.

E agora ouço as sirenes, cada vez mais altas. Nick está segurando o canivete com tanta força que os nós dos dedos estão brancos. Pouco tempo atrás, era eu quem estava com ele nas mãos, e tinha Rosalie encolhida diante de mim. Ela se jogou em cima de mim e me derrubou. Mas basta olhar para Nick uma vez para saber que não vou conseguir fazer a mesma coisa com ele. Sem dúvida, ele vai me matar se eu tentar me levantar.

Alguns minutos depois, a polícia chega. Alguém deve ter contado toda a história por telefone, porque eles parecem saber de tudo. Eles me algemam e leem meus direitos, mesmo com meu rosto sangrando e minha cabeça latejando.

Eles me conduzem escada abaixo, depois para fora, no frio. Tirei o casaco ao entrar na casa, mas não me dão a chance de pegá-lo. Acho que perdi o direito ao casaco.

Ao sair da casa, vejo que arrombaram o porta-malas do meu carro. O policial Scott Dwyer está parado ali, bem ao lado do porta-malas, e quando ele abre dá para ver na cara dele que fica nauseado.

– Ah, meu Deus – diz Scott. – Cadê a droga de ambulância?

Sei o que eles encontraram no porta-malas. Paro de andar abruptamente, surpreendendo o policial que está com a mão no meu cotovelo, me conduzindo até a viatura. Ele tropeça e solta meu braço. Saio correndo na direção do meu carro.

Não, não vou conseguir fugir. Mas quero ver.

É Scott quem pula na minha frente, bem quando outro policial me agarra com força pelo braço. Sempre achei Scott gentil demais para ser policial, mas, neste momento, seus olhos são como pedras de gelo. Ele parece ser capaz de me estrangular com as próprias mãos.

– Como você foi capaz? – grita ele. – Como foi capaz de fazer isso com ela? Sua...

Eu o encaro.

– Desculpa, Scotty. Você perdeu sua chance com ela.

Sua mão direita se fecha. Ele quer me bater. O fato de não fazer isso, mesmo eu sendo um alvo fácil com as mãos algemadas às costas, diz muita coisa sobre ele. Continua um covarde. Não faz nada nem mesmo quando vê a mulher por quem é apaixonado há dez anos sangrando no porta-malas de um carro.

– Ela tá respirando? – pergunto.

Scott lança um sorriso de desprezo na minha direção. Acena com a cabeça para o policial que segura meu braço.

– Leva ela daqui.

Repito a pergunta, mas sinto meu braço sendo puxado com tanta força que meu punho parece que vai quebrar ao meio. Mas sei a resposta. Quinn vai sobreviver. Afinal, ela é a irmã sortuda.

QUARENTA E DOIS

ROSALIE

A impressão que dá é de que a polícia vai ficar aqui para sempre.

Nick me carregou escada abaixo, para que eu não tivesse que ficar perto daquela mulher. Aparentemente, o nome dela é Claudia Delaney. Ela é irmã da outra mulher que estava hospedada aqui, aquela que beijou Nick. Ainda não entendo muito bem por que Claudia Delaney esfaqueou a irmã, mas, pelo visto, ela foi encontrada inconsciente e sangrando muito no porta-malas do carro de Claudia. Levaram-na às pressas para o hospital, mas não têm certeza se ela vai sobreviver.

A polícia passa uma eternidade conversando com Nick. Dá para perceber que ele está se esforçando para manter a calma, repetindo a mesma história várias vezes. E está muito triste por causa de Greta. Ele foi ao quarto dela para pedir que ela chamasse a polícia e a encontrou caída no chão, com uma facada na barriga. Nós dois gostávamos muito dela. Surpreendentemente, ela ainda respirava quando os socorristas chegaram. Mas, como é muito idosa, suas chances não são grandes.

Por fim, a polícia vai embora e, graças a Deus, não leva meu marido algemado. Ele se senta à mesa de jantar, o rosto pálido. Eu me aproximo dele na cadeira de rodas, com medo de perguntar o que ele está pensando. Afinal, nós terminamos. Há algumas horas, decidimos que nosso casamento tinha acabado. Até onde eu sei, ele já desistiu.

– Nick – digo.

Ele ergue os olhos. Vejo que estão vermelhos.

– Oi.

– Você tá... bem?

– Sim, eu... – Ele dá um suspiro. – Ela quase te matou. Não consigo acreditar. Tento sorrir.

– Não. Estava tudo sob controle. Foi tranquilo, joguei ela no chão.

– Jogou mesmo, né? – Ele tenta retribuir o sorriso. – Escuta, Rosie...

Eu me preparo. Não quero ouvir. Não quero que ele diga que vai embora esta noite. Acho que não conseguiria suportar isso depois da noite que tive.

Não, talvez ele não vá embora hoje à noite. Mas vai querer fazer planos para a separação. Não sei mais se consigo convencê-lo a desistir. Essa decisão já vem sendo tomada há muito tempo.

Mas vou tentar.

– Quero ficar com você – diz ele.

Eu o encaro.

– Quer?

– Quero. – Ele esfrega os olhos com as costas das mãos e depois volta a me encarar. – Fiquei péssimo depois da conversa que tivemos mais cedo. Não quero viver sem você. *Nunca*. Estou triste com... com o jeito como as coisas estão. Entre nós. Mas não vou desistir. Eu te amo muito.

– Ah – digo.

– Além disso – acrescenta ele –, acho que você ainda me ama também.

Minhas bochechas ficam quentes.

– Você tá certo. Eu te amo. Amo muito, mesmo.

Ele pega a minha mão.

– Eu sabia.

– Além disso – digo –, acho que esta sala de jantar daria um quarto ótimo.

Pela primeira vez, talvez em anos, vejo os olhos dele brilharem.

– Também acho.

E, assim, passamos uma hora ali sentados, de mãos dadas, fazendo planos para o futuro.

EPÍLOGO

QUINN

Dois anos e meio depois

É uma tarde quente e preguiçosa de domingo.

A temperatura passa dos 30 graus. Eu deveria estar em casa, com o ar-condicionado ligado. Mas, desde minha breve passagem pela cadeia, odeio ficar confinada por muito tempo, então esta manhã, quando estava mais fresco, cuidei do jardim. Vendi nossa casa suntuosa no ano passado e comprei uma muito menor, com um lindo jardim nos fundos. Tenho muito prazer em cuidar dele.

E agora estou comemorando minha manhã de trabalho sentada na varanda da frente, em uma cadeira de balanço, tomando um delicioso copo de limonada com muito gelo. É fim de tarde e a temperatura vai cair em breve. Uma leve brisa levanta alguns fios de cabelo soltos da minha nuca.

Em alguns dias, é simplesmente bom estar viva.

Isso quase não aconteceu. Eu me balanço na cadeira, consciente da tensão no abdômen que sinto em certas posições. Sempre vou ter uma cicatriz ali para me lembrar que quase perdi a vida. Que passei um tempo no hospital em uma situação crítica, com um tubo na garganta.

Tudo por causa de Claudia. Minha irmã.

Eu me senti tão burra quando descobri. Não fazia ideia do ressentimento que ela havia alimentado por mim ao longo dos anos. Jamais suspeitei que fosse ela a mulher com quem meu marido dormia. Ou que estivesse *apaixonada* por ele.

Ainda não acreditaria se ela não tivesse dito na minha cara. Quando tentei lhe oferecer dinheiro para pagar um advogado, ela recusou. *Não venha me oferecer favores. Você nunca fez isso.*

Queria que ela tivesse aceitado. O advogado dela tentou alegar insanidade, dizendo que Claudia tinha um transtorno bipolar não tratado. Eu sabia do diagnóstico, mas achava que o problema estava controlado com medicação – pelo visto, ela havia parado de tomar os remédios, e o pobre Rob não fazia ideia. Enfim, mesmo assim o argumento não colou. O júri a condenou em três acusações de tentativa de homicídio. Ela vai passar muito tempo na cadeia.

Tentei visitá-la, mas ela se recusa a me ver.

Felizmente, contratei um advogado talentoso para minha defesa. Uma recomendação de Scott Dwyer. E o homem do hotel, Nick Baxter, testemunhou a meu favor, contou dos hematomas no meu pescoço. Ele acabou se revelando um cara muito legal no fim das contas. Fui absolvida de todas as acusações quando o júri concluiu que eu havia agido em legítima defesa.

Bebo um gole de limonada no momento em que a viatura da polícia para em frente à minha casa. Levou um tempo até que a visão de uma viatura não me deixasse mais enjoada. É um efeito colateral de ter sido julgada por homicídio. Mas, agora que estou namorando um policial, consegui superar isso.

Scott Dwyer sai da viatura com um sorriso largo. Seu rosto sempre se ilumina ao me ver. E ele trocou o uniforme por uma bela camisa social branca e uma calça. Chega a doer de tão lindo.

Por muito tempo, não conseguia nem pensar em ter um relacionamento com outro homem. Depois que o julgamento terminou, jurei nunca mais me envolver com homens. Mas Scott ficou do meu lado durante todo o julgamento e depois dele, me dando conselhos sempre que podia. Nada aconteceu entre nós, mas ele foi o primeiro amigo que tive em muito tempo. Derek jamais teria permitido que eu fosse amiga de um homem, mas enfim eu era livre para fazer o que bem entendesse.

Então, cerca de três meses atrás, em um dia quente como este, Scott sugeriu que fôssemos tomar sorvete.

E agora somos um casal.

– Pronta pra ir? – pergunta Scott.

Eu me levanto da cadeira de balanço e aliso uns vincos no vestido azul de verão. Coloco uma mecha solta do cabelo escuro atrás das orelhas. Não pinto o cabelo há dois anos e meio, e ele finalmente está com a cor natural. Estava com saudade dela.

– Prontíssima – digo.

Ele olha para o relógio.

– Deve levar mais ou menos uma hora pra chegar lá. Não tem muito trânsito.

Sorrio para ele.

– Não estou com pressa.

Sigo até o carro dele. Scott dá uma corridinha ao redor do veículo para abrir a porta para mim. Sempre digo que ele não precisa fazer isso, mas ele gosta. É gentil da parte dele.

– As críticas do restaurante são fenomenais – comenta Scott, enquanto se senta no banco do motorista. – Mal posso esperar. Tem certeza de que vamos conseguir uma mesa?

– Tenho certeza – respondo. – Liguei mais cedo.

Scott estende a mão para apertar a minha. Em seguida, liga o motor e partimos. Não sei se ele vai ser o homem com quem vou ficar, mas estou feliz com ele agora. Ele me trata bem, e gosto muito dele. E isso é o que importa para mim neste momento.

E, em uma hora, vamos ter um jantar adorável no Rosalie. Nick prometeu que reservaria uma mesa para nós.

• • •

ROSALIE

O Rosalie está cheio esta noite.

Claro, está cheio todas as noites atualmente. O restaurante passou de fechado com tábuas a um fluxo constante de clientes, e, no mês passado, Nick conseguiu uma resenha em um blog de culinária popular, então o lugar vive *lotado*. Pode ser um pouco estressante, mas eu adoro.

A garçonete nova, Vanessa, chega ao balcão com vários pedidos de duas mesas novas. Vanessa começou no mês passado, mas tem feito um bom trabalho. Pego os pedidos no balcão, que baixamos para acomodar uma pessoa que não consegue ficar em pé. Toda a cozinha foi modificada para mim, embora tenhamos deixado muita coisa igual, porque agora apenas administro a cozinha, não cozinho mais. Garanto que todos os pratos que saem da cozinha estejam de acordo com meus padrões. Este não é apenas um restaurante de beira de estrada. É melhor, algo especial. Ou, ao menos, gosto de pensar que é.

– Estão todos satisfeitos com a comida? – pergunto a Vanessa.

Ela assente com entusiasmo.

– As gorjetas estão ótimas.

Dou risada.

– Que bom.

Depois de passar os novos pedidos para minha pequena brigada de cozinheiros, olho para cima e vejo Nick parado na entrada da cozinha. Ele sorri para mim e acena.

– É uma boa hora?

Dou um suspiro exagerado.

– Nunca é. Por que você tem que ser tão bom em divulgar este lugar?

– Sei lá. Por que você tem que ser uma chef tão boa?

Cruzo os braços, apoiando-os na barriga.

– A culpa é sua. Tenho certeza.

– Tá bem, tá bem. – Ele inclina a cabeça de lado. – Como tá se sentindo?

– Estou bem.

– Tem certeza? Porque...

– Estou *bem*, Nick. – Eu o encaro. – Para de se preocupar.

– Desculpa – diz ele, envergonhado. – É que... eu mal consigo esperar, sabe?

Nick normalmente não se preocupa tanto comigo. Desde a noite em que quase morri, ele tem me pressionado loucamente. Mais do que eu gostaria, em alguns dias. Voltamos à Dra. Heller, e ela me receitou alguns medicamentos que ajudaram muito com a fadiga. E um que ajudou muito com a depressão também. Deveria ter tomado os antidepressivos desde o início; só quando a névoa se dissipou que eu me dei conta de quanto minha vida havia se tornado sombria. E ganhei uma cadeira de rodas motorizada para usar fora de casa, para não precisar usar toda a minha energia me empurrando quando a fadiga já era um problema.

Depois que a depressão passou, voltei a me sentir eu mesma. E não conseguia acreditar que quase havia deixado meus sonhos de lado.

Então nós dois nos dedicamos a recuperar o restaurante. O primeiro ano foi lento, mas, como da última vez, acabou decolando. O Rosalie nunca esteve tão movimentado. Há fila de espera praticamente todas as noites.

Portanto, o momento não poderia ser pior. Mas será que existe um momento perfeito para ter um filho? Não importa. Porque, gostemos ou não, daqui a um mês Nick e eu seremos pais.

Depois do que aconteceu da última vez, não posso culpá-lo totalmente por estar preocupado. E é um péssimo momento para tirar licença-maternidade. Um dos meus cozinheiros vai ajudar, mas, como o dinheiro ainda está apertado, Nick vai assumir o serviço nas noites mais calmas. Tenho treinado Nick, e ele não é tão ruim assim. Pode não saber cozinhar, mas entende o que é comida boa. E é

muito organizado e enérgico quando necessário.

– Também estou ansiosa. – Coloco a mão na barriga, que foi ficando cada vez mais pesada nos últimos meses. – Mas não se preocupa. Estou bem. Juro.

Ele se agacha ao meu lado. Apoia a mão na minha, que está sobre a barriga, depois se inclina e me beija. Eu deveria estar dando ordens agora, mas é difícil resistir ao meu marido. Depois de cinco anos vivendo basicamente como estranhos, é como se estivéssemos em uma nova lua de mel.

Precisei quase morrer para isso acontecer.

Nas semanas após o incidente, finalmente descobrimos todos os detalhes, embora a maioria deles tenha sido obtida lendo os jornais. A mulher que apareceu naquela noite, Quinn Alexander, tinha acabado de assassinar o marido. Ela o esfaqueou na barriga, embora houvesse evidências significativas de ter agido em legítima defesa. Nick disse à polícia que viu hematomas no pescoço dela e presumiu que alguém a tivesse atacado. Ele acabou depondo no julgamento de Quinn.

Mas descobriu-se que o marido estava dormindo com a irmã de Quinn, Claudia Delaney. E quando a irmã (pelo visto, já um pouco instável mentalmente) encontrou o cadáver, teve um colapso nervoso. Claudia decidiu ir atrás de Quinn para se vingar. Esfaqueou a irmã e a colocou no porta-malas do carro, com a intenção de se livrar do corpo.

E veio atrás de mim porque achou que eu a vira esfaqueando a irmã. Estava se livrando das testemunhas.

Ela fez a mesma coisa com Greta. Depois que a velha contou o que ela queria saber, Claudia deu cabo dela: esfaqueou-a no abdômen, assim como fez com Quinn. Mas, surpreendentemente, a faca não atingiu nenhum órgão vital e Greta sobreviveu. Em uma semana voltou do hospital para casa. Ela deve ter sete vidas.

– Ei – diz Nick. – Sei que você tá ocupada, mas quer que eu assuma por meia hora pra você poder se despedir da Greta?

– Agora?

Ele dá de ombros.

– Ela vai embora de manhã. O voo é muito cedo, então, se não for vê-la agora, talvez não consiga mais.

Depois que se recuperou dos ferimentos quase fatais, Greta resolveu que queria viajar pelo mundo. *Não tenho muito tempo sobrando. Quero ver tudo.* No começo, achei que ela tivesse esquecido a ideia, mas então, alguns meses atrás, ela nos contou que havia reservado as passagens. O voo é amanhã às sete da manhã.

Olho desconfiada para os pedidos pendentes.

- Tem certeza de que consegue cuidar disso?
- Vai lá! Prometo que vou ficar bem.

Para provar, Nick caminha até o balcão e começa a examinar habilmente os pedidos e a verificar se todos os pratos estão dentro do padrão. Ele pisca para mim, e sorrio de volta. Acho que não há nenhum mal em passar meia hora fora.

Ao passar pelo restaurante, vejo Quinn Alexander sentada a uma das mesas com o namorado, um dos policiais envolvidos no caso. Nick me disse que ela lhe pediu que reservasse uma mesa para esta noite. Os dois estão de mãos dadas sobre a mesa, e o cara está olhando nos olhos dela. Parecem muito felizes. Que bom para eles. Depois de tudo que passou, ela merece um final feliz.

A última obra que Nick fez foi garantir que o caminho do restaurante até o hotel fosse pavimentado, para que minha cadeira de rodas motorizada pudesse deslizar com facilidade. Não vou mentir: fazer tudo que costumava fazer antes tem sido um desafio, mas Nick fez todo o possível para garantir que a transição fosse o mais suave. Tenho sorte de ter a companhia dele, embora ele afirme que tenha a sorte de ter a minha. Talvez nós dois tenhamos sorte.

Uma coisa que não dá para fazer é tornar o segundo andar do hotel acessível para mim. Seria uma nota instalar um elevador, e eu não preciso subir lá para nada. O saguão está lindo agora. Nick colocou um tapete novo no ano passado, de um azul-royal impressionante. Também consertou o teto depois que resolvemos o vazamento no quarto 201. É uma história interessante: o marido da tal mulher, Claudia, veio procurar a gente logo após a prisão dela para pedir desculpa e explicar o que a esposa havia feito. Mas, quando percebeu o vazamento, se ofereceu para subir e consertar de graça. Pelo visto, ele é encanador. Aquele cano vinha vazando intermitentemente há anos, e a ferrugem deixava a água marrom (praticamente vermelha), manchando o teto. Felizmente, não houve nenhum outro vazamento desde que ele consertou, e repintamos a mancha no teto. Robert Delaney sabe o que está fazendo.

Dito isso, ainda não tivemos nenhum hóspede no quarto 201. Nick continua mantendo o quarto fechado o tempo todo, com a placa de NÃO PERTURBE pendurada na porta. Em algum momento, vai ter que abri-lo, mas ainda não está pronto.

Quando chego ao saguão, Greta já está à minha espera. Está sentada numa cadeira de madeira, usando um vestido em vez de uma de suas inúmeras camisolas, com um casaco preto comprido por cima. Quase não a reconheço com uma roupa normal.

- Deixa eu adivinhar – digo. – Seu dom premonitório lhe disse que eu estava

vindo.

Ela ri.

– Não. Nick disse que você daria uma passadinha aqui.

– Ah.

Ela inclina a cabeça.

– Você está linda, Rosalie. Está radiante.

Reviro os olhos.

– Será a gravidez?

– Gravidez... Amor...

Ela estende a mão para pegar a minha, e deixo que a segure. Os dedos dela são frágeis e finos. Não consigo acreditar que ela sobreviveu a uma facada na barriga. Nick e eu tínhamos certeza de que era um caso perdido. Mas ela me contou que já havia sobrevivido a coisas muito piores.

– Você e Nick vão viver felizes para sempre. Eu disse. Disse que havia felicidade no seu futuro.

Eu me lembro de quando ela disse isso. Deixei que ela lesse meu futuro, e ela me disse exatamente essas palavras. Na época, dei risada, porque não conseguia imaginar um futuro feliz para mim. No entanto, cá estou eu.

– Acho que você realmente tem um dom.

– Vou te contar um segredo, Rosalie. – Os dedos dela continuam nos meus. – Na verdade, não consigo ler o futuro. Nem o passado. Sou apenas uma mulher comum.

– *Sério?*

Há uma pontada de sarcasmo na minha voz, mas estou um pouco surpresa com a confissão dela. Não que eu acreditasse nessas coisas, mas, às vezes, Greta parecia mesmo ser clarividente. Afinal, ela previu um final feliz para mim e Nick quando parecia impossível.

– Sim. É verdade.

– Bem... – Dou de ombros. – Parece que sua previsão sobre mim e Nick acabou se concretizando, no fim das contas.

– Sim. É verdade. Claro, eu tive que dar uma forcinha.

– Uma forcinha?

Ela hesita enquanto seus olhos azuis lacrimejantes fitam os meus.

– Rosalie, quero que você saiba que nunca tive filhos. E sempre considerei você uma filha. Queria que você fosse feliz.

– Tá...

– Nick teria te abandonado – diz ela. – Aquela garota, a Christina... era

sedutora. Ela bateu os olhos nele... Ela *queria* ele. E, sem querer ofender, minha querida, mas você não estava se esforçando muito para manter seu marido. Estava entregando ele pra ela de bandeja! Ela me contou que achava que o Nick ficaria melhor sem você.

Fico boquiaberta. Não sabia de nada disso. Sempre achei que tivesse sido um caso passageiro – não que eu tivesse ido atrás de muitos detalhes.

– Então você entende que eu precisei fazer o que fiz – diz ela.

Puxo minha mão.

– O que você fez?

– Salvei seu casamento!

– Greta... – Sinto uma espécie de cólica no baixo-ventre. – *O que foi que você fez?*

Os olhos azuis de Greta estão arregalados.

– Ela mereceu. Olha só o que ela fez. Se envolveu com um homem casado. Também fiquei desapontada com Nick, mas compreendo o que ele estava passando. Ela não tinha desculpa. Era uma pessoa terrível.

Meu estômago revira.

– Greta, você não fez isso...

– Ela nem sentiu nada. – Greta acaricia os longos cabelos brancos. – Peguei a chave no lugar onde Nick guarda, no térreo, e entrei no quarto dela de madrugada. Ela estava dormindo. Acordou por apenas um segundo, e já era tarde demais. Não havia nada que pudesse fazer.

Todos esses anos, tive medo de que Nick fosse o responsável pela morte de Christina Marsh. Eu deveria saber que ele jamais faria algo assim.

Mas também nunca imaginei que tivesse sido Greta.

– Não foi a primeira vez. – Ela diz isso como se não fosse nada, como se estivesse falando sobre andar de patins, e não sobre matar alguém. – Tinha uma mulher no parque que queria o meu Bernie. E aí ela simplesmente... desapareceu. Foi o que a polícia concluiu, pelo menos.

Cubro a boca com a mão.

– Meu Deus...

– Eu estava tentando me livrar da outra pra você também – diz ela. – A Quinn. Quando ela estava aqui embaixo, vasculhei a bolsa dela e descobri seu nome verdadeiro. Então disse várias coisas assustadoras, que ela estava correndo um grande perigo. Deixei algumas mensagens ameaçadoras para ela na Bíblia, na gaveta. Fiz com que ela fosse embora. É claro que, no fim das contas, ela estava *mesmo* correndo um grande perigo.

– Greta...

– Rosalie. – Ela tenta pegar minha mão de novo, mas eu a puxo para longe. – Você está se sentindo mal? Está tão pálida. Não é o bebê, é?

– Não, eu...

Mas a cólica me atinge outra vez. Ainda tenho um mês inteiro pela frente. Não estou em trabalho de parto. Estou apenas tendo um ataque de pânico porque uma mulher morreu por minha causa.

– Greta, como você pôde fazer uma coisa dessas?

Ela me olha, incrédula.

– Eu fiz isso por você, Rosalie. – Seus olhos escurecem. – Se não tivesse feito, você não teria nada disso! Ele teria te deixado. Não haveria restaurante, não haveria bebê. A Christina queria ele. Você não conheceu aquela mulher. Ela achava que eu estava do lado dela, então se abriu comigo.

– Ela... achava?

– Você não faz ideia de como ela falava de você. A esposa inválida do Nick. Frígida, nem toca nele. Ele merece coisa melhor. Era isso que ela dizia.

As cartas de tarô estavam certas sobre o meu futuro todos aqueles anos antes. *Morte*. Porque Nick e eu nos casamos, uma mulher morreu. Mas não foi ele quem a matou. Foi *Greta*.

Greta enfia a mão no bolso de seu longo casaco preto de lã. Tira um papel retangular com as conhecidas palavras NÃO PERTURBE escritas nele. Ela o estende para mim.

– Tirei isso da porta do quarto 201 – diz ela. – Chegou a hora de reabrir o cômodo.

Deixar que o passado fique para trás.

Pego o papel da mão dela, mas ele escorrega dos meus dedos e cai no chão, com as palavras NÃO PERTURBE me encarando, pairando diante dos meus olhos. Eu me inclino para a frente enquanto minha cabeça gira. Sinto aquela sensação de cólica mais uma vez. Não consigo acreditar no que estou ouvindo. Greta matou uma mulher. Não posso simplesmente fingir que não ouvi isso. Preciso chamar a polícia. Tenho que contar a eles o que sei.

– Você não parece bem, Rosalie. – Ela contrai os lábios. – Tem certeza de que não é o bebê? Quer que eu chame o Nick?

– Não, eu...

Mas, antes que possa protestar, sinto um estranho estalo dentro de mim. Olho para a mancha crescente na minha saia.

– Greta...

– Sua bolsa estourou! – Ela bate palmas. – Que emoção! Vou buscar o Nick.

Fico olhando enquanto ela corre até o restaurante para buscar meu marido. Minha cabeça está girando. Estou prestes a ter um bebê. Estou em trabalho de parto.

Mas preciso chamar a polícia. Preciso contar a eles que Greta matou Christina Marsh. Não posso deixá-la escapar impunemente, mesmo que tenha feito isso por mim.

Onde está meu celular? Onde o coloquei?

Menos de um minuto depois, Nick entra correndo no hotel. Seu rosto está pálido, mas ele está sorrindo.

– Greta disse que você está em trabalho de parto. Disse que sua bolsa estourou. Você tá bem?

– Estou bem, mas... – Respiro fundo. – Nick, meu celular...

– Não se preocupa com o seu celular. Estou com o meu. Vamos, a bolsa da maternidade está no porta-malas.

– Mas eu preciso...

– Rosie, temos que ir! – Os olhos dele estão brilhando. – Vamos lá, vamos até o hospital pra ter esse bebê! – Ele se inclina e me abraça. – Mal posso esperar. Eu te amo muito, Rosie.

– Cadê a Greta? – pergunto.

– Ela disse que precisava ir. Acabou conseguindo um voo pra hoje à noite e teve que sair às pressas, mas pediu pra dizer que você vai ser uma mãe maravilhosa.

Olho para ele, a cabeça latejando. Outra cólica toma conta da minha barriga. Ele tem razão: preciso ir para o hospital. Não há tempo para chamar a polícia agora. E, quando eu fizer isso, Greta já vai estar fora do país.

Ela planejou assim. Sabia que, se me contasse, eu me sentiria obrigada a denunciá-la. Por isso, só me contou no último segundo. Mas queria que eu soubesse. Queria que eu soubesse que tudo que tenho é graças a ela. E está certa: Nick poderia muito bem ter me deixado por Christina. Se ela não tivesse feito o que fez, ele não estaria mais comigo. Eu não estaria a caminho do hospital, prestes a ter meu primeiro filho. Talvez nem estivesse viva.

Foi errado ter matado aquela mulher. Ela nunca deveria ter feito isso. Mas não posso dizer que sinto muito. E, neste momento, tomo a decisão.

Se tivermos uma menina, vamos chamá-la de Greta.

AGRADECIMENTOS

Tenho que ser sincera: não costumo ler os agradecimentos nos livros. Desde que comecei a escrever, descobri que sou parte de uma minoria. Muitas pessoas leem os agradecimentos. Na verdade, consigo pensar em pelo menos três pessoas que vão comprar um exemplar deste livro e vir direto para cá, sem ler nenhuma outra palavra antes. (Oi, pai!)

Portanto, é uma grande pressão fazer com que esta seja uma parte interessante do livro. Em especial porque basicamente agradeço sempre às mesmas pessoas. Harper Lee só precisou escrever um agradecimento a cada sessenta anos, mais ou menos. Que inveja.

Primeiro, obrigada à minha mãe e sua incrível tendência à hipérbole. (“Este é o melhor livro que já li! Não consigo parar de chorar!”) Obrigada a Kate, pelo feedback positivo e encorajador. Obrigada a Rebecca, pelos ótimos conselhos (e por toda a sorte!). Obrigada a Nelle, pelos conselhos completos e ponderados (além disso, sabia que você tem o mesmo primeiro nome que Harper Lee?). Obrigada a Rhona, por estar sempre disposta a avaliar outra capa. Obrigada a Mel, por não querer avaliar outra capa, mas fazer isso mesmo assim. Obrigada a meu incrível grupo de escrita.

E obrigada ao meu marido. Você pode não ler meus livros, mas fico feliz que saiba o que significam as palavras “Não perturbe” em uma maçaneta.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE FREIDA McFADDEN



A empregada

Todos os dias, Millie limpa a casa de Nina e Andrew Winchester de cima a baixo. Pega a filha deles na escola. Prepara refeições deliciosas para a família toda antes de poder se recolher e enfim comer o próprio jantar, sozinha em seu quarto minúsculo e claustrofóbico no sótão.

Quando Nina passa a sujar todos os cômodos de propósito só para vê-la limpar, Millie tenta não perder a cabeça. Quando Nina conta mentiras perturbadoras sobre a própria filha e tortura psicologicamente o marido, que parece mais e mais fragilizado, Millie tenta ignorar.

Afinal, com o passado problemático que tem, Millie tem mais é que agradecer por ter conseguido esse emprego.

No entanto, ao olhar bem dentro dos lindos e doces olhos de Andrew e ver o sofrimento contido neles, Millie não consegue deixar de imaginar como seria ter a vida de Nina. O closet cheio de roupas, o carro elegante, o marido perfeito.

Logo os Winchesters vão descobrir que não fazem a menor ideia de quem Millie é de verdade. Nem do que ela é capaz de fazer...



O segredo da empregada

Achar alguém que não faça mil perguntas sobre a vida – e o passado – de uma candidata a empregada costuma ser praticamente impossível. Por isso, Millie mal consegue acreditar quando Douglas Garrick a contrata.

O plano dela é trabalhar na casa da família por um período curto, de preferência sem atrair nenhuma atenção, até alcançar seu objetivo maior.

Só que, enquanto ela passa os dias limpando a cobertura deslumbrante e preparando pratos requintados para o casal, a Sra. Garrick nunca sai do quarto. Na verdade, as duas não foram sequer apresentadas. E Millie tem certeza de que já a ouviu chorando.

Certo dia, ao colocar a roupa para lavar, ela vê manchas de sangue na camisola da mulher. Não é a primeira vez, e Millie decide descobrir o que está acontecendo. Quando finalmente consegue entrar no quarto, o que vê lá dentro muda todos os seus planos.

Alguém precisa pagar. E o preço depende unicamente do que Millie está disposta a fazer.



A empregada está de olho

Acostumada a limpar a casa dos outros, Millie mal consegue acreditar que esta realmente pertence a ela. A cozinha charmosa, a tranquila rua sem saída, o quintal enorme. Ela e o marido, Enzo, economizaram por muitos anos para poder dar aos dois filhos a vida que eles merecem.

Como nada é perfeito, assim que ela conhece a Sra. Lowell, sua nova vizinha, a mulher a deixa desconfortável com suas críticas disfarçadas de elogios e a intimidade forçada com que trata Enzo. Mas, ao receber um convite dela para jantar, Millie tem a oportunidade perfeita para desfazer a má impressão.

Quando a empregada dos Lowells abre a porta, de avental branco e cabelos presos num coque apertado, Millie está decidida a ser simpática, afinal, sabe exatamente como é estar nessa posição. Só que o olhar insistente dela lhe dá calafrios. E essa não é a única coisa esquisita no novo bairro.

Millie passa a ver uma figura sinistra sempre à espreita, observando sua família, e, para piorar, seu marido começa a fazer passeios noturnos misteriosos. Para completar, a mulher que mora do outro lado da rua a adverte: "Se eu fosse você, tomaria cuidado com aquela mulher."

Será que comprar essa casa foi um erro? Millie acreditava que havia deixado

seus segredos mais sombrios para trás, mas talvez esse bairro aprazível seja o lugar mais perigoso de todos.

SOBRE A AUTORA



FREIDA McFADDEN é uma médica especializada em lesões cerebrais com mais de 20 livros publicados e traduzidos para mais de 45 idiomas, entre suspenses psicológicos e romances médicos.

Com *A empregada*, que já vendeu mais de 3 milhões de exemplares e teve os direitos negociados em 36 países, Freida chegou ao topo das listas de mais vendidos.

Mora com a família e seu gato preto em uma casa centenária de três andares, cujos degraus rangem a cada passo e onde ninguém vai ouvir se você gritar. A não ser, talvez, que grite muito, muito alto.

CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento

Até o último de nós

A sete chaves

O filho perfeito

A mulher em silêncio

Querida Debbie

A ex

Não perturbe

SÉRIE A EMPREGADA

A empregada

O segredo da empregada

O casamento da empregada (apenas e-book)

A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

